ANTONIO TORRES

Pasquinadas Cariocas

2.ª EDIÇÃO — 6.º MILHAR

1922
LIVRARIA CASTILHO
A. J. DE CASTILHO — EDITOR
R. da Alfandega, 124—Rio de Janeiro

PASQUINADAS CARIOCAS

DO MESMO AUTOR

VERDADES INDISCRETAS, 8 milheiros.
CORRESPONDENCIA DE JOÃO EPISCOPO, De collaboração com Adoasto Godoy.
PRÓS & CONTRAS.

A sahir:

MARTIM AFFONSO DE SOUSA, (Romance profundamente historico).

ANTONIO TORRES

Pasquinadas Cariocas

2.ª EDIÇÃO

1922
LIVRARIA CASTILHO
A. J. DE CASTILHO — EDITOR
R. da Alfandega, 124—Rio de Janeiro

AO LEITOR QUE AINDA LÊ PREFACIOS...

O meu ultimo livro Verdades Indiscretas *mereceu a alguns jornaes, do Rio e dos Estados, captivantes referencias que aqui agradeço.*

Um critico avisado do Rio de Janeiro, tecendo-me louvores por entre argutas reservas, disse ser pena que toda a minha litteratura fosse «lamentavelmente pessoal». Si do outro livro tal pensou, não sei o que deste pensará. Com effeito, este é muito mais pessoal.

Os motivos, ou antes, os meus postes para exercicios de box, *são sempre os mesmos: cabotinos, fabricantes de parvoices litterarias, medalhões empavonados, meretrizes particulares empavezadas em grandes damas, academicos e maridos um pouco mais accommodaticios ainda do que as mesmas esposas...*

Que culpa terei eu, por acaso, de que os individuos sejam sempre os mesmos? E, não escrevendo acerca de pessôas, que assumptos haverá disponiveis no nosso paiz? Os assumptos chamados de ordem geral são privilegio dos jornaes. Além disso, tratar de problemas geraes, desses que se chamam assumptos constructores, *é tão inutil entre nós como tratar de questões pessoaes... Inutilidades por inutilidades, prefiro as pessoaes, por mais divertidas. Com ellas me divirto a mim e ao leitor. Da inferioridade desse genero litterario ninguem possue mais nitida consciencia do que eu. Ah! quanto eu quizera poder produzir um bom livro! É provavel que eu o faça algum dia, principalmente agora em Londres, para onde vou, isto, ainda assim, caso não exterminem em mim a flôr do enthusiasmo o contacto daquelles climas asperrimos e o horrivel da culinaria ingleza...*

Quanto ao meu tão apedrejado espirito demolidor, existe muito mais no espirito dos que o malsinam. Nunca destrui nem destruirei coisa nem pessôa alguma no meu paiz, pela muito simples razão de que não ha construcção mais solida do que uma mediocridade. Si alguem existe perfeitamente convencido da in-

utilidade, no nosso paiz, não só de qualquer tentativa demolidora, como de qualquer esforço moralisador e constructor, para usar da linguagem dos homens serios, esse é por certo o pae deste livro. A unica aspiração delle é escrever paginas que não façam bocejar muito a quem quer que as leia, e dêem ao leitor a mesma illusão de que é victima o autor: a illusão da Verdade.

A. T.

LITTERATURA HYSTERICA

Deixei que cessasse o ruido dos encomios conclamados em torno do romance EXALTAÇÃO, da sra. Albertina Bertha, para então poder dizer algo equilibrado a respeito desse livro.

Trata-se de uma escriptora que vem posthumamente paranymphada por Araripe Junior, a quem gerações passadas consideravam grande critico. Os jornaes já a elogiaram. Varios medalhões já lhe dirigiram as thurificações do estylo. Resta agora que os que não são figuras de prôa digam com desinteresse a impressão que lhes causou a leitura da EXALTAÇÃO.

Obriga-me a sinceridade a dizer que considero a autora senhora de relativa intelligencia. A sua conferencia sobre Nietzsche, posto não traga novidades de polpa, accusa na conferencista habitos de leitura felizmente pouco communs entre as nossas patricias, que, de passagem se diga, seriam intoleraveis si levassem a vida a ler philosophias allemãs ou quaesquer outras.

O seu preparo mental, entretanto, vê-se, pelos seus escriptos, ter sido mal dirigido. A escriptora patricia tem idéas philosophicas de meia duzia de escolas, sem haver conseguido assimilar nenhuma. Não possue cultura, no sentido verdadeiro da palavra. Possue variadas impressões de leituras apressadas. Cultura quer dizer synthese, ou, para citar Nietzsche, tão do agrado da sra. Albertina Bertha, é «a fusão de todos os estylos na harmonia de um estylo unico». Eis justamente o que lhe falta: harmonia. O seu estylo, reflexo do seu voluvel pensamento, é feito de impetos desencontrados. Scintillam nelle phrases luminosas junto de periodos que são verdadeiros cipoaes de synonymos, mettidos na phrase a martelo, e retumbantes ampliações que tornam hydropico o seu romance.

Trecho de antiga carta de Araripe Junior, que a autora transcreve no seu livro á guisa de anteloquio, compara o seu estylo ao de Euclydes da Cunha.

De duas, uma: ou Araripe não leu Os Sertões, ou, si os leu, não logrou entendel-os, não conseguiu vislumbrar-lhes a estructura interior. O unico traço commum que existe entre a sra. Albertina Bertha e Euclydes da Cunha é a ausencia de rythmo. Ainda assim, esta ausencia, que na Exaltação é uma falha, em Os Sertões é uma caracteristica. Seja como fôr, afóra a ausencia de rythmo, ha entre a Exaltação e Os Serões a differença fun-

damental que existe entre uma tentativa de arte plastica mal definida e um verdadeiro monumento, realizado e imponente, embora de proporções e delineamentos barbaros. Emquanto a sra. Albertina Bertha, nas suas plethoricas descripções de paizagens e nas suas exaltadas pinturas de hypotheticos estados d'alma, amontôa as palavras e multiplica as phrases, como possuida de incoercivel nevrose de synonymia, sem conseguir transmittir ao leitor as suas impressões, Euclydes da Cunha, musculoso pelo estylo e gigantesco pelo pensamento, dava-nos em meia pagina uma paizagem sertaneja, não com a precisão geometrica de um engenheiro que faz calculos geodesicos, mas com a voluntariosa pujança do artista que viu a paizagem, fecundou-a com a sua visão, concebeu-a, fixou-a de accôrdo com a verdade esthetica e obriga o leitor a vel-a, a fecundal-a e a concebel-a toda a vez que a sua descripção lhe cáe sob os olhos.

O estylo da sra. Albertina Bertha é epidermico; o estylo de Euclydes da Cunha é medullar. Como Stendhal, elle era, algumas vezes, subterraneo, mas sempre justo na selecção das palavras. Não collocava vocabulos pelo prazer romantico de ouvir tintinabular a phrase sonora e cascalhante. Era um colorista fulgurante e audaz. Cada palavra de Euclydes tem uma razão implacavel que a justifica. Em resumo — a sra. Albertina Bertha é uma escriptora eloquente, é uma dominada pela super-

stição verbalista. Euclydes, ao contrario, era um atormentado das fórmas superiores do pensamento, e atiraria, sem remorsos nem saudades, os lexicons pela janella no dia em que verificasse experimentalmente a inutilidade do vocabulario. Elle só amava a palavra emquanto ella pudesse objectivar-lhe o pensamento. Paginas se encontram nas suas obras que valem por trechos impressionistas de qualquer das grandes literaturas do Velho Mundo. Teria sido um escriptor de universal nomeada, si não houvesse escripto em lingua portugueza.

Além dessas falhas de estylo, falhas decorrentes, em ultima analyse, da nevrose vocabular da escriptora, tem EXALTAÇÃO gravissimos defeitos de linguagem, imperdoaveis numa escriptora que se preoccupou com impressionar, sobretudo, pela magia do estylo.

Mas, vamos ao romance propriamente dito, ao entrecho e ao ambiente em que se movem as personagens.

O ambiente é o Rio com a sua sociedade mediocre e pretenciosa.

Ladice, a heroina de EXALTAÇÃO, é uma rapariga de excellente familia, educada a primor e tendo aos dezoito annos uma leiturazinha bem soffrivel de autores que as raparigas geralmente não devem lêr. Apezar de educada em collegio de freiras, conhece mythologia; e a vida intima dos gregos, ainda nas minucias mais escabrosas, não tem segredos para ella... Esta Ladice, ainda solteira, ouve fallar de um

poeta, Theophilo de Almeida, artista celebre. Lê-lhe os poemas e tanto basta para que fique estonteadamente apaixonada pelo vate. Mas este já é casado. De outro lado, para satisfazer a familia, ella se casa com um dr. Francisco de Assis, bom sujeito, honesto, sentimental e... manso. Nunca mais, entretanto, se esqueceu do poeta. Um bello dia encontram-se numa festa de caridade. Dahi em deante Theophilo passa a frequentar a casa de Ladice. Tempos depois, ha entre elles uma declaração de amor e Ladice é que passa a frequentar o aposento do poeta... Tudo quanto ha de mais natural. Como de ordinario acontece em taes emergencias, o probre do Assis, que de nada suspeita, anda sempre encantado com o amante da mulher...

Depois de algum tempo desses amores clandestinos, estando Ladice um dia sózinha no quarto de Theophilo, encontra casualmente e lê um bilhete choroso, em que a mulher do poeta, ausente, na provincia, em tratamento de saúde, lhe supplica que vá ter com ella, que o ama tanto, etc., etc., etc.. O choro costumeiro das mulheres em taes casos. Ladice tem tal ou qual compaixão da pobre esposa a quem roubou o marido e, por isso, assenta em acabar com *aquillo*. Como, porém, não póde viver sem o amante, resolve suicidar-se escrevendo antes uma inflammada carta ao poeta, carta que é o fecho do romance.

Como expõe a sra. Albertina Bertha o painel desse paixão?

Arbitrariamente.

A autora de EXALTAÇÃO se esqueceu de que a feitura de um romance, seja elle de que genero fôr, deve obedecer a duas leis, segundo Bourget: a lei da credibilidade e a lei da duração ou perspectiva. A primeira manda que a effabulação do romance e as differentes attitudes das personagens possam ser acreditadas pelo leitor. A segunda quer que a effabulação e os episodois que a compõem decorram num lapso de tempo que não prejudique a credibilidade da narrativa, nem aborreça o leitor. Taes regras não se encontram, por certo, em tratadistas.

Do sentimento artistico do romancista e da sua noção da vida depende fazer que o seu romance corra entre estas duas leis com a mesma graciosa facilidade com que um golphinho resvala por entre duas ondas. Balzac encerra em algumas paginas uma eternidade de amor. Daudet, em duas ou tres paginas, concentra angustias que nos commovem, Bourget, em meia pagina, nos deixa entrever uma tragedia interior. .

Ambas as qualidades supra mencionadas faltam á EXALTAÇÃO. Ladice é uma mulher grandiloquente, *bas-bleue* e palavrosa, que a creadora entendeu fôsse hysterica e nymphomaniaca. Falta-lhe, porém, vida interior. É uma creação arbitraria, titere dotado de palavra

e de movimentos automaticos, mas sem alma. Não é possivel que exista em parte alguma do mundo mulher de tal especie. Seria um phenomeno que todos os psychiatras reclamariam para os seus pavilhões de observação, caso os teratologistas não o reivindicassem para os seus amphitheatros. O seu poeta Theophilo é de uma sensaboria enervante. É um cavalheiro que, passeando com ella pela bahia de Guanabara, á noite, faz-lhe discursos lyrico-bombasticos, como os do sr. Pinto da Rocha: «Ó mulher divina, recebe o meu amor, a eurythmia de meu corpo e de meu espirito, etc.»

Isto a queima-roupa deve ser horripilante. Mas Ladice, apertando-lhe a mão, responde no mesmo tom: «Luz, fôrça, poder de minha juventude, eu te amo!»

Theophilo, entretanto, não se contenta com o discurso. Recita-lhe no original uma quadra de Swinburne.

Ladice, que sabe inglez, comprehende o namorado e responde: «Eu sou a rosa verde do destino; tu és a sua certeza, a sua duvida: dous elementos em um só».

O poeta, sempre em inglez, deflagra segunda estrophe.

Ladice, sem se assustar, replica: «Eu sou a fórma, tu és a idéa; eu sou o começo, tu és o fim — nossos labios são os mesmos labios».

Este desafio polyglottico-sentimental derrama-se por duas paginas e meia, emquanto a

lancha continúa a singrar as ondas guanabarinas, illuminadas romanticamente pelo luar...

Todas as expansões amorosas de Ladice e Theophilo decorrem sempre assim, neste pedantismo da sensualidade. Theophilo, com a sua rhetorica parvoínha, é uma creação tão arbitraria quanto Ladice. Não creio que exista no Rio de Janeiro poeta como o da EXALTAÇÃO. Ladice, com o seu nietzscheismo extremado e já fóra de moda nestes tempos de revivescencia espiritualista, com os seus sestros philosophicos e o seu verbalismo congesto, não é uma amorosa: é uma cabotina do amor. Si uma senhora intelligente chegasse a defrontar-se, na vida de sociedade, com um poeta discursador como Theophilo, sendo realmente dama de espirito, devêra tomal-o á sua conta para divertir-se a expensas delle. E si houvesse um homem de letras bastante infeliz para encontrar na senda da vida uma mulher como Ladice, o menos que devêra fazer fôra disfarçar, accender o seu charuto e safar-se...

Muito havia ainda para dizer acerca de EXALTAÇÃO e das correntes estheticas que, por ventura, hajam influido na autora. Fôrça, entretanto, me é pingar o ponto final. Que concluir, pois, do que vae dito? Talvez fôsse melhor pôr em pratica aquillo de Henry Frederic Amiel quando diz que o verdadeiro critico não conclue nunca... Digamos todavia, mais uma vez, á maneira de conclusão, que a sra. Albertina Bertha é uma intelligencia vi-

ciada por leituras mal orientadas. A escriptora patricia deve deixar *assentar* no seu espirito as noções que já adquiriu e aperfeiçoal-as pelo estudo. Quando passar essa phase de embriaguez verbal, talvez a sra. Albertina Bertha nos dê um bom trabalho de intuscepção e de synthese. A tentativa actual falhou É, porém, o seu primeiro livro. Vale por um balanço de capacidade. Um primeiro livro é quasi sempre uma experiencia; quasi nunca realisação definitiva. Terminando, peço á illustre patricia sopitar, por alguns instantes, a sua estranheza e attender ao seguinte: preferivel se me affigurou fallar-lhe com esta franqueza a entoar-lhe dithyrambos em publico para depois estilhaçar-lhe a reputação artistica pelos cantos, segundo o costume das rodas litterarias do Rio de Janeiro. Quem lê elogios no jornal não vê coração. Fallo-lhe com experiencia...

OS EMPRESARIOS DE BANQUETES

Nada mais facil nem mais simples do que offerecer um banquete no Rio de Janeiro a qualquer medalhão, pouco importando ao caso que elle seja gatuno, alcaiote e canalha consummado em todas as artimanhas com que os espertalhões ganham dinheiro, posições e relevo na sociedade. Sem fallar na antiguidade, quando os ágapes tinham significação religiosa, consideremos apenas, por alguns instantes, o que representavam os banquetes, ainda entre nós, antes da proclamação da Republica. Na sociedade do nosso Segundo Imperio, offerecer um banquete a alguem era dar-lhe prova publica de estima tão alta quanto rara, porque só em muito especiaes circumstancias os grandes homens do antigo regimen se prestavam a servir de fundo de quadro em festas collectivas que se dedicassem a figuras que se impozessem pela intelligencia e pelo valor moral aos seus contemporaneos. É que acima de todos elles estava a grande personalidade do Im-

perador, cuja severidade no julgamento dos homens se pautava pela austeridade da sua propria vida e pela varonilidade com que elle defendia e fazia respeitar a pureza de certos principios. Jámais, no tempo de Dom Pedro II, se lembraria alguem de congregar altos politicos e altos magistrados, professores, academicos e jornalistas de certa linha moral em torno de um aventureiro, maxime si tal individuo não fôsse capaz de explicar com muita clareza a exisetncia de certos hiatos na sua vida privada e, ainda mais, si, feito o processo da sua vida, ficasse averiguado ter elle algum dia injuriado a nossa nacionalidade.

Hoje qualquer troca-tintas, com um pouco de ousadia e nenhum sangue no rosto, reune com a maior facilidade, em torno de um trangalhadansas qualquer, duas ou tres dezenas de nomes, representantes de matizes varios, desde o homem de bem que, ingenuo e timido, se deixa arrastar pelo espertalhão, até aquelle outro que já nada tem a perder, e mais aquelle que se aproveita da occasião para ver o seu nome em letra de fôrma, entre senhores de importancia.

Geralmente esses empresarios de banquetes são anonymos que, descrendo do proprio esforço para luctar e vencer honestamente, acham mais commodo transformar-se em satellites opacos de figuras insignificantes em si, mas dotadas de certa capacidade de acção nos circulos suspeitos que as toleram; e é tal

a nevrose banqueteante que nos assaltou de certo tempo a esta parte, que de ordinario se realisam no Rio de Janeiro quatro, seis e mais banquetes por mez, offerecidos por toda a gente a toda a gente, a proposito de tudo, ou ainda sem proposito algum. Depois que uma lei, não sei si municipal ou si federal, prohibiu as rifas, aquellas *acções entre amigos* que eram o terror de quem lograsse fama de possuir algum dinheiro no bolso, surgiram as listas de adhesões a banquetes. Taes listas constituem hoje uma praga das mais perigosas, a oitava praga do Egypto. Parece que Deus, querendo castigar a nossa falta de altivez, bradou do alto das suas nuvens biblicas: «Eu ferirei esse povo com uma nova praga — *vulnus ævum et pessimum*. Andarão nas suas cidades monstros que lhes apresentarão listas de banquetes; e elles assignarão; e o seu nome será entregue á ignominia; porque assim fallou o Senhor Deus de Israel, de Abrahão e de Jacob; e elles irão a banquetes e festins, mas não haverá alegria para o seu coração; porque o seu coração é impuro, e immundo é o seu sangue; e está escripto que a tristeza é o quinhão dos corações impuros; e os de coração limpo cantarão as glorias do Altissimo; e os que apresentarem listas de banquetes terão a maldição divina, e todos fugirão delles como se fugissem de leprosos; porque o Senhor Deus lhes tirou a sua benção e elles serão infelizes e despreziveis por toda a face da terra; porque o Senhor

os amaldiçoou por todos os seculos dos seculos; e os sete espiritos que estão deante do Altissimo, curvando-se, disseram: Amen.»

Assim disse o Senhor, mas nem todos escapam á voracidade dos Barnuns de banquetes. Alguns, por timidez, outros por commodismo, muitos por interesse, pela simples gloriola de apparecer de casaca no Assyrio ou no salão do Jockey-Club, pela vaidade infantil de poder contar coisas do banquete em rodas de senhoras, adherem. Não são homens: são emplastros adhesivos, que a Natureza poz á disposição de qualquer manipulador de homenagens.

Não vemos ahi o banquete que se offerece hoje a Carlos Malheiro Dias, autor da MULATA, livro pornographico em que ha os peiores insultos ao Brasil? E esses insultos, dos quaes elle não se retratou emquanto a prosperidade lhe sorriu em Lisbôa; dos quaes não se retratou depois que voltou ao Brasil, tangido pela revolução republicana de 1910; esses insultos que elle escreveu no BRASIL, em 1894, quando o paiz se debatia na rede mais inextricavel de difficuldades com que jamais luctámos; esses insultos innominaveis impedem que elle tenha as homenagens de professores, de jornalistas, de deputados, senadores e de mais meia duzia de cabotinos litterarios, que soffrem o insulto collectivo atirado á sua raça, ás suas mães, ás suas irmans, aos seus paes, aos seus filhos, ás suas filhas, ás suas

esposas, ás suas familias, contanto que depois esse meliante lhes acaricie a vaidade com elogios e retratos na sua revisteca de frivolidades? Eu não invento. É no seu livro que se diz que os brasileiros vendem as proprias filhas; que somos uma raça de negroides degenerados, perversos e covardes; que o paiz nas nossas mãos não poderá progredir, etc., etc.. Limito-me a citar, textualmente, o seguinte trecho, da pagina IX, do prefacio da MULATA:

Pensei um pouco o que será da patria entregue aos vossos braços de positivistas e de materiaes, vendo a alma atravéz uma definição de philosophia materialista, incapaz de um bello esforço, raça degenerada, desesperançada, carregando com um paiz virgem, que se entregou confiante como uma india nua, embalada de amor e fantasia... O que será então do Brasil, abandonado a uma geração desequilibrada, com uma litteratura perversa e mentecapta sem artes, sem tradições, sem aspirações, sem uma grande ambição na vista, sem uma grande temperança no coração.

Será possivel que seja eu um dos raros que estão em erro? Com quem estará então a verdade? Com quem, a justiça? Commigo ou com os que vão banquetear Malheiro Dias? Com os que fecham os olhos para não ver a luz grande da Verdade, ou commigo que lh'os procuro abrir em vão? Mas eu já não quero fallar a brasileiros. Pergunto sómente aos velhos portuguezes residentes no Brasil: *estran-*

geiro que escrevesse a respeito de portuguezes a decima parte do que Malheiro Dias escreveu na MULATA *a respeito dos brasileiros seria tolerado cinco minutos em Lisbôa?* Si me responderem que sim, e m'o provarem com factos reaes, estendo-lhes a mão á palmatoria.

Mas o que mais me admira em tudo isso não é a insolencia do Malheiro. Oh! na nossa vida de imprensa encontramos diariamente tantos insolentes, que afinal acabamos por nos familiarisar com o desaforo. O que me assombra é a facilidade com que homens de responsabilidade consentem que qualquer valdevinos, mais ou menos engravatadinho, sorridente, espertinho, com a sua visão de roedor, use do seu nome para offerecer banquetes a este ou aquelle, sem o menor motivo apparente. Aliás, no caso do banquete do Malheiro, além de certos motivos geraes, devemos lançar na escripta outros coefficientes: o da vaidade imbecil, por exemplo.

Malheiro Dias é director da *Revista da Semana*. É uma revista de futilidades, como as ha e haverá em qualquer cidade onde a Tolice Humana for alliada dos requintes da Civilisação. A *Revista da Semana* publica noticias de bailes, casamentos, recepções, etc., com as respectivas gravuras. Por exemplo: O ENLACE TEIXEIRA COIMBRA - CARVALHO PIRES. Apparece então o noivo sentado ao lado da noiva; elle com os bigodes frisados, casaca, peitilho reluzente, collarinho teso, claque fe-

chada, olhos arregalados, na posição de manequim de armazem de roupas feitas; ella... ora, não vale a pena fallar da noiva; deixemol-a em paz, já que seu noivo e seu pae tiveram a crueldade de expor ás turbas, como Barnuns domesticos, as emoções do seu dia de nupcias. A *Revista da Semana* publica tambem retratos de jovens poetas estreantes, de academicos, de magistrados e de açougueiros, pharmaceuticos e amanuenses, conforme combinação. *Ayez l'obligeance de payer à la caisse, Monsieur*...

Ora ahi está a razão occulta, mas verdadeira, de toda essa solicitude com que senadores, deputados, academicos e poetastros adheriram ao brodio de hoje á noite. Elles não se lembram de que o director da *Revista da Semana* (publicação que pretende ser o orgão official da gente fina do Brasil), insultou a raça dessas mesmas senhoras e senhoritas que a lêem aos sabbados. Eram meninas em 1894 muitas das senhoras que hoje se extasiam deante das louvaminhas interesseiras com que Malheiro, ratinho portuguez brilhantinado e velhacoide, lhes gaba o sorriso, os olhos, as roupas, o rosto e o resto... Ellas de certo ignoram que o director da *Revista da Semana*, em 1894, as insultou no seu proprio sangue e no sangue de seus filhos. Estou convencido de que ellas não seriam capazes de adherir a banquete feito em homenagem a individuo que durante a juventude, exactamente na epoca em que

o homem, si não fôr um degenerado, se inclina a todos os sentimentos generosos e a todas as idéas altivolas, as insultou no sangue do seu sangue; e, seja como fôr, não posso comprehender que homens com responsabilidades na representação nacional, na magistratura, nas letras e no magisterio superior da capital do Brasil se assentem hoje de noite á mesa de um banquete que se offerece ao homem cuja mão venal escreveu injurias contra o povo brasileiro. Eis ahi uma circumstancia em que eu não me ufano do meu paiz...

A LIGA DOS GATOS PINGADOS

Quando se escrever a HISTORIA DO GROTESCO no nosso paiz, um dos capitulos mais curiosos, si fôr escripto com talento e bom humor, será o relativo á *Liga pelos Alliados*, cuja dissolução foi votada agora por sete cidadãos presididos pelo sr. commendador-positivista Reis Carvalho, em vista do «restabelecimento da paz com o triumpho dos alliados.»

Esta Liga foi fundada aqui em 1914, quando começou a guerra européa. Alguns cidadãos, convocados pelo sr. Graça Aranha, resolveram-se reunir-se em aggremiação destinada a defender da avenida Rio-Branco a França e a Civilisação contra a barbaria allemã. Realmente, em 1914, ficou provado que a Allemanha era o paiz mais barbaro do mundo. É verdade que nem na Allemanha nem nas colonias allemãs da Africa se queimavam negros na praça publica, tal como succede nos Estados-Unidos. Mas isso pouco importava. O essencial era provar que a Allemanha era

paiz de barbaros. Debalde os allemães tinham, durante quasi um seculo, concorrido poderosamente para o progresso do nosso paiz, mandando-nos milhões de colonos de ambos os sexos, fortes, robustos, sãos, honestos, trabalhadores, dedicadissimos á agricultura e tão amigos da nossa terra, que a maioria delles, uma vez aqui chegada, por aqui ia ficando, por aqui se casava e por aqui ia deixando os ossos. Mas isso pouco importava. Era preciso ficar estabelecido que os allemães eram barbaros, elles que nunca nos quizeram tomar a ilha da Trindade, como a Inglaterra, nem quizeram atirar todos os seus negros no valle do Amazonas, como os nossos bons amigos norte-americanos.

Assim, estabelecido e provado que a Allemanha, patria de Gœthe e do 914, era barbara, cidadãos brasileiros fundaram a *Liga pelos Alliados* para defender a Civilisação e a Humanidade alli no Club de Engenharia. Fundada a Liga, o sr. Graça Aranha, seu principal fundador, foi para a França; e José Verissimo, seu primeiro presidente, morreu. Estes foram, aliás, os feitos mais importantes daquella sociedade civilisadora. Ausente Graça Aranha, morto José Verissimo e não havendo quem quizesse commandar os da Liga, assumiu a presidencia um homem conspicuo pelos bigodes e temido pelos sonetos: o sr. Reis Carvalho, funccionario da Alfandega e do positivismo orthodoxo. Dahi por deante a Liga en-

trou no que podemos chamar o seu periodo aureo. Si os allemães tomavam uma aldeia franceza, ahi vinha para os jornaes uma proclamação da Liga, protestando em termos vehementes, contra aquelle acto de barbaria. Si os allemães evacuavam um lance de trincheira, ahi vinha para os jornaes uma nova proclamação da Liga, exaltando, em termos escaldantes, o novo feito d'armas dos alliados. Si o governo brasileiro hesitava em appropriar-se dos navios allemães surtos nos nossos portos, indebita appropriação que depois se verificou sob o nome de *posse fiscal,* lá vinha Reis Carvalho conclamando aos povos contra aquella traição do Brasil á causa da Civilisação.

Reis ignorava, como toda a gente, que magnatas francezes e brasileiros, querendo tomar, como tomaram, os navios allemães, estavam apenas cavando um bom negocio, em virtude do qual ganharam e dividiram entre si a bagatella de vinte e cinco milhões de francos, ou sejam, cerca de quinze mil contos, em moeda brasileira. E o sr. Graça Aranha, que tambem fazia parte do grupo dos mercadores, para distrahir as galerias e a policia annnuciava em Paris que ia a Athenas, em nome da *Liga pelos Alliados,* pedir ao governo da Grecia que entrasse na guerra ao lado da França. Parece que foi isso que decidiu o sr. Venizelos a lançar o seu paiz na refrega... Emfim, durante cerca de quatro annos, o sr. Reis Carvalho clamou, proclamou,

conclamou, declamou, reclamou, empregou todos os derivados do verbo *clamar* em beneficio da Civilisação; até que um bello dia a Civilisação venceu. Os allemães pediram armisticio, depois assignaram a paz que lhes foi imposta em Versalhes. Então, achando que a existencia da Liga já não tinha razão de ser, Reis e comparsas, resolveram declaral-a extincta; isto é, a iniciativa não partiu de Reis, mas dos poucos, rarissimos companheiros fieis á Grande Idéa. Reis, na reunião extinctora, teve certas hesitações em dissolver a Liga, «visto ainda não estar definitivamente firmada a paz no mundo»; mas os seus consocios, ou por bom senso ou por desejo de livrar-se de massadas improductivas, opinaram pela immediata extincção do gremio, considerando que, desde a assignatura do armisticio, a paz estava firmada.

E assim se dispersou a Liga. Reis para a Alfandega, este para o Thesouro, aquelle para qualquer outra secretaria, indo cada qual tratar de seus negocios, visto estar salva a Civilisação.

Em todo o caso...

Ah! não pensem os senhores que homens da catadura de Reis Carvalho sejam capazes de debandar-se sem dar garantias á Patria e a Civilisação. Assim, antes de declarar extincta a Liga, formulou Reis, e os companheiros approvaram, varios votos, entre os quaes este:

«1.º) fazer votos para que a nação brasileira diminua a influencia boche no Brasil e regule qualquer nova immigração allemã, patente ou disfarçada; para que o Brasil, na questão dos navios e outros congeneres, faça justiça á França, dando lealmente, nobremente, razão á Grande Sacrificada, á incomparavel nação que perdeu, mortos pela Patria e pela Humanidade, mais de milhão e meio de seus filhos; e para que, na hypothese de uma revisão constitucional, na fórma do art. 90, do nosso Codigo Politico, sejam cassados aos estrangeiros os direitos politicos, e não se permitta que allemães naturalisados, e os brasileiros natos de que ambos os progenitores ou um delles, sejam allemães, possam exercer cargos publicos sem licença do Congresso Nacional.»

Como se vê, Reis não podia ser mais patriota e civilisador. A Grande Sacrificada nos empresta dinheiro a juros escorchantes; os banqueiros judeus da Grande Sacrificada não perdem occasião de nos tosar o pello e arrancar a pelle; os jornaes da Grande Sacrificada ignorantes e insolentes, zombam de nós diariamente; os negocistas da Grande Sacrificada olham para o Brasil como si este fôsse a Cochinchina, a Algeria ou o Tonkim; mas, na opinião de Reis, devemos, na questão dos

navios, dar razão á Grande Sacrificada, isto é, dar-lhe os navios e ficar a vêl-os de longe. Eu ando desconfiado de que este Reis nasceu em Marselha. Reis Carvalho não é Reis Carvalho: é *Rois Chêne*. Nasceu em Marselha e veio para o Brasil rapazinho, e já com aquelles bigodes. Não combateu no *Chemin des Dames*, porque os seus serviços militares eram mais necessarios alli no Club de Engenharia, séde da Liga; mas é francez.

Quanto aos allemães, não se incommode o sr. Reis Carvalho. Elles irão de preferencia para a Republica Argentina, onde, unidos com os italianos, continuarão a fazer o grande progresso daquelle paiz, no qual não ha Reis positivistas e commendadores humanitarios. Nós ficaremos com Reis e outros alliados que, nas questões mais graves para seu paiz, continuam positivoides francophilos e lambem, como taes, os vidros por fóra; e, como Reis só cuida dos altos interesses da Humanidade e da Ciivlisação, — na sua qualidade de sacerdote empiricamente surgido da anarchia mental e moral do Occidente (linguagem de mestre Comte), nós, para fomentar a nossa agricultura e a nossa industria, importaremos chins e japonezes, isto sem fallar nos nossos amigos norte-americanos, que para aqui virão chicotear este paiz de negros, que elles tão soberanamente desprezam.

E olhem que bem o merece um paiz onde Reis, sacerdote empiricamente surgido, manda

aos jornaes proclamações tempestuosas que defendem a Civilisação contra a barbaria da Allemanha, essa terra selvagem onde não se queimam negros na praça publica. Porque será que Reis não protesta contra os *yankees* queimadores dos compatriotas de Toussaint-Louverture?

O CHEFE DE POLICIA INIMIGO DO AMOR...

Ha alli na rua da Relação um palacio mais ou menos acachapado, que se chama *Policia Central*; e dentro desse palacio, no melhor gabinete, ha um senhor que tem no nariz alguma cousa semelhante a um pencenê: esse senhor é o dr. Chefe de Policia; e o que elle tem escanchado em cima do nariz não são lunetas: é simplesmente uma mulher. A alguns faz isso bem: a s. ex. parece que tal cousa produz comichões desagradaveis. O resultado dessa singular doença é que, cada vez que s. ex. espirra, sae, no meio dos ranhos e dos perdigotos policiaes, uma portaria contra pobres mulheres a quem a necessidade de ganhar a vida sem ser torpemente exploradas pelo capital numa officina ou numa fabrica, obrigou a transformar o proprio corpo em mercadoria. É um direito dellas, direito como qualquer outro. Assim como ha homens que vendem assucar; assim como ha magistrados que ven-

dem sentenças; assim como ha ministros que vendem despachos; assim como ha advogados que vendem pareceres; assim como ha jornalistas que vendem a consciencia, e ninguem os persegue, antes vivem todos muito bem protegidos pelas leis, assim tambem ha mulheres que vendem o corpo e são as unicas perseguidas! Porque? Ninguem persegue os commerciantes e os industriaes que exploram a fome do povo; ninguem persegue os juizes prevaricadores; ninguem incommoda os ministros vendidos; ninguem desassocega os jornalistas venaes; e toda a gente persegue as pobres raparigas, que afinal vendem o que é seu, muito seu, e a ninguem dão prejuizo! Protesto, pois, contra semelhante desegualdade. Ou perseguirão todos os individuos que a Moral estabelecida considera criminosos, ou deixarão em paz as prostitutas, desde que ellas se mantenham dentro de certos limites firmados pela moral vigente, que, como diz Anatole France, não é mais do que «a summula dos preconceitos geraes...»

O Chefe de Policia é o homem das campanhas.

Campanha contra o jogo do bicho! Não prende, entretanto, um só dos grandes banqueiros, nem um só dos magnatas da profissão, do mesmo modo que não prende nem um só dos formidaveis banqueiros que, jogando na Bolsa e promovendo a alta e a baixa de titulos, causam prejuizos geraes muito mais

revoltantes do que os lucros adquiridos pelos individuos que tomam o dinheiro dos incautos por intermedio do elephante ou do tigre...

Campanha contra a vagabundagem! Muito bem. Prendem-se alguns pobres diabos, e que destino lhes dão? Mandam-nos para certas colonias correccionaes, onde só lhes ensinam a apanhar de chibata e curtir fome. Quanto ao mais, alguns desses infelizes, que, ao serem presos, eram simplesmente vencidos da vida, saem das prisões e das colonias correccionaes transformados em authenticos criminosos. Porque não nos enganemos: as nossas prisões, as nossas penitenciarias, as nossas colonias penaes, todos os nossos institutos de repressão do crime e de correcção moral são pura e simplesmente usinas de delinquentes. Entregues a administradores que nem sempre dispõem de cultura e de numerario sufficiente para promover a correcção dos detentos segundo os dados mais modernos da sciencia penal; confiados á vigilancia de guardas boçaes e tarados, por vezes mais criminosos do que os proprios sentenciados, passam estes mezes e annos a fio, soffrendo torturas do tempo da Inquisição, porque nessas casas horriveis ninguem está convencido da necessidade de levantar moralmente os pobres homens; o que lá se pensa é isto: taes homens cá vieram para ser castigados!

Agora o dr. Chefe Policia está com duas campanhas á mão: a campanha contra o me-

retricio e a campanha contra os *moços bonitos*. Contra o meretricio, essa campanha foi iniciada de modo singular: obrigando as pobres mulheres a conservar fechadas as suas janellas, durante este verão tremendo! Já não quero chamar a attenção dos homens humanos para o lado deshumano dessa providencia que tira o ar a viventes como nós outros. Chamo a attenção dos jurisconsultos para o lado illegal dessa medida revoltante. Em que lei se baseia s. ex. para cassar ás prostitutas o direito de respirar? Ellas residem em ruas occupadas exclusivamente por ellas; estão sujeitas á mais severa e immediata fiscalisação da policia e, muitas vezes, são victimas de agentes da Segurança que lhes extorquem dinheiro; são prohibidas de andar pelos passeios das ruas mesmas em que residem, motivo por que, afim de não morrerem asphyxiadas, limitavam até agora todas as suas aspirações a respirar um pouco, á janella. Com que direito, pois, vem a policia e as intima a não respirar? Não ha lei nenhuma que autorise tão clamorosa violencia. E não me venham fallar em moral publica nem em policia de costumes, porque estas duas entidades são simples expressões vagas e de latitude immensuravel, dentro das quaes se poderão commetter todos os attentados á liberdade individual. Estamos deante deste facto concreto: a policia obrigou certas pessôas a ter as suas janellas fechadas; essas pessoas, nem directa nem indirectamente, offendiam o pu-

dor publico, visto que, quando appareciam as suas janellas, estavam decentemente vestidas; em que lei positiva, portanto, se estribou a policia para determinar esse facto concreto? Nas decisões da Conferencia Judiciaria? Mas essas decisões não têm fôrça de lei. Na Constituição? Mas esta garante a toda a gente sem indagar da profissão de quem quer que seja, a liberdade do corpo e a inviolabilidade da casa em que morar.

A outra campanha que a policia vae emprehender entende-se com os chamados *moços bonitos*. São uns rapazinhos que usam casaco cintado e apparecem por vezes nos clubes a dansar com raparigas. O nosso Pina Manique embirra com elles e vae perseguil-os, na presupposição de que sejam alcaiotes. Alguns talvez o sejam; mas bem pequeno será o seu numero. Muitos são rapazes que vão a seus empregos, vestem-se a prestações e têm, para as mulheres, uma cousa que o dr. Chefe de Policia já não tem — mocidade. Não digo que s. ex., lá na intimidade, não seja ainda um barytono forte e até capaz de não fazer papel triste em duettos de amor; acredito mesmo que s. ex. ainda seja capaz de dar um bom *dó* de peito; mas quanto á mocidade, s. ex. já não a possue; quando quer prestar o seu modesto culto a Aphrodite, têm de marchar, como coronel. Coisas da vida...

Entretanto, o facto de s. ex. já não estar em edade de pagar com flôres os seus praze-

res não é motivo para perseguir os que têm o seu capital na travessa de Flora ou na Casa Jardim...

Uma das pretenções da policia é esta: indagar da origem do dinheiro que gastam certos rapazes. Como? Porque? Ha com effeito rapazes de vida mysteriosa, que gastam como nababos e não se sabe de onde lhes vem o dinheiro; mas ha tambem homens casados que têm ordenado modesto e cujas mulheres, sendo bonitas, exhibem vestidos carissimos, figuram nas recepções mais brilhantes, recebem em casa os amigos com requintado luxo, vão á Europa e ninguem sabe d'onde lhes vem dinheiro para tanta grandeza. O proprio sr. dr. Chefe de Policia já tem sido accusado de possuir mais propriedades do que lh'o permittem os seus vencimentos, apezar de grandes... Quererá s. ex. mandar indagar tambem da origem do dinheiro gasto por certos cavalheiros possuidores de esposas bellas e ordenados modicos? A apostar que não. A policia só perseguirá os *moços bonitos* que forem solteiros. Ora isso é desegual. S. ex. deve procurar colher nas malhas da sua rêde policial não só solteiros como casados; e desde já me comprometto a pagar-lhe meia duzia de garrafas de Champagne (com dinheiro cuja origem préviamente lhe declararei) no dia em que s. ex. mandar chamar a seu gabinete um destes ultimos...

Destas linhas desejo que se infiram as

seguintes conclusões: é necessario citar as leis que claramente permittam á policia perseguir mulheres galantes que não faltam com o respeito devido ao publico burguez; si perseguirem essas mulheres só porque vendem o proprio corpo, persigam tambem os juizes que vendem sentenças e os ministros que vendem despachos; si perseguirem rapazes solteiros a pretexto de saber de onde lhes vem dinheiro, persigam tambem, por identico motivo, certos cavalheiros casados. Assim, e só assim, se terá contentado a Moralidade Publica, ao mesmo tempo que se salvará a Democracia. E como bemaventurados, dormiremos todos o nosso somno de uma noite de verão na paz de Deus...

A ULTIMA PHRASE DE OLAVO BILAC

Quando morreu Alphonse Daudet, taes exaggeros publicaram a respeito d'elle os jornaes de Paris, que Remy de Gourmont escreveu um acre *Epilogo,* em que chamava á ordem todos os seus confrades, os quaes, entre outras cousas, affirmavam que o autor de TARTARIN era maior do que Miguel de Cervantes... Sirva isto de consolo a nós quando lemos a torrente de tolices que desencadeou na imprensa do Rio a morte de Olavo Bilac.

Este homem, cuja vida accidentada e arythmica não impediu que a sua feição litteraria obedecesse sempre a certas formulas de equilibrio e de harmonia, merecia que a imprensa, ao procurar definir-lhe a personalidade tão curiosa quanto representativa, lhe fizesse a ultima fineza de commentar a sua vida com a sobriedade de expressões que é um dos principaes traços da sua individualidade academica.

Por muito pouco que se palestrasse com

Olavo Bilac (e é o caso deste que não teve com elle a menor intimidade), notava-se logo a correcta simplicidade com que elle fallava. Prosando por escripto ou prosando em palestra com os amigos, era sempre egual a sobriedade do seu estylo, sobriedade que tão altamente o destacava numa terra em que a inopia das idéas e a debilidade cultural dos escriptores é quasi sempre substituida pela pompa de um verbalismo tão sonoro quão vasio.

Ora, pois! Tendo sido um escriptor que, jogando com poucas idéas, dava elegante impressão de atticismo, teve, ao morrer, a desventura de lhe attribuirem a paternidade de uma ultima phrase, cujo fundo talvez seja verdadeiro, mas cuja fórma empertigada e tola destôa por completo da natural simplicidade do seu fallar. É uma phrase que provavelmente não foi pronunciada (ao menos como está publicada), o que aliás succede a quasi todas as ultimas phrases attribuidas a grandes homens...

Com effeito, conta-se, que Olavo Bilac, já por alta madrugada, quiz levantar-se, pediu café e disse: *Quero escrever*. Até aqui, tudo perfeitamente normal. Era habito seu levantar-se cedo, pedir o seu café, como faz toda a gente, e assentar-se á sua mesa de trabalho para ler e escrever. De sorte que não ha inverosimilhança alguma em que o grande lyrico, sentindo, embora na penumbra precursora da morte, amanhecer o dia, dissesse aos

seus: *Já está amanhecendo; dêem-me café, que eu vou escrever.* Tal era o seu costume de muitos annos: ora, nada mais natural a um homem de letras — e elle o foi da cabeça aos pés — do que, ao levantar-se, desejar tomar café e escrever.

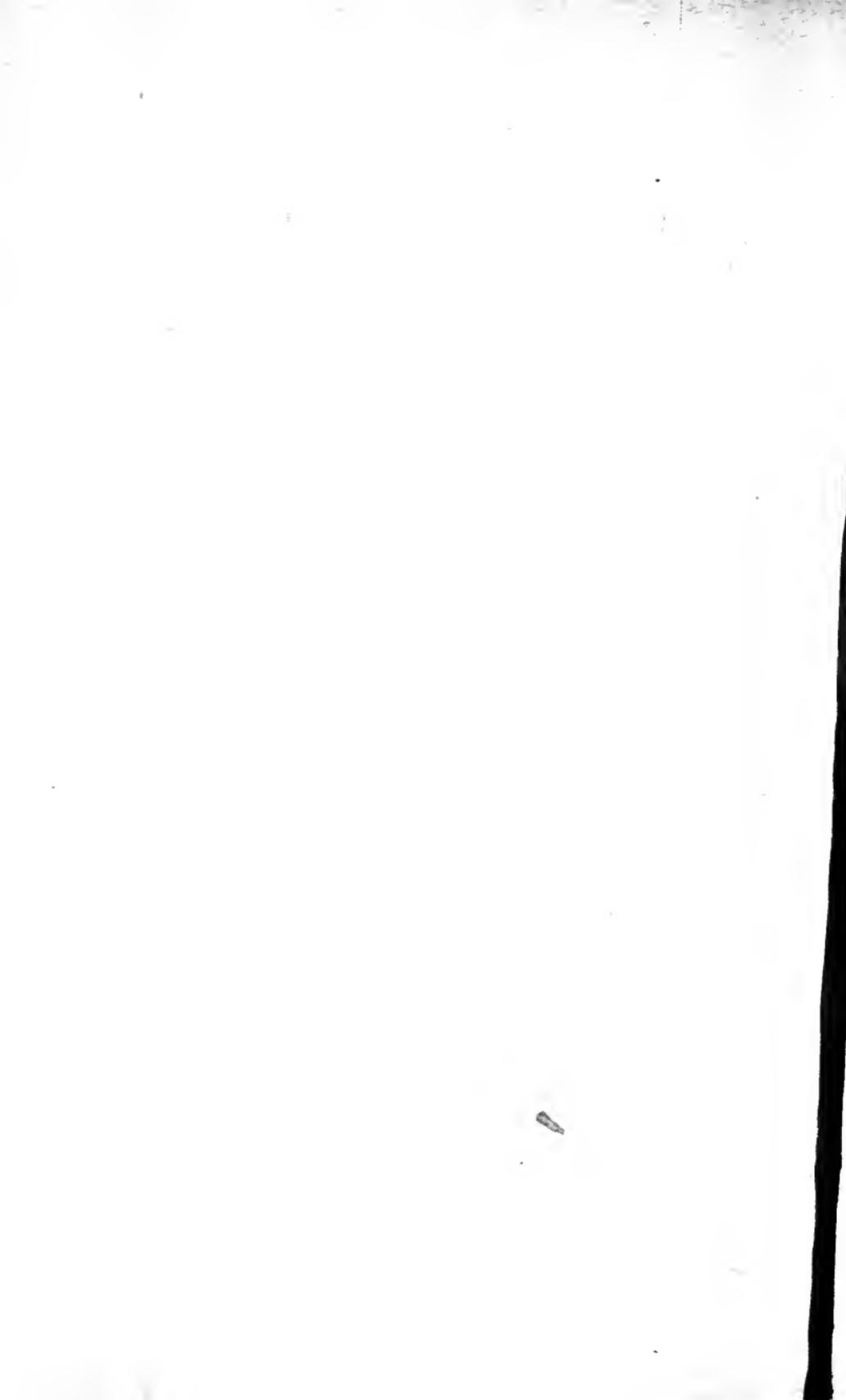
O visconde do Rio-Branco, como era homem de Estado, pouco antes de morrer ainda delirava com a lei do elemento servil e até, segundo conta o visconde de Taunay nas suas REMINISCENCIAS, começou a fazer um pequeno discurso, em voz muito baixa: «Senhor Presidente, peço a v. ex. permissão para fallar vagarosamente em vista do meu precario estado de saude...». É possivel que as phrases não lhe saissem correntemente, mas o seu ultimo delirio traduzia claramente as suas constantes preoccupações politicas. Nada mais natural do que isso. Assim, Olavo Bilac, poucos minutos antes de expirar, podia perfeitamente estar pensando em livros, e as suas ultimas palavras bem poderam ter sido a exteriorisação oscillante e vaga de um desejo de escrever.

Mas que succedeu? A imaginação indigena, que não se recommenda pela originalidade, achou bom arredondar phrases fofas, declamatorias, e attribuil-as a um homem que fallava simplesmente, como toda a gente e de certo não iria, *in extremis*, rebuscar periodos com o fito de fazer cabotinismo para a Morte. Jornal houve que, em letras garrafaes,

lhe attribuiu esta enormidade: *Já raia a madrugada; dêem-me café; vou escrever.*

Affirmam outros que elle disse: *Amanhece... Eu quero... eu quero... écrire!*

Tudo isso representa um achincalhe contra o qual se deve protestar: e á familia do morto incumbe, si não é impertinente esta suggestão, o dever de desmentir que o poeta houvesse dito coisas pernosticas como esse *Já raia a madrugada* e esse *Eu quero écrire!* Para que condemnal-o, depois de morto, ao ridiculo de ser autor de ultimas phrases mirabolantes? Desautorisal-as publicamente é dever de piedade fraterna para com um homem que soube escrever coisas bellas e simples. Esse epicurista sceptico tinha muita noção do ridiculo para expor uma phrase sua á risota dos seus contemporaneos. Póde cada qual julgal-o com maior ou menor severidade conforme esse ou aquelle codigo de moral: a sua obra poetica mesma póde soffrer, em certos pontos, criticas severas, pela ausencia de espiritualidade que nella se observa. Tomou bebedeiras durante a sua mocidade! Só cantou a Carne! Era um sensual! De accordo, sim, senhores. Mas, santo Deus, cada qual tem seu temperamento; e que outra coisa senão a Carne poderá cantar um poeta numa terra selvagem, de clima barbaro e de mulheres que nos allucinam a todos os instantes e por toda a parte com a opulencia das carnes mais insolentes que ha no globo? O que fica da sua obra é isto: harmonia

que ainda não teve egual neste paiz de poetas campanudos e litteratos parlapatões. Collocado em ambiente litterario superior ao nosso, Olavo Bilac não teria o primeiro logar: mas aqui, sejamos justos, elle é o primeiro poeta *no seu genero;* e, como tal, agora que a morte lhe impoz silencio e o impossibilita de defender-se, é justo e nobre que o respeitem todos os homens intelligentes.

ENTRE OS ANTHROPOIDES

(CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA ANTHROPOLOGIA)

Estive no paiz dos Anthropoides, onde assisti uma sessão do Senado. O Senado dos Anthropoides é uma caverna lacustre, contemporanea das eras carboniferas, onde elles se reunem diariamente, uns para dormir, outros para ficar calados, raros para grunhir.

Ha entre elles, em todo o caso, um phenomeno que me espantou: foi a presença de um *Homo Sapiens,* chamado Roderycus Barbatus, embora não use barba. Não sei como Roderycus conseguiu fazer-se senador entre Anthropoides, que são, como se sabe, ciosissimos de sua preeminencia sobre as outras especies animaes. Pelo pouco que pude entender das coisas anthropoides, a influencia de Roderycus entre elles veio de ser elle, na sua qualidade de *Homo Sapiens,* capaz de fallar horas e horas seguidas perante aquella assembléa heteroclita. É, de facto, elle o unico que tem en-

tre elles o dom da palavra. Os demais, em materia de glottologia, ainda não passaram muito além do grunhido guttural.

A sessão a que assisti foi muito interessante. Para convocal-a, subiu o presidente a uma arvore e deu uns guinchos. Devo dizer que o presidente era um *Pithecanthropus Erectus,* atarracado e pançudo, especimen de uma variedade pouco estudada, mas já conhecida pela classificação scientifica de *Urbanus Vulgaris*, de Cuvier. Creio que é de Cuvier; mas, si não fôr, é porque com certeza será de outro naturalista, o que em nada nos prejudica. Os anthropoides, acudindo pressurosamente aos guinchos do *Urbanus Vulgaris,* foram entrando na caverna e accommodando-se como podiam, na mais pittoresca variedade de posições: alguns, dos mais novos, saltavam lestamente para certos socavões abertos na rocha e lá ficavam a fazer tregeitos ao presidente: outros, acocorados pelos cantos, pareciam meditar, saudosos — quem sabe? — dos tempos em que andavam livremente pelas florestas, sem a obrigação enervante de permanecer duas horas por dia naquelle ambiente frio e humido que lhes aggravava o rheumatismo ancestral. Houve um, já bem velho, senhor de medonho nariz vermelho (o *Naso Rubrus,* de *Mendesius*), o qual se deitou, sem a menor ceremonia, aos pés do presidente, e dormiu, dando roncos tão terriveis, que pareciam humanos.

A linguagem dos anthropoides é, como

eu disse, muito rudimentar. Além dos grunhidos, que constituem entre elles a linguagem familiar, possuem uma algaravia difficilima de comprehender-se e que lhes serve de lingua litteraria, erudita e official. Só depois de muitos mezes, em que estudei longa e pacientemente o seu fallar, pude entender alguma coisa e, ainda assim, muito pela rama; de sorte que alguns extractos de discursos delles que darei aqui, embora representem esforço sincero, honesto e talvez digno de melhor causa, estão longe de corresponder ao muito que eu quizera offerecer aos meus leitores para instrucção e ornamento do seu espirito.

O presidente, tomando a palavra (fallo por euphemismo) disse aos anthropoides reunidos em sessão as seguintes phrases que eu procurei traduzir o melhor que pude, sem me afastar muito da letra, para lhes não tirar a côr local e pittoresca com que foram regougadas.

—«Irmãos! Hoje dia é de abrir sessão. Sessão é sessão. Sessão presidente tem, Presidente, eu. Necessario presidente 2. (Elles chamam *Presidente 2* ao que nós chamamos vice-presidente). Perguntei muitos quem presidente 2. Disseram presidente 2 *Macacus Cynicus* é. Quero ver *Macacus Cynicus* presidente 2.»

Calou-se. O *Macacus Cynicus*, ao ouvir a proposta do *Urbanus Vulgaris*, começou a fazer caretas, a assoviar, a guinchar, a saltar,

a coçar-se todo da cabeça aos pés e a atirar cascas de fructas no presidente o que é, entre elles, signal de alegria, respeito e gratidão. Os outros anthropoides conservaram-se calados. Mas levantou-se um, muito magro (de uma familia que os naturalistas francezes chamam *Les Singes Raseurs*) e disse, ou melhor, urrou :

— Presidente! Pergunto Senado exige presidente 2 macaco seja. (Elle queria perguntar si o Senado anthropoide fazia questão de eleger um dos que alli estavam ou si, pelo contrario, podia escolher alguem ausente e que não fosse daquella especie animal.

— Não! respondeu o presidente.

— Peço, insistiu o *Singe Raseur,* escolher Roderycus Barbatus, *Homo Sapiens,* presidente 2.

Si tivesse saltado de improviso uma panthera ou um leão faminto no meio daquella veneravel assembléa, maior não teria sido nem mais grotesco o espanto dos senadores. O *Macacus Cynicus,* que é um dos mais espertos e ageis da Australia, começou a dar guinchos phenomenaes e a atirar terra no *Singe Raseur,* no que foi imitado pelos demais. O ruido foi tão forte, que despertou do seu somno o *Naso Rubrus,* o qual, ignorando o que se passava em torno, começou a atirar terra no focinho do presidente. O *Urbanus Vulgaris,* indignado, deu-lhe algumas bastonadas com um tronco de arbusto que o acompanha sempre, que sem

isso não lhe é possivel andar. Pouco a pouco, entretanto, foi-se restabelecendo a ordem por si mesma; até que, feito silencio, disse o presidente:

— Presidente 2 *Macacus Cynicus* é. Tradição nossa exige. Isso combinado está. Huh! Huh! Huh! (Quer dizer, em linguagem anthropoide: *Approvar! Approvar! Approvar.)* Ao que responderam todos, menos o *Raseur:*

— Huh! Huh! Huh!

E assim ficou approvada a escolha do *Macacus Cynicus,* contra a candidatura do *Homo Sapiens.*

Dar um resumo completo de qualquer sessão do Senado Anthropoide, é, como eu disse no principio desta noticia, extremamente difficil por causa da algaravia em que os senadores exprimem sentimentos pouco mais que primitivos. Si eu pude conseguir trasladar para a nossa lingua, tão clara e tão formosa, os pequenos trechos supra, foi porque tive a auxiliar-me duas competencias de primeira plana nesse assumpto: o dr. Gottfried Schneider, livre docente de anthropologia comparada na cidade da Basiléa, e o sr. W. Mac-Kingdown, que estudou Historia Natural em Oxford, ambos insignes philologos e profundos sabedores de dialectos archaicos. No Senado dos Anthropoides, devo dizel-o lealmente, não se falla muito; e uma das razões disso é a predominancia que tem naquella assembléa os simios cha-

mados *Gorillae Silentiarii,* de Schneider, (Gottfried) que foi o seu classificador.

Caracterisam-se estes animaes pela sua capacidade digestiva, que é formidavel, e por uma enfermidade medullar, congenita, até agora incuravel, e que lhes produz a *logophobia* ou horror invencivel á palavra, quer fallada, quer escripta.

O unico que falla verdadeiramente entre elles é, como já ficou dito, o *Homo Sapiens* Roderycus Barbatus, que é, pelo seu formidando poder verbal, temidissimo por todos os anthropoides, cuja vida elle conhece por miudo e cuja inferioridade cerebral elle despreza, tanto assim que só muito raramente pede a palavra.

Tenho ainda alguns cadernos em que possuo interessantissimos apontamentos relativos á maneira de fallar dos anthropoides, assim como da sua organisação politica e social. São factos completamente desconhecidos, que opportunamente relatarei aos leitores, emquanto não apparecem os magnificos livros que a tal respeito estão escrevendo o prof. Schneider e o prof. Mac-Kingdown.

EMILIO DE MENEZES

No mesmo momento em que para o sr. Helio Lobo se abriam as portas da Immortalidade, entrava Emilio de Menezes nos páramos da Morte. Na mesma tarde, o mesmo jornal, na mesma columna, estampava os retratos d'ambos: Emilio, com aquelles seus grandes olhos expressivos, apezar de meio empapuçados, aquella physionomia bonacheirona de bom gigante, aquelles seus immensos bigodes de couraceiro do Imperio, tão familiares a todos nós, esses bigodes já de todo brancos, que elle acariciava sempre, mas principalmente quando tinha algum trocadilho engatilhado contra o seu interlocutor; Helio Lobo, tendo scismadoramente, apoiado na mãosinha polpuda o seu rostinho imberbe que a gente não sabe bem si será d'algum anjinho de pau da egreja da Candelaria ou si será d'alguma criança bem nutrida e bem comportada, cuja melancolia precoce está a pedir lombrigueiros.

Olhando para os dois retratos, eu por mo-

mentos me esquecia da morte de Emilio de Menezes, para tentar saber as coisas elegres que elle diria si o Destino lhe tivesse permittido assentar-se lado a lado com Helio Lobo durante essas sessões da Academia, que são, felizmente para as letras, as tertulias mais innocuas deste paiz e deste seculo. Porque, Emilio era a antithese mais violenta do sr. Helio. Emquanto um sabia a sua lingua, tinha noções de sciencias naturaes, conhecia a arte de levantar o peristylo dum soneto parnasiano e de applicar, em versos impeccaveis, o caustico de uma satyra nalguma imbecilidade incommoda; o outro tem sido um bom moço, cuja sisudez, tão gabada nos orgãos mais ou menos officiosos do governo, parece ter sido reconhecida e officialisada já desde o berço. Emquanto Emilio morre moço aos cincoenta e dois annos, tão moço que a gente mal consegue convencer-se da irremediavel realidade da sua morte, o sr. Helio Lobo é um desses jovens felizes que nascem velhos e portanto maduros para ostentar sobre o peito algido todos os fitões, veneras e *plastrons* com que o officialismo impõe ao respeito das carneiradas democraticas os typos de selecção que, no meio do rebanho republicano, mais se destacam pela incontractilidade da mascara e pela proveitosa flexibilidade da espinha dorsal.

O Destino foi mais logico do que Emilio de Menezes, ceifando-lhe a vida antes que elle tivesse tempo de envergar o fardão da

Academia, elle que foi o menos academico dos nossos poetas; e esse fardão, que elle só vestiu depois de morto, seria realmente a mortalha da sua personalidade, si elle tivesse podido usal-o ainda vivo.

Por que?

Porque aquelles bordados de libré, aquelle chapéo armado de carnaval e aquelle espadim de opera-comica, aquelle discurso bem medido, aquellas ironias de arcadia e aquelles applausos convencionaes da recepção, que tanto seduzem velhos e até novos, impõem ao recipiendario uma outra natureza, si é que a delle, por via de regra, já não está congenitamente adaptada áquellas mesuras e reverencias que se explicavam em França, no Grande Seculo, mas estão deslocadas e são integralmente ridiculas aqui á sombra das palmeiras, entre descendentes directos de cabindas, nagôs, portuguezes e tupinambás, todos muito importantes, muito cheios de fumaças de gente branca, e desprezadores, claros ou occultos, das gentes de côr, isto é, das suas proprias familias, uns em menos e outros em mais proximo grau...

Pelo seu talento, que era na verdade grande; pela maestria, com que sabia esculpir um soneto, recortando, como gravador da Renascença, as petalas de uma imagem na angustia de um hemistychio; pela sua illustração, que, embora não fôsse muita, era por elle admiravelmente bem aproveitada, quando preciso; e principalmente pelo seu amor sincero a tudo

quanto se referisse ás letras, Emilio de Menezes era digno de ter assento em qualquer cenaculo litterario de preoccupações menos frivolas do que as da nossa Academia. Aquelle recinto da ala esquerda do Syllogeu é que não era nem podia ser o seu meio. Elle era uma especie desses poetas *du Quartier,* que, adorados pelos bohemios e preferidos pelos instinctos tumultuarios da mocidade, não podem pensar jamais em ser academicos sem despersonalisar-se e — o que é peor — sem que lhes restem mais esperanças de adquirir nova personalidade no meio dos *immortaes.* Ainda ha poucos dias li um artigo de certo chronista parisiense que troçava Paul Fort por este grande bohemio revoltado querer abandonar o seu *habitat* natural, onde é adorado, para disputar uma cadeira de academico, tambem cubiçada por Fernand Gregh...

Si Emilio de Menezes estava muito longe de ser o que pretendiam fazer delle certos espiritos superficiaes, ou talvez malevolos, isto é, uma má-lingua a cuja maldade perspicua não escapava nenhuma personalidade em eivdencia, tambem o seu espirito satyrico o afastava da Academia e das formalidades academicas tão ineluctavelmente como as electricidades do mesmo nome se repellem. Ninguem melhor do que elle sabia, com o ferro esbraseado de um epigramma, fazer rechinar as carnes de um mediocre que o importunasse ou o offendesse; mas tambem ninguem mais fiel ás suas amiza-

des, mais cheio de afagos para com os seus amigos, mais serviçal, mais activo quando era preciso tirar algum ente querido de difficuldades, mais cheio de gratidão para com quem lhe fizesse beneficios. Apenas, si no correr de uma palestra, á mesa de uma confeitaria, entre companheiros de confiança, lhe occorresse um dito de espirito a respeito de qualquer delles, Emilio não resistia á tentação: dizia a phrase, pedindo reserva... E si alguma outra lhe brotasse, um tanto caustica para com algum dos presentes, era fatal Emilio ameigar o bigode e perguntar:

— Você não se zanga si eu lhe disser uma coisa?

— Não! Póde dizer.

Elle dizia. Todos riam. Ninguem se zangava, até porque, si se zangasse, era peor... Esses ditos espirituosos trouxeram-lhe dissabores e prejuizos, não sendo o menor delles este: que muito individuo sem espirito divertia-se em forjar phrases offensivas contra este ou contra aquelle e em espalhal-as por toda parte, sem amor e sem arte, attribuindo-lhe a paternidade. Era o que o punha fóra de si, não tanto pela quantidade de nitro-glycerina que a phrase contivesse, mas pela má qualidade do explosivo...

Não foi um poeta de idéas altas nem de grandes surtos, não por falta de talento mas por falta de cultura geral, de cultura verdadeira, de cultura como synthese de conheci-

mentos. Ria-se mais do que pensava. Entretanto era uma personalidade, era *elle mesmo* e não reflexo de outrem. Cantando sentimentos já cantados por tantos outros, elle os moldava em versos que não se pareciam com os dos seus contemporaneos. Os seus versos eram seus. Nunca foi adaptador. Ha nelles harmonia propria e sobretudo certa pompa vocabular que, sem lhes tirar o equilibrio formal, consegue distingui-los no meio da grande quantidade de versos brasileiros que se publicaram no seu tempo. Escapavam ao seu lyrismo as coisas profundas da Vida, da qual elle só distinguia os aspectos superficiaes. Elle via uma *Victoria-Regia*, por exemplo, e descrevia-a, como a descreveu, num soneto magnifico; mas não era capaz de relacionar a flor com o Universo, de conjugar no pensamento a *Victoria-Régia* com o Desconhecido, de descobrir e revelar, como Baudelaire ou como Shelley, as correspondencias occultas, intimas e immanentes da flôr com as espheras superiores, susceptiveis de ser attingidas pelos remigios da Intelligencia. Era um poeta mais visual do que mental. Si a sua Fórma era distincta da dos outros poetas do seu tempo, com estes tinha elle de commum a ausencia de capacidade para alar-se até ás nuvens e contemplar a Vida, do alto. Si exceptuarmos Raymundo Corrêa, que algumas vezes sabia pensar quando poetava, os outros grandes poetas que Emilio encontrou e tomou por modelos não eram nem

são muito mais cultos do que elle. Estão virgens do pensamento quer antigo quer moderno. A superstição da Fórma crystalisou-se nelles em exagerado culto por Theophile Gautier e Theodore de Banville, que são, sem tirar nem pôr, no scenario da litteratura franceza, duas sonoras e tintinabulantes mediocridades. Fóra desses dois e mais de Victor Hugo, Lecomte de Lisle e Heredia, os nossos grandes poetas só leram classicos portuguezes e diccionarios, para pescarem affanosamente vocabulos raros, que nos cascalham suavemente aos ouvidos quando temos quinze annos, mas que depois, quando attingimos aos trinta, nada mais nos dizem. Dahi, com poucos oasis, a aridez desertica da nossa poesia chamada parnasiana, poesia sem alma, sem vibração, sem nenhuma dessas palpitações que nos fazem estremecer o coração e nos incendeiam a intelligencia á leitura de um simples verso, poesia sem vida, que morreu antes dos seus creadores, os quaes, assistindo em vida á decomposição de si mesmos nas suas obras, recebem do Destino o justo castigo de não terem tido alma.

Emilio de Menezes, como não se filiou á estreiteza de nenhuma escola, tanto assim que alguns o dizem parnasiano, outros, symbolista, e outros ainda, symbolista com fórma parnasiana (discussões inuteis, byzantinismos estereis), Emilio de Menezes, como Luiz Delphino, apezar da desegualdade da sua obra, viverá.

Viverá, porque teve alma para soffrer. Poucas vezes elle cantou as suas dôres em versos lyricos. Preferia disfarçal-as em gargalhadas homericas e bebedeiras romanticas, zombando dos ridiculos alheios para esquecer-se das suas proprias magoas, navalhando, nos seus momentos de colera, os que se lhe antepunham no caminho, irreverente para com os grandes, causticante para com os imbecis, amoroso para com os pequenos, nunca negando esmola a qualquer preto velho que lhe estendesse a mão humilde, ironico, sceptico, reflectindo a Vida por sarcasmos, bella intelligencia que não poude realisar a sua finalidade intellectiva, bello coração que não poude realisar a sua finalidade sentimental...

SOLILOQUIO DE BOHEMIO

...Car l'enthousiasme et l'ironie étaient les deux boulets ramés, l'un brulant, l'autre froid, de son genre de genie, — l'enthousiasme qui ne dure pas! l'ironie qui revient toujours! L'ironie! Ordinairement, elle pousse tard chez les hommes. C'est une fleur amère d'arrière-saison...

JULES BARBEY D'AUREVILLY — *(Les Oeuvres et les Hommes: Les Poètes).*

O Homem Que Vive Só depoz o seu jornal sobre a mesa e bebeu um trago do conteúdo do seu copo, conteúdo, que, pelas refulgencias côr de opala, denunciava-se como absintho; limpou os labios com o lenço; recostou-se um pouco, accendeu o charuto e poz-se a olhar vagamente para uns prosaicos retratos do marechal Joffre, do marechal Foch e de outros guerreiros que pendiam das paredes do bar.

Seria legitimo aquelle absintho? — pensava elle. E a Consciencia lhe dizia que talvez não. Haveria alguma coisa legitima na sua patria,

onde tudo se falsifica, tudo, desde a Sciencia até o Amor? Que é o Amor? Será aquella creança que os antigos imaginaram com azas desdobradas e aljava cheia de dardos? Não. O Amor é outra cousa, que tem em mira a mulher. Schopenhauer já o disse em termos mais concisos... Vês uma mulher de outras terras — unicas interessantes — e lhe perguntas: — «De onde és?» Ella te responde: *Je suis de Paris. V.e arrondissement.* Indaga melhor e verás que ella é simplesmente de Marselha, de um caes onde se acostumou, desde a infancia, a tomar ponta-pés de marinheiros que vinham do Oriente e traziam de lá nos corações o saudavel desprezo oriental pela mulher. Depois ella esteve em Paris, onde conheceu todas as agruras da vida, desde a fome até o hospital e a cadeia. Terminado esse curso de humanidades, um bello dia um alcaiote a trouxe para Buenos Ayres; alli, ella teve a sensação do paraiso; mas a sua illusão foi rapida; vieram os ponta-pés, as bofetadas, os cascudos, porque, oh! deuses! os argentinos sabem viver! Cansada de apanhar, veiu para o Rio de Janeiro. Então, sim, encontrou o Paraiso Perdido.

Quando a Chaplinska representava na *Eva,* no Theatro Lyrico, costumava dizer, por entre gargalhadas da platéa: *La cosa piu stupida che esista sulla terra è... l'uomo!* Chaplinska devia substituir *l'uomo* por *il brasiliano;* porque de facto, não ha no mundo animal

tão aparvalhado como o brasileiro deante de mulheres.

O francez, deante de uma mulher, faz espirito, irisa a sua palestra de pensamentos subtis, dá á sua intelligencia a agilidade dos acrobatas deante do grande publico. O italiano canta e, si bebe alguns copos de Chianti, dá vivas a Garibaldi. O allemão evoca Schiller, canta trechos do *Der Freyschütz*, entôa em côro, com os companheiros, choraes de Luthero, ou *Die Wacht am Rhein*. O inglez, calado, fuma cachimbo e calcula o melhor processo de unir a America do Sul ás Indias sob o sceptro de Sua Graciosa Majestade Britannica: é a viva imagem da sensaboria triumphante. O norte-americano dansa, canta, bebe, grita, dá murros nos amigos mais proximos; urra, guincha, assovia e uiva; promove disturbios; derruba moveis, quebra copos, sempre disposto a pagar os prejuizos; cae bebado debaixo das mesas e acaba esquecendo-se da mulher para desejar, como supremo presente dos deuses, um copo de *Sal de Frutas*.

E o brasileiro? O brasileiro, deante de uma mulher, perde inteiramente a noção do espaço, do tempo e do valor do dinheiro; perde a noção das prerogativas masculinas, da dignidade humana e de si mesmo; sorri mecanicamente, com um sorriso timido de palhaço que teme vaias; contrahe todos os musculos da face, ergue e desce as sobrancelhas; franze e desfranze os sobr'olhos; traça as per-

nas, ora a direita sobre a esquerda, ora a esqeurda sobre a direita; estala os dedos; róe as unhas; corrige sem cessar o laço da gravata; fecha a carranca para os amigos, vendo em cada um delles um possivel concurrente, como o cão que rosna para outro cão que elle suppõe capaz de disputar-lhe o osso; e fica numa tal tensão nervosa, que acaba beijando a mão a uma *cocotte* e sentindo-se por tal façanha tão orgulhoso como si beijasse a mão a uma duqueza descendente em linha recta dos Valois; e no meio de tudo isso sorri, sorri, sorri sempre...

O Homem Que Vive Só esvasiou o copo, releu alguns trechos do seu jornal e pensou:

«Uma mulher chamada Elly Fiamona separou-se do marido e foi morar num hotel; no quarto desse hotel, recebia jornalistas, capitalistas e até membros da Academia de Letras, sem fallar em sujeitos ainda peores; um bello dia vae lá ter o marido, conversa com ella alguns instantes e acaba dando dois tiros nella e um em si proprio, do que veiu a morrer numa enfermaria da Casa de Detenção. Policia, Assistencia, curativos, interrogatorios, autoridades atordoadas, repórteres afoubados, o dono do hotel atarentado, hospedes escandalisados, etc.. Nisto chega um membro da Academia, ao qual ella diz, na presença da reportagem:

« — Mestre! Tanto trabalho para me ensinares e a tua Magdalena está ferida!

«Os repórteres, attonitos, de lapis em punho, perguntavam-se entre si quem seria aquelle *Mestre* e quem seria aquella *Magdalena*. Teria enlouquecido a rapariga? Pois então? Uma mulher que se confessa Magdalena e dá a um homem o tratamento de Mestre deve considerar esse homem pelo menos como Nosso Senhor Jesus-Christo. Mas Jesus Christo membro da Academia de Letras! Não era possivel... Afinal tudo se explicou. O academico (litterato a quem muito prézo) é autor de uma peça em versos intitulada *Jesus-Christo,* na qual ha um papel de Maria Magdalena. Fiamona desejou ser a intérprete desse papel e pediu ao autor que lh'o ensinasse; o autor, que é um maganão, disse que sim — oh! pois não! — e poz-se a transmittir á futura actriz as lições que elle julgava mais conducentes a fazer della uma intérprete emocionante do papel de Magdalena.

«Até aqui, nada de mais. Fiamona quiz separar-se do marido; muito natural. Foi para um hotel; tambem muito natural, embora pouco commodo. Quiz ser actriz; estava no seu direito. Pediu a um autor que lhe ensinasse a interpretar um papel escripto por elle; muito bem pensado. O autor se prestou ao papel de ensaiador; perfeitamente theatral. Um bello dia o marido de Fiamona atira em Fiamona; não discuto esse tiro, porque dar tiros na mulher faz parte dos direitos maritaes; mas no momento da tragedia, emquanto o marido, com

uma bala no craneo, agonisa numa mesa de operações, apparece o academico, e Fiamona, fazendo-se de Sarah Bernard, revira os olhos, alteia o busto, sorri com a majestade theatral compativel com o Largo do Paço e exclama: «Mestre, a tua Magdalena está ferida!»

«Ah! isso é que não! No Brasil, no seculo XX, no Hotel de França, Largo do Paço, nas proximidades da estatua do general Osorio e da Cathedral Metropolitana, deante do mar e da Repartição dos Telegraphos, alli pertinho da estação das barcas e do Mercado Novo, ter uma mulher o desaforo de dizer a um poeta — *Mestre!* — e esse poeta não investir de rebenque contra as carnes dessa discipula, isso é que não se póde admittir. Eu admitto tudo: que a mulher engane o marido; que o marido tire vantagens das trahições da mulher; que a mãe venda o filho; que o filho ponha no prégo as joias da mãe; que o pae venda a filha; que a filha venda o pae; que um academico tranforme o Hotel de França em conservatorio dramatico; que uma senhora se matricule nesse conservatorio, etc., etc.; mas que essa senhora tenha o desplante de chamar *Mestre* a esse academico e elle não lhe escove o pello — eis o que eu não posso comprehender.

«Demais a mais, ainda distingo nessa senhora outros motivos litterarios que a fazem merecedora de uma surra. Fallando a um reporter, disse ella, para fazer valer os seus meritos litterarios: — «Sempre estudei, não su-

perficialmente, mas procurando, tanto quanto possivel, aprofundar-me. Li e estudei toda a Historia de Cesar Cantu.» —

Duas francezas entraram no bar, uma alta e loura, outra baixa e morena, ambas vestidas com a mais absoluta egualdade de córte, fazenda, côres e chapéos; e a loura dizia á morena:

— *Mais non! C'est tout le contraire, ma petite! On commence par...*

Já estavam longe. *O Homem Que Vive Só* não ouviu mais nada; mas pensou:

«Estas nunca leram Cesar Cantu. Não fazem phrases. Fazem apenas a vida. Vivem a sua vida, a verdadeira vida, sem convenções nem mentiras. São o que são, parecem o que são, mas não são o que parecem. Que parecem ellas? Entes que espalham por todo o mundo, desde as estrellas do céo até as estrellas do mar, a maldade que perverte, o vicio que corrompe, a desillusão que calcina. Entretanto são apenas victimas. Victimas do meio em que nasceram; victimas dos paes que as geraram; victimas do tempo em que viveram. Ha peores do que ellas, as quaes estão na mais alta sociedade d'aquém e d'além mar. Ha poucos dias uma *cocotte* foi obrigada a abandonar uma estação de aguas em Minas, onde tinha ido tratar-se. Não houve hotel que a acceitasse. Humilhada e vencida, teve de voltar ao Rio, com a certeza dolorosa de que uma *cocotte* não tem direito de viver, ainda quando se com-

porte como uma grande dama. Com que direito se esmaga uma *cocotte,* quando ha na sociedade tantas, tantas e tantas que são moralmente inferiores a *cocottes* e deante das quaes somos obrigados a desbarretar-nos com submissão em plena avenida? Ah! Heine! Meu divino Heine!» —

. . . .

O Homem Que Vive Só estava cansado de meditar. Olhou mais uma vez o retrato de Foch e parecia-lhe, na sua meia modorra absinthiforme, ver o marechal commandar milhões de soldados, fortalezas a saltar, a artilharia a explodir, homens a morrer, bandeiras estraçalhadas, cavallos desenfreiados, toda uma visão de morticinios inuteis á luz fosca de um barbaro crepusculo de batalha...

E o *Homem Que Vive Só,* recostando-se começou a cochilar, com o seu charuto pendente ao canto da bocca, na simples e natural posição de quem já está ha muito tempo habituado ás irremediaveis injustiças humanas...

A VAIA NO MUNICIPAL

Sem fallar doutros factos auspiciosos havidos na semana, merece destaque a vaia que houve no Municipal. Até que emfim chegou aquella casa a ser um theatro. Por emquanto era apenas um edificio de marmore, onde se reuniam açambarcadores, almofadinhas e melindrosas que, pelo geral, pouco entendem de coisas que se não relacionem com a industria, o cambio e o futebol. Artistas, isto é, individuos capazes de sentir e comprehender operas que não sejam a *Tosca* e as demais borracheiras de Puccini, estão alli sempre em minoria. Talvez seja por isso que no Municipal não sejam frequentes as vaias. Estando os temperamentos artisticos em minoria, como poderão protestar contra um mau cantôr sem que os seus protestos sejam abafados pelos applausos convencionaes partidos da platéa e das frisas? O capitalista, que não teve tempo de aperfeiçoar conhecimentos artisticos, espapaçado na sua cadeira ás voltas com as trufas do jantar

que lhe bailam ainda no estomago, não applaude sinão por parecer entendido em contraponto. Quanto a vaiar, isso para elle ainda é mais difficil do que applaudir. Qualquer pessôa póde applaudir uma cantora que assassina uma aria, embora lhe escape que a aria está sendo assassinada. Si alguem lhe disser — «O cavalheiro está applaudindo uma zebra!» — elle póde responder: — «Bem o sei, caro senhor, mas é uma senhora e não convem magoar a pobrezita...» — É sympathico e é commodo. Para isso não é preciso entender de vocalisação. Agora para metter dois dedos na bocca e assoviar uma bôa surriada contra um mau cantôr ou uma orchestra sem equilibrio, para isso é indispensavel: 1.º) — saber assoviar com dois dedos na bocca, proeza que não está ao alcance de toda a gente; 2.º) — entender um pouco de alta musica. Ora, como o burguez e o philisteu nem sabem assoviar nem entendem de musica, muito bem fazem em dormir durante os espectaculos, despertando, de quando em vez, a tempo de disfarçar importunas e indiscretas eructações. Madame, por seu lado tambem não vaia; 1.º)—porque pouco entende do que ouve; 2.º)—porque está decotada. Demais, o enthusiasmo de uma vaia sincera, determinando abundancia de traspiração, póde concorrer para arruinar as doze camadas de creme, pó de arroz, clara de ovo e carmim, com que Madame nos dá a honra de apparecer-nos, luminosa no esplendor dos seus rijos cincoenta

annos com honras de trinta e cinco... Antigamente, havendo mais dinheiro do que hoje e sendo a audição das companhias lyricas mais accessivel ás bolsas modestas, maiores eram os riscos que corriam os artistas, por mais numerosos serem os entendidos que faziam parte do auditorio. Além disso, as criticas eram muito mais bem escriptas e muito mais sinceras do que hoje. Actualmente, desde que a empresa dê annuncios a um jornal, já o critico desse jornal fica tolhido na sua liberdade de apreciação. O resultado é que, com excepção de uns dois jornaes que mantêm dois velhos competentes criticos, quasi todos os restantes dão as cadeiras, que lhes destinam as empresas, a qualquer redactor que disponha de uma casaca. Eu já vi certa noite, ha muito tempo, um rapaz lindo, realmente um bello homem, mettido numa casaca elegantissima, approximar-se de mim na sala de imprensa do Municipal, para me fazer um pedido singular. Esse rapaz era auxiliar de redacção de um diario importante; mas não entendia patavina nem siquer de litteratura em geral quanto mais de uma especialidade litteraria tão difficil quanto a critica theatral. O certo é que, approximando-se de mim, de quem já era conhecido, disse-me:

— Foi bom encontral-o aqui. V. vae me salvar. Imagine que não havia na redacção quem podesse vir fazer a critica; de sorte que eu tive de acceitar essa incumbencia; mas

devo confessar que não entendo nada de theatro. Sou inteiramente *phoca* aqui nesta zona! (textual). Quer V. apresentar-me ao Oscar Guanabarino?

— Mas para que deseja V. o Guanabarino a estas horas?

— Talvez elle me dê umas indicações a respeito da peça!

— Acho difficil, mas apresentar não custa...

E effectivamente apresentei o collega ao sr. Guanabarino, que nesse momento redigia ali mesmo a sua chronica. O rapaz pediu-lhe as taes *indicações*, dizendo nada entender de theatro.

— Pois, meu amigo, respondeu o Guanabarino, eu ando nisto ha cincoenta annos e ainda estou longe de saber tudo. Como quer então o Sr. que eu lhe ensine a fazer critica durante um intervallo? Si ao menos o Sr. tivesse noções geraes da coisa... O mais que lhe posso fazer é dar-lhe a minha critica a ler e o Sr. a copiará, si quizer, ou tirará della um resumo, comtanto que não demore muito para não atrazar o meu jornal...

O rapaz acceitou, commovido, a offerta e tirou da critica de Oscar Guanabarino um resumo para a sua folha. Isto dá bem a medida do como se tratam, ou melhor, do como se maltratam as questões de theatro entre nós. Com tal systema, não havendo criticos que orientem com sinceridade o publico, que muito é que este, composto, na sua grande maioria, de ar-

rivistas gordos e ricaços arthriticos, seja incapaz de entender, ao menos pela rama, uma obra d'arte?

Outro dia estreou no Municipal uma actriz brasileira que, segundo ouvi dizer, deu ao publico uma admiravel *Aida*. Essa senhora já fôra applaudida em Roma. A sua interpretação do papel, conforme disseram os jornaes no dia seguinte, foi eximia. Pois o publico não a applaudiu! Ella, parece, muito se entristeceu com a frieza da platéa. Dizem que ficou chorosa no seu camarim. Isso prova que ella não conhece a platéa do Municipal. Ali só se applaudem celebridades de cartaz. Si a sr.ª Vallin Pardo não fôsse da Opera de Paris, não seria applaudida pelos capitalistas obesos, pelos almofadinhas de cabeça ôca e pelas melindrosas que uivam de gozo nos campos de futebol. Essa gente não entende coisa alguma de arte. *Elles*... vão ao theatro para mostrar, nos collares *dellas*, a prosperidade commercial das proprias firmas; *ellas*... vão ao theatro para mostrar... Ora emfim! Para mostrar o que todo o mundo vê...

A ultima pateada, essa que houve no Municipal, representa curioso adminiculo para o estudo psychologico do publico carioca. Representava-se um triptico de Puccini. Calcúlo, de longe, que apavorante puccinada não será esse triptico. A vaia só irrompeu durante a terceira parte, que, segundo dizem, é justamente a unica que tem alguma coisa interes-

sante! Mas pensam acaso que o publico pateou a companhia por achar mau o triptico e insupportaveis os cantores? Não. O publico pateou, porque os intervallos tinham sido demasiadamente longos! O burguez tem as suas horas contadas: tantas para o almoço; tantas para o trabalho; tantas para o jantar; tantas para o jodo do cambio; tantas para o somno. As horas destinadas á Arte são as que vão das nove da noite á meia noite. Tres em vinte e quatro. As do somno são sagradas, porque elle tem de trabalhar a horas certas no dia seguinte. Ora, o espectaculo por causa dos longos intervallos, ia acabar por alta madrugada. Acabando de madrugada, ficava a platéa sem ter onde ir tomar o seu indispensavel chocolate com torradas. Os homens graves têm lá o seu systema. Arte musical sem chocolate ás doze e um quarto da noite não é arte musical. É maçada. Por isso a companhia foi vaiada pelos homens graves. O direito de vaiar é evidente. Eu quizera ter lido nos jornaes que a platéa gritava: — «Abaixo *Il Tabarro!* Morra Puccini!» — Isso, sim, nos teria dado a todos o prazer divino de saber que a platéa do Municipal entende um pouco de coisas musicaes. Houve quem reprovasse a vaia, dizendo ser isso uma grosseria. De accordo; mas é uma grosseria necessaria; e, antes de ser uma grosseria, é um direito do auditorio. São muito conhecidos os versos de Boileau, quando falla do artista e do autor dramatico:

Il trouve à le siffler des bouches toujours prêtes;
Chacun peut le traiter de fat et d'ignorant;
C'est un droit qu'à la porte on achète en entrant...

Vê-se, pois, que vaiar actores e actrizes é um direito que se compra na bilheteria. Si eu posso applaudir o artista que me agrada, nada me impede de pateal-o quando elle me desagrada. Numa representação particular, em que os actores eram pessôas da mais alta nobreza, Maria Antonieta, que desempenhava o papel principal, foi vaiada; e quem deu inicio á vaia com a maior sem-cerimonia foi o seu real esposo Luiz XVI. Ora, a companhia lyrica e a empresa do Municipal não são melhores do que a bella rainha de França. Portanto, a vaia de outro dia estava certa...

O FRÉGE ACADEMICO...

O sr. Ruy Barbosa é um deus agradecido aos fieis que o incensam. O dr. Pinto da Rocha, com a sua invejavel indifferença pelo ridiculo, declarou ha dias, num dos seus discursos, que Ruy era maior do que Deus, porque, si Deus tinha trabalhado seis dias e descansado no setimo, Ruy até hoje ainda não tinha descansado; e por ahi fóra seguiu mestre Pinto, levado pela sua nevrose verbal, a dizer parvoices polykilometricas a respeito da divindade do conselheiro. Este, para condignamente retribuir a mestre Pinto o incenso queimado em sua honra, deliberou votar no pobre homem para successor de Alcindo Guanabara na Academia de Letras, aquella academia que existe alli na praia da Lapa e que mestre Pinto chama «augusto sodalicio». Mas mestre Ruy estava ausente, na Bahia, a fazer comicios eleitoraes, quando se deu a eleição academica: pelo que, mandou o seu voto por telegramma. Como, porém, os estatutos da Academia exi-

gem que o voto seja secreto, e não póde haver voto secreto por telegramma que deve ser lido em sessão á hora do expediente, o voto do conselheiro deixou de ser computado pela mesa directora dos trabalhos. Por causa disso demittiu-se o sr. Ruy do seu cargo de presidente da Academia e até de membro da mesma.

Era rival de mestre Pinto, como candidato á mesma cadeira, o sr. dom Silverio Gomes Pimenta, arcebispo metropolitano de Marianna, varão notavel por saber e virtudes, escriptor vernaculissimo e insigne latinista. O sr. Osorio Duque-Estrada, partidario de mestre Pinto, e nem podia deixar de o ser, vendo que este seria derrotado, resolveu não dar numero para a sessão; e, como era portador de quatro votos de academicos que não tinham podido ir ao Syllogeu, declarou que se retirava, levando as quatro cedulas! O sr. Pedro Lessa, segundo dizem, ponderou que tal procedimento era um furto; ao que respondeu mestre Osorio que o arcebispo de Marianna «queria arrombar as portas da Academia». Pobre arcebispo! Já velho, alquebrado pelos annos e pelos seus muitos trabalhos, no limiar da Eternidade, que longe que está elle de cubiçar as glorias deste mundo, pelo menos até ao ponto de querer arrombar as portas da Academia! Contaram-me que o sr. Coelho Netto protestou contra o verbo *arrombar* e disse algumas asperezas ao sr. Osorio; este então disse que o sr. Netto estava usando de linguagem

de arrieiro; ao que teria obtemperado o desembargador Ataulpho:

— O Netto vira sempre arrieiro quando encontra animaes deante de si!

Mestre Osorio, depois de ter atenazado e atrapalhado tudo, lá se foi com os votinhos no bolso; e, não contente com isso, ainda veiu para as folhas e passou uma vasta descompostura na mesa da Academia. O sr. Mario de Alencar collocou as cousas nos seus eixos, explicando a sem razão dos protestos do sr. Osorio e a absoluta falta de razão do sr. Ruy, ao despedir-se do «augusto sodalicio», como diz mestre Pinto. Na carta em que se despede, declara o conselheiro que, presidindo sessões da Academia, teve occasião de apurar votos mandados por telegramma. Entretanto, declara textualmente o sr. Mario de Alencar: «Quando uma vez presidiu trabalhos da Academia, em dia de eleição, o presidente sr. Ruy Barbosa fez ler um telegramma que declarava um voto, e declarou não ser apuravel esse voto, por estar assignado, contrariamente ao regimento, que exige o escrutinio secreto».

O sr. Osorio Duque-Estrada pretendia na sessão de 24 do corrente fôsse apurado o voto assignado e telegraphico do sr. Ruy Barbosa. Ia o sr. Domicio da Gama submetter essa proposta á decisão da Academia, quando o sr. Filinto de Almeida objectou que «a mesa não podia nem mesmo submetter á deliberação uma

proposta contraria expressamente ao regimento».

Sempre o mesmo, o conselheiro: dizendo uma coisa e fazendo outra. Frei Thomaz até alli...

O sr. Ruy está no seu direito de não querer ser presidente da Academia; não sendo s. ex. homem de letras, como declarou no discurso feito na Bibliotheca Nacional, por occasião do seu jubileu civico, de nenhum modo lhe assentava o cargo de chefe de uma associação litteraria. Em todo o caso, o motivo por s. ex. allegado para abandonar a Academia não deixa de ser profundamente significativo. Para o sr. Ruy não deve haver regulamentos, nem estatutos, nem leis, nem posturas municipaes. A propria Constituição deixa de existir sempre que ha em jogo interesses de s. ex. O regulamento da Academia não permitte a apuração de votos mandados pelo telegrapho, mas, si Ruy vota pelo telegrapho, altere-se o regulamento, porque Ruy é Deus. Durante o dia é prohibido o transito de automoveis pela rua do Ouvidor; mas, si Ruy vae fazer discurso na Associação Commercial, e os seus admiradores mandam passar o seu automovel pela rua do Ouvidor, o automoevl passa e passam atraz delle outros, conduzindo pessoas de sua familia e amigos. Como legislador, competia a s. ex. dissuadir os seus partidarios de transgredir leis que todos, inclusive o presidente da Republica, respeitam. No tempo do

Imperio deteve um policial o carro de Dom Pedro II que passava pela rua do Ouvidor; e como o cocheiro declarasse que aquella carruagem era de Sua Majestade, nem por isso se amedrontou o guarda e respondeu:

— A lei é para todos. Nem que fôsse o carro da Susanna!

E o Imperador teve de retroceder...

O conselheiro vae fazer uma conferencia na Bahia? Exige logo uma intervenção federal. Como o presidente da Republica não lh'a concede, eis s. ex. a lamentar-se da sua pouca influencia na orientação dos destinos da Patria! Vem o sr. Ruy da Bahia e, como grassa por lá a febre amarella, a Saude Publica pensa em pôr o navio de quarentena; mas para o sr. Ruy não ha nem póde haver regulamentos sanitarios; s. ex. como Deus que é, está natural e divinamente immunisado contra qualquer contagião. E' assim por deante. Para s. ex. não ha nem póde haver leis. A sua lei é o arbitrio. *Sic volo, sic jubeo.* Ruy, ou revolução! Ou Ruy na presidencia, ou a Patria á beira do abysmo! S. ex. julga infames a todos os que lhe são contrarios. Os jornalistas que não o applaudem, que não lhe chamam genio da nossa raça, Deus e coisas ainda maiores, são, a seu ver, typos vendidos, animaes amilhados nas baias de São Paulo e da Bahia. Só s. ex. e seus amigos é que têm dignidade. Pouco importa que s. ex. esteja no Senado com votos do partido do

sr. Seabra, a quem hostilisa agora. S. ex. é Deus... Pouco importa que seu filho, o deputado Alfredo Ruy, continue tranquillamente a occupar a cadeira que lhe deu o senador Seabra, a quem o eminente brasileiro hostilisa agora. Filho de Deus tem licença para tudo... Pouco importa que o dr. João Ruy seja secretario de legação e nunca tenha ido assumir o seu posto. Ruy é Ruy. Allah é grande, mas Ruy é muito maior. Assim fallou mestre Pinto, que é, juntamente com outros illustres chismes (linguagem do Mestre), o Mahomet da rua de S. Clemente. E nem a litteratura escapa á colera e ao despeito do Mestre. Não podendo ser presidente da Republica do Brasil, tambem não quer ser presidente da Republica das Letras; mas, como o sr. Ruy tem necessidade de uma presidencia, seja lá do que fôr, e como é elle o eterno candidato da mocidade das escolas, é bem possivel que s. ex. ainda acabe os seus dias como digno presidente de uma republica de estudantes; a menos que s. ex. não queira disputar ao sr. Nilo Peçanha a presidencia da *Sociedade Dansante Recreio das Turmalinas Pretas*...

ARTE, ASNOS E RABICHOS

Morrendo Olavo Bilac, surgiram os seus discipulos e apresentaram-se logo os candidatos á sua successão academica.

Os seus discipulos confessos reduzem-se a uma récova de sujeitaços mettidos — uns a parnasianos colleccionadores de adjectivos incongruentes e pomposos; outros a criticalhos confusos e protervos, semi-bebados de Comte mal digerido e de grappa do Rio Grande mal fermentada, velhos cavadores da vida cujo sestro é passar por sonhadores perante os poetas estreantes e as meninas cujo sorriso convencional é artigo de facil acquisição como qualquer outro, por mais melindroso que pareça...

Esses discipulos avelhantados do Zarathustra da sensualidade, o qual sempre teve o mais profundo desprezo pelo proselytismo sincero, andam a injuriar a todos os individuos que não se submettem aos dogmas das suas rodas, rodinhas e rodellas litterarias, onde as

idéas voejam por alturas que ninguem vê, e onde as palavras ôcas se entrechocam e se despedaçam como calhaus arrastados por enxurradas que escachoam em gargantas estreitas e de declive rapido. Mofados e rançosos avatares dos velhos grupos litterarios, cujos membros se ufanam (para as galerias) de passar fome, beber aguardente e não tomar banho, esses cavalheiros que hoje são deputados, funccionarios publicos e burguezes mansos, por ventura pensarão ainda que seja possivel, nos nossos dias, sustentar aquelles cenaculos em que os rapazes se estiolavam a beber e a recitar sonetos de amor? Não censuro as bebedeiras, que são naturaes em rapazes despreoccupados da opinião alheia e da saude propria; mas passar noites e noites a impingir sonetos amorosos uns aos outros e até a brigar quando os amigos não se mostravam dispostos a considerar perfeitos taes sonetos, eis o que não posso comprehender; eis o que nunca poderia tolerar, eu, que tambem (perdoa-me, ó Deus Misericordioso!) já commetti a imperdoavel infamia de fazer maus versos de amor, dedicados a uma senhora, que, aos meus sonetos innocuos, preferiu os bilhetes da Caixa de Conversão que lhe dava um senhor edoso e rico. Hoje, que passou essa funesta paixão, a unica da minha alegre vida, louvo o bom senso dessa dama cuja formosura sceptica, preferindo o dinheiro do coronel ás tempestades rimadas do meu coração ingenuo, me obrigou

a meditar, a observar, a comparar e a estudar a tal ponto que afinal me convenci de que a maneira mais efficaz de aborrecer mulheres é fazer-lhes versos...

Quanto aos candidatos á successão de Bilac, esses são um pouco menos nocivos. O pavor de crear incompatibilidades na imprensa os torna discretos, reservados, conservadores e dispostos a todas as combinações conciliadoras, comtanto que estas os levem aos paramos da Immortalidade no Syllogeu. Geralmente esses benemeritos se esquivam até a fallar a repórteres acerca da sua candidatura; preferem agir á socapa, mysteriosamente, disfarçados entre as saias das senhoras influentes, como fraldiqueiros de luxo que, emquanto esperam regaladamente a sua papa, rosnam apenas, sem intenção de abocanhar, não por falta de vontade, mas por inopia de coragem e de confiança na rigidez dos proprios dentes...

Por emquanto, o unico fraldiqueiro, quero dizer, o unico candidato que se apresentou ostensivamente á vaga de Bilac foi o sr. poeta Hermes Fontes, em communicado que enviou aos jornaes e no qual diz:

«Ha o homem de letras provisorio, mais intelligencia do que talento, mais faro do que sensibilidade, que póde continuar homem de letras... por desporto, ou póde acabar *bookmaker,* negociante ou funileiro. E ha o homem de letras authentico, em geral modesto e simples, enamorado da ultima idéa ou da ultima

imagem, cultivando, sem intenções veladas, a sua paixão, o seu «rabicho» pelas coisas da arte e do ideal.»

Como se vê, divide o sr. Hermes Fontes os homens de letras em duas categorias: os homens de letras negocistas e os homens de letras de rabicho. Felizmente não sou homem de letras, porque, si o fôra, bem me custára enquadrar-me em qualquer daquellas duas categorias, visto que nem sou negocista nem uso rabicho. Como homem de negocios, sou o mais completo dos desastres; quanto a rabichos, só comprehendo que alguem, sendo asno, os tenha por mulheres, e ainda assim, dando-se certamente muito mal com o systema. Comprehende-se, porém, que algum individuo tenha, como diz o sr. Hermes Fontes, no seu estylo de funccionario postal, «rabicho pelas coisas da arte e do ideal?» É levar muito longe a propensão para burro...

A Arte! Não é prudente nem possivel definil-a; mas, de modo geral, podemos estar certos de que a Arte é tudo quanto ha mais incompativel com rabichos. Não nos esqueçamos de que a Arte é feminina e, como tal, inimiga de rabichos inconvenientes, capazes de compromettel-a... Já repararam em como as mulheres bellas fogem de homens enrabichados? Assim, a Arte. Cada vez que se nos apresentar um individuo que se confessar enrabichado pela Arte, podemos estar seguros de que esta anda muito longe d'elle. A Arte é vo-

luntariosa. Não basta *ter rabicho por ella* como diz o sr. Hermes Fontes, para que ella se renda á discreção: é necessario que ella, *queira*...

Não vemos nós tantos homens apaixonados por mulheres que nem sequer os conhecem? Elles soffrem, suspiram, gemem, adoecem e morrem, sem que ellas ao menos lhes sorriam; emquanto elles soffrem, ellas se alegram por outros horizontes. Emquanto elles suspiram, ellas sorriem para outros. Emquanto elles gemem de amor, ellas riem do ou para o primeiro palhaço que lhes fizer piruetas. Emquanto elles adoecem, ellas arrebentam de seiva que envenena os corações em torno. Emquanto elles morrem, ellas vivem — despreoccupadas como passaros, alegres como auroras, na maxima e palpitante plenitude do seu viver.

Assim, a Arte, que nunca se prostitue. Não ha dinheiro que a compre; não ha paixão que a seduza. Ella é como o Espirito de Deus, que sopra onde quer. *Spiritus ubi vult spirat*. Quando a Arte se apaixona por alguem, então, sim ,esse alguem é artista.

Era o caso de Bilac: bebeu; teve, dizem, amores marcados por estygmas degenerativos. Covarde sempre que seus interesses estiveram sob a mais vaga sombra de ameaça, foi, nos ultimos dias da sua vida, um cabotino da fôrça, um pedante do patriotismo, sustentado pelas Armas, pela Finança e até pelas bençãos da Egreja. Que importa tudo isso? A Arte tinha

paixão por elle. A posteridade, quando fallar nelle, só se lembrará da *Missão de Purna* e do *Caçador de Esmeraldas.* Benevenuto Cellini tambem era um patife; assassino, ladrão, degenerado, erotico, refalsado para com seus amigos, proxeneta; entretanto, o Summo Pontifice, já meio cego pela velhice e semi-envolto nas penumbras da Morte, tremulo, titubeante, já maduro para a sepultura, metade no Tempo e metade na Eternidade, indignado com o Artista por mais um dos seus hediondos assassinatos, recebia-o severamente, perante os Cardeaes; mas quando o Grande Buril da Renascença lhe apresentou um camafeu, o Papa, não podendo mais ver, apalpava com os dedos nodosos e mirrados aquelle titanico primor de delicadeza, e o seu rigor apostolico se transmudava em sorriso pagão; e o Vigario de Christo, rendendo-se á magia da Arte, murmurava do fundo da sua carcassa: *Benevenuto mio! Benevenuto mio!* E Cellini era perdoado...

Eis, ahi tem o sr. Hermes Fontes o que póde fazer a Arte por aquelles a quem ella ama. Não basta amar a Arte. É mistér ser amado por ella. Ora, declarando-se candidato á vaga de Olavo Bilac, o poeta das *crocodilisações verdes de jacarés,* invoca um *criterio,* para fallarmos em giria burocratica: o criterio da antiguidade. «Tomando este ponto de vista, o da antiguidade, diz o sr. vate Fontes, parece legitima a apresentação da minha candidatura á vaga de Olavo Bilac.»

Sim, talvez tenha razão o sr. Fontes, embora, querendo alguem entrar para a Academai, seja mais aconselhavel não ter criterio nenhum. Mas no pareo da antiguidade o sr. poeta perderá, porque ha já outros mais antigos do que elle...

Assim, pois, não podendo o sr. Hermes Fontes entrar para a Academia nem pelo criterio da antiguidade nem pelo criterio das *crocodilisações verdes de jacarés,* seu unico merecimento, resta-lhe apenas um recurso: appellar para o criterio dos expoentes. Si na Academia estão os srs. Austregesilo, expoente da clinica pernostica, general Lauro Müller, expoente da engenharia, marechal Dantas Barreto, expoente dos quarteis, e tantos outros expoentes de cousas varias e não menos perigosas, nada impede, cuido eu, que o sr. Hermes Fontes, funccionario postal, seja eleito como expoente da Directoria Geral dos Correios, posição em que poderá prestar relevantissimos serviços ás letras patrias como estafeta da Academia...

SEMPRE A ACADEMIA...

Abri o jornal e li: «A Academia Brasileira de Letras instituiu as sessões de saudades, em que cada um dos presentes conta episodios da vida do morto ou diz o que conhece a seu respeito. A ultima sessão, hontem, foi dedicada a Olavo Bilac.»

Devem ser interessantes taes sessões, quando o thema das anecdotas é um Bilac. Interessantissima seria a que fôsse dedicada ao nosso velho Emilio de Menezes; mas infelizmente os que mais conhecem a vida de Emilio, a sua bondade immensa e o seu sarcasmo atroz; a sua bocca de ouro quando fallava do que amava e admirava, e a sua lingua viperina quando escarnecia do que odiava e do que desprezava; os lances imprevistos do seu espirito nas palestras, as phrases de bondade e as replicas maldosas, tudo isso, quem o conhece não faz parte da Academia. Com effeito, que poderá dizer a respeito de Emilio de Menezes o dr. Afranio Peixoto, adversario

tenacissimo que foi da eleição do poeta? Alguma coisa talvez possa contar o sr. Coelho Netto, mas pouca, muito pouca, e esse pouquinho, ainda assim, eivado de tanta hellenice descabida, que, no fim, o auditorio, depois de ter ouvido attentamente o sr. Netto, não saberá distinguir o seu Emilio de Ajax, de Aristophanes ou de Tritão... É que a Academia Brasileira se vae pouco a pouco transformando num simples viveiro de velhos *almofadinhas* scientificos, politicos e litterarios; e si Bilac, que foi outr'ora grande bohemio, não se tivesse officialisado e enquadrado na chamada alta sociedade, cujos habitos, usos e costumes, como expressões de moralidade, revoltam as mais humildes camadas humanas do Rio; si Bilac, por motivos de saude, de scepticismo e de bem estar, não se tivesse encartado entre homens illustres e as damas ainda mais illustres do meio, muito provavelmente a Academia não se teria occupado do seu talento *post mortem*. Emfim, já é alguma coisa o que fez o *augusto sodalicio* (como diz o seu eterno candidato dr. Pinto da Rocha), sodalicio augusto cuja opinião eu quizera conhecer em uma sessão de saudades dedicada ao dr. Austregesilo, ao marechal Dantas Barreto, ao dr. Aloysio de Castro, etc.. São homens triumphantes mas cuja vida mental, não tendo imprevistos, não póde servir de thema a divagações, ainda academicas.

Diz o jornal que os srs. Filinto de Al-

meida e Osorio Duque-Estrada recitaram versos de Bilac *no original*. Em que lingua então escreveu Bilac? E que idioma fallam os srs. Filinto e Osorio? Toda a gente suppunha que, tendo Bilac versejado em portuguez e sendo o portguuez a lingua do sr. Osorio e do sr. Filinto, que é até portuguez nato, tivessem esses dois academicos recitado em portuguez, uma vez que não nos consta estarem todos os versos de Bilac traduzidos em linguas exoticas; mas o jornal, talvez por não ter entendido bem a pronuncia dos recitantes, achou prudente dizer que elles recitaram Bilac no original, isto é, numa lingua que o jornal não comprehendeu...

O sr. Coelho Netto discordou do sr. Austregesilo e fez muito bem: discordar do sr. Austregesilo é dever de qualquer homem honesto, pelo menos em questões litterarias. Mas o sr. Coelho Netto pretendeu convencer o seu restricto publico de que Bilac nunca tinha sido bohemio. Ora, Bilac foi um grande bohemio, e isto em nada o diminue. Bohemios têm sido muitos grandes homens. Quando se diz que Bilac era bohemio, vem-nos logo á ideia que Bilac bebia, e é isto que atterrorisa os nossos pro-homens litterarios de hoje. Não se lembram de que, si houve muitos grandes homens que não beberam, tambem houve innumeros outros que beberam muito e até demais. Byron, Edgard Poë, Alfredo de Musset, Baudelaire e outros foram bebados inveterados, o que não lhes impediu ser grandes homens.

Verlaine, além dos versos magnificos, não fez outra coisa na vida sinão consumir absintho, que é uma das cousas mais geradoras de felicidade que ha na vida. Não aconselho a ninguem o seu uso, por ser bebida perigosa, que depois da felicidade traz a desgraça. Mas, porque arrancar Bilac ao seu *eu?* Elle bebeu, como tantos grandes homens e como toda a gente. Luiz Murat, o nosso confuso e admiravel Murat, bebeu tambem e fez mais do que Bilac: brigou, deu murros veneraveis, cabeçadas heroicas e ponta-pés capazes de fazer morrer de inveja aos rapazes do futebol; porque elle não dava ponta-pés em bolas de borracha mas em homens. Murat foi homem para esvasiar theatros, quando estava de mau humor; e isso impediu Murat de ser o que é? Assim, pois, que razão haverá para esse terror academico a respeito da bohemia de Bilac na sua mocidade, bohemia que em nada o diminue na admiração dos homens intelligentes? Pelo amor de Deus, não castrem Bilac depois de morto!

«Abrindo os trabalhos, diz o jornal, o sr. Domicio da Gama leu um pequeno discurso de evocação em que traçou *com meiguice* o perfil de Bilac.»

Veja o sr. Domicio a que transes póde um reporter levar um ministro do Exterior e presidente da Academia. Provavelmente o sr. Domicio, cujo trabalho não veiu a lume, terá dito alguns periodos mais ou menos corre-

ctos a respeito de Bilac, seu companheiro de letras e, creio eu, seu collega na *Gazeta* onde estou e de onde, provavelmente, não sairei embaixador, nem ministro, como o sr. Domicio, porque o maximo que já me offereceu a minha Patria (sem que eu lh'o pedisse) foi o portentoso cargo de auxiliar de consulado em Paris, cargo que eu não pude aceitar por não descobrir honra nenhuma em morrer de fome em França... Provavelmente, dizia eu, o sr. Domicio terá lido alguns periodos correctos a respeito de Bilac; pois o reporter transformou tudo isso em *meiguice*. Sabe s. ex. porque? Porque s. ex., gostando de fallar simplesmente, nem cita termos de technologia medica como o dr. Austregesilo, nem cita Agamemnon, Thraséas, os Cyclopes e as Erynnias, como o sr. Coelho Netto.

Nessa sessão de saudades feita pela Academia surgiu uma palavra de bom senso: foi a do sr. Mario de Alencar que, estando, durante toda a sessão, caladinho no seu canto, como sempre, no fim propoz que a Academia publicasse um diccionario analogico que o poeta, grande estudioso na lingua vernacula, deixou incompleto.

Si o sr. Mario de Alencar não tivesse feito essa proposta, a sessão de saudades dedicada a Bilac teria redundado em verdadeiro achincalhe ao poeta, não só pelos recitativos de academicos e elogios do sr. Coelho Netto, como, principalmente, por causa do estudo cli-

nico do sr. dr. Austregesilo, que expoz as visceras de Bilac aos olhos da multidão, exactamente como faz o empresario Paschoal Segreto nos seus museus scientificos e ceroplasticos...

O PERIGO DA LITTERATURA MEDICA...

Aqui estou eu, conforme prometti, para analysar o estudo que fez o doutor Austregesilo a respeito da doença de que morreu Olavo Bilac. Esse estudo foi lido perante a Academia de Letras, em sessão dedicada á memoria do grande poeta, e teve as honras de integral publicação no *Jornal do Commercio*. Na rapida analyse a que vou proceder, deixo de lado duas faces do estudo austregesiliano: a face medica, a face clinica propriamente dicta, que eu, por iropia de conhecimentos technicos, não sou competente para criticar, e a face moral. Esta face moral póde ser synthetisada na seguinte pergunta: *póde um medico espontaneamente violar o segredo profissional e, sem licença da familia de um seu cliente fallecido, publicar pormenores acerca da enfermidade que victimou esse cliente?* Eu

não sei si tal será permittido ainda a clinicos academisantes; mas foi o que fez o doutor Austregesilo, quando transladou para o seu estudo os apontamentos que tomara no seu caderno de consultas, depois de examinar Bilac no seu consultorio. O professor é de opinião que «não ha para estes casos segredo profissional, porque a dôr é nacional, porque o doente foi o proprio Brasil». Assim, si Bilac, em vez de ter morrido de hypertrophia cardiaca, que, afinal é uma doença que se póde enunciar num salão, tivesse succumbido, por exemplo, a uma gonococcia generalisada, o sr. Austregesilo teria provavelmente publicado estes horrores, «porque o doente foi o proprio Brasil!» E si Bilac tivesse deixado descendencia? Legitima ou bastarda, pouco importa. Seria muito agradavel aos filhos e filhas do grande poeta saber que descendiam de um «intoxicado veterano», como diz o sr. professor, de um psycopatha, sujeito a allucinações, etc., etc.. Assim, tambem, si Bilac tivesse sido casado e enganado pela mulher; e si esta infelicidade tivesse sido mais ou menos mascarada por um divorcio amigavel, sem escandalo, o advogado de Bilac podia ir á Academia e produzir perante ella e o publico todos os documentos comprobatorios da desventura conjugal do poeta, «porque o capricornio foi o proprio Brasil»! Partindo desse principio iremos longe...

O que varias celebridades medicas, em paizes estrangeiros, têm procurado fazer, e al-

guns com grande exito, são reconstituições de estudos clinicos relativos a grandes homens, mas grandes homens do passado: Regis, por exemplo, com o seu estudo acerca da alienação mental de J. J. Rousseau; os drs. Cabanés e Nass com os seus estudos a respeito das ultimas enfermidades de Luiz XI, de Luiz XIV, de Napoleão I, de Josephina, etc.. Agora, quanto a publicar, espontaneamente, sem nenhuma necessidade, nem scientifica, nem moral, nem social, nem juridica, os transes mais intimos que amargaram os ultimos dias de um enfermo, que morreu ainda outro dia, a pretexto de que esse enferno era homem illustre, isso é que eu não sei si será permittido pela ethica profissional. Mas vamos a ver a maneira por que o sr. Austregesilo estuda a enfermidade de Bilac. Começa dizendo que os ultimos seis annos da vida do poeta «foram muito dedicados aos incommodos de saude que lhe appareceram; e já eram os prenuncios longinquos do successo sinistro que hoje, na Academia, lamentamos, como echo do Brasil inteiro e das partes onde a lingua portugueza é entendida.». Que maneira de escrever! Annos muito dedicados a incommodos; echo das partes onde a lingua é entendida! Que dedicação será essa dos annos? E a que partes se refere a lingua do doutor?

Diz que Bilac era «muito brasileiro, na consonancia crystallina e alegre das suas ri-

mas.» Realmente eram muito alegres as rimas de Bilac. Era exactamente o que o caracterisava: o humorismo dos seus versos. Que cousa alegre, por exemplo, *A missão de Purna!* Quanto ao *Caçador de Esmeraldas,* não se conhece nada mais altamente humoristico; é uma verdadeira fabrica de gargalhadas, «na consonancia crystalina e alegre das suas rimas.»

Trecho admiravel, este: «As fôrças somaticas iam-se-lhe enfraquecendo, emquanto as energias psychicas amadureciam douradamente, na prosa tersa e brilhante e nos versos repassados de scepticismo, de philosophia, e, ás vezes, de verdadeiros relampagos.»

Dissequemos este periodo, como si fôsse uma ran.

Diz o doutor que as fôrças somaticas do poeta, isto é, as suas *fôrças* corporeas *se enfraqueciam;* mas as suas energias mentaes amadureciam douradamente — como? Na prosa tersa e brilhante. Só? Não. Amadureciam tambem nos versos repassados de scepticismo, de philosophia e de verdadeiros relampagos; de sorte que nos versos de Bilac, feita a analyse em laboratorio, encontram-se os seguintes residuos: rimas alegres, scepticismo, philosophia e relampagos. Relampagos metaphoricos? Não: relampagos verdadeiros, desses que rasgam no céo sulcos de fogo em noites de tempestade...

Continúa, dizendo: «Consultára medicos em Paris. Haviam encontrado a hypertrophia

cardiaca, demonstrada pela radiographia, que Bilac guardava com carinho, como se fôsse um documento inestimavel do proprio ser.» Mas, afinal, que era o que Bilac guardava com carinho? A hypertrophia ou a radiographia?

«Quando cheguei ao Rio, em 1893, diz o professor, conheci Bilac: achei-o muito bello; talvez pelo reflexo da minha immensa admiração pelo menestrel fidalgo das nossas letras. Alguns achavam-no feio; sempre protestei contra este juizo; o que lhe enfeiava a physionomia era o estrabismo divergente unilateral direito; mas elle procurava posições que minoravam este defeito, e o *pince-nez* dava-lhe graça e donaire ao rosto e a todo o porte.»

Bilac, realmente, não era um monstro de fealdade; mas estava bem longe de ser *muito bello,* como quer o sr. Austregesilo, unico que lhe descobriu dotes apollineos. Quanto a Bilac procurar posições que lhe minorassem a fealdade caracteristica do estrabismo, isso é invenção do sr. professor. Bilac andava, assentava-se, levantava-se, palestrava, recitava, tudo e sempre com a maior naturalidade deste mundo. Tambem só o sr. Austregesilo seria capaz de descobrir num pencenê a faculdade engenhosa de dar donaire a todo o porte de um homem. Olhe, um que é mestre de todos nós, o sr. Carlos de Laet, por exemplo, tambem é estrabico e usa pencenê; entretanto, é um dos menos donairosos cidadãos que eu conheço.

Diz que o dr. Henrique Wenceslau era de Bilac «medico assistente e inclinadissimo amigo»; que o poeta, ás vezes, encontrando-se com o sr. Austregesilo, na Academia, «lhe referia os eventos da sua enfermidade»; que o organismo do seu cliente era «ainda moço, mas cheio de velhez»; que a grippe, que elle ultimamente soffrera, fôra «o prenuncio das ambiciosas Parcas» e «pregoeira da finalidade de um astro que desappareceu precocemente das nossas letras, deixando a mancha indelevel da saudade»; que os seus rins, «apezar de incompetentes, ainda davam conta do recado»; que, finalmente, «mesto, tristissimo foi o desfecho clinico desta doença, etc., etc...»

O sr. dr. Austregesilo, com a sua natural incomprehensão das coisas litterarias, talvez pense que eu seja um grammatico exigente e ranzinza, occupado em descobrir nos seus escriptos erros de portuguez. Engana-se. Não lhe aponto, como nunca lhe apontei, erros de grammatica. Devo dizer-lhe até que não sou dos mais fortes em questões grammaticaes; grammatica estudei eu emquanto estive em preparatorios e só sei o estrictamente necessario para não dar muitas cincadas. Talvez até o sr. professor, como chefe de clinica, digno do seu meio e do seu tempo, saiba muito mais grammatica do que eu. Não é de grammatica, pois, que se trata aqui. O de que se cuida é apenas de apontar palmares impropriedades de estylo, incongruencias e extravagan-

cias, pelas quaes facilmente se demonstra que o sr. Austregesilo, podendo ter, como de certo tem, em sua casa, um ou dez parques de artilharia grammatical, não sabe e nunca saberá escrever, pela simples razão de que não nasceu para isso, e já não está em edade de aprender; e, não tendo nascido para escrever, ora, querendo ser elevado, rebusca termos obsoletos, como *eventos, velhez* e *mesto;* ora, querendo ser simples, cae de quatro patas na chatice e diz, em solemne relatorio scientifico, que os rins de um enfermo eram incompetentes mas davam conta do recado! É *mesto* ter a gente de estar esmiuçando taes parvoices, mas, já que o sr. Austregesilo chegou á posição que occupa, tem obrigação de escrever decentemente; não o fazendo, tem de arcar com os *eventos* que promanarem das suas bernardices.

Terminando o seu estudo, diz o sr. professor: «Perdoae, confrades eminentes, estas pequenas conjecturas litterarias de quem vos fallou tão duramente do corpo do culminante extincto, etc..» Como?! Pois então o sr. Austregesilo, medico de nomeada e professor na Faculdade, depois de expor minuciosamente um caso clinico; depois de o estudar com o maior luxo de termos technicos familiares á arte dos morticolas; depois de transcrever até as observações constantes do seu canhenho de consultas, vem dizer-nos candidamente que tudo quanto disse são simples cunjecturas littera-

rias? Com que, então, vae ao seu consultorio um doente grave, como Bilac; o sr. Professor o examina, interroga, ausculta, percute, dá-lhe indicações therapeuticas e dieteticas, e, no fim, fez apenas litteratura? Ah! É assim? Foi bom eu saber. Um homem avisado vale por dez. A mim é que o sr. doutor — confio em Deus — nunca me apanhará no seu consultorio, para fazer litteratura *in anima vili,* á custa dos meus pulmões e da minha provavel myocardite.

Aqui chego eu ao fim deste *mesto* trabalho; mas, antes de dal-o por terminado, devo fazer duas declarações: a primeira é que, vendo como se multiplicam os casos como o do dr. Austregesilo, que é tido como grande homem e até — coisa espantosa! — como escriptor, só porque conseguiu amontoar titulos scientificos; quando penso que o sr. Austregesilo e seus semelhantes têm admiradores, discipulos e imitadores, descreio por completo do futuro intellectual deste paiz que parece habitado por um povo de cretinos, devorados pela verminose em todas as suas manifestações; a segunda é que o sr. dr. Austregesilo nunca me fez mal algum: não lhe tenho a mais vaga sombra de odio nem de simples antipathia pessoal; si escrevo contra os seus escriptos, é por mero passa-tempo intellectual e tambem um pouco por honestidade litteraria. Aliás, estou perfeitamente convencido de que não serão meus artigos que destruirão o prestigio e a gloria do emerito professor. Que distancia nos se-

para! Basta dizer que elle tem palacio e automovel; e eu, não, e provavelmente jamais os terei. Portanto, resignemo-nos. Em todo o caso, — debil consolo! — os meus artigos ahi ficam para serem futuramente cotejados com os escriptos do eminente academico...

A IMPRENSA AMARELLA...

Durante a semana tive o prazer de ser acoimado de garoto, cafageste, exaltado, chefe de malta, etc., etc.. Nada disso me commove. Ser tido como capadocio me é tão indifferente como ser nomeado Grão-Mestre da Ordem de Malta. No meio dos ataques que provocou a reacção contra um banquete offerecido a certo cidadão que nos tinha insultado ha vinte e dois ou ha vinte e quatro annos, appareceu ahi o academico João do Rio Minho, que declarou ter visto em Berlim um *dossier* do ministerio da Guerra Allemão, segundo o qual os homens publicos do Brasil, julgados pelos jornaes brasileiros, appareciam como os mais desmoralisados do mundo.

Está claro que esse frescalhote viu esse *dossier* como eu vi o nariz de Cleopatra. Imaginem este paradoxo alarmante; um traductor do Ministerio da Guerra da Allemanha, funccionario juramentado e da maxima confiança,

a mostrar a um estrangeiro perfeitamente desconhecido um *dossier* secreto do Estado Maior do Exercito! É phenomenal!

Isto, porém, carece de importancia. O ponto principal dessa balela reside na insinuação tola de que só os politicos brasileiros sejam victimas da *imprensa amarella.* Si ha politicos brasileiros que moralmente nada valem perante a opinião publica do seu paiz, a culpa não é da imprensa que lhes desvenda as mazellas, mas, sim, d'aquelles homens de Estado, que, não tendo compostura nem idoneidade moral para exercerem os cargos que lhes couberam, praticam actos vergonhosos que a imprensa descobre, publica, prova e commenta. E taes descobertas, acompanhadas dos commentarios virulentos que ellas mesmas suggerem, não são privilegio do nosso jornalismo. Em toda a parte do mundo ha politicos honestos, que a imprensa respeita; ha politicos venaes que a imprensa persegue; ha jornalistas vendidos e covardes que se deixam amordaçar ou pelo temor ou pelo interesse; e ha tambem jornalistas honestos e corajosos que profligam com justa vehemencia as acções que elles, de bôa fé, julgam nocivas ao bem estar e á honra do seu paiz. Neste sentido, o Brasil é mais ou menos como as outras nações civilisadas. Si aqui existem jornaes que atacam violentamente certas combinações suspeitas, urdidas nos bastidores da politica e da administração publica por individuos sem consciencia, na Italia,

na Allemanha, na França, por toda a parte, a mesma cousa se observa.

Quero dar aos leitores alguns especimens do que em França, por exemplo, se escreve contra o Chefe do Gabinete, contra os ministros, contra senadores, deputados, escriptores, jornalistas, contra os maiores homens daquella terra tão civilisada. Quem quizer ter idéa da violencia das polemicas travadas entre jornaes parisienses, que representem matizes divergentes na politica, na administração publica e nas letras, leia, si poder, comparando-os, de um lado *L'Action Française,* que é o orgão do nacionalismo integral, dirigido por León Daudet e Charles Maurras, e do outro lado *Le Pays,* orgão radical, dirigido por Gaston Vidal, *L'Humanité,* orgão socialista dirigido pelo deputado Renaudel, *L'Oeuvre,* jornal republicano dirigido por Gustave Téry. No meio desses estão os moderados como o *Temps,* jornal da burguezia com responsabilidades na Bolsa, e o *Figaro,* jornal conservador, tanto ou quanto aristocratico, mas ainda assim combativo, tão combativo que o seu director Gaston Calmette pagou com a vida a coragem que teve das suas idéas ou dos seus interesses contrapostos á politica financeira de Caillaux...

Lá, esses homens intrepidos, cada qual defendendo as suas convicções, de bôa ou de má fé, tendo ou não tendo razão, exprimem o seu pensamento com clareza, em bôa linguagem, não se detendo deante de considerações

e transigencias em que a pusillanimidade e o instincto de cavação façam as vezes de dignidade individual.

Os srs. Léon Daudet e Charles Maurras, directores da *Action Française,* que é hoje um dos jornaes mais populares da França, principalmente entre as classes armadas, são duas grandes intelligencias.

Léon Daudet é autor de cerca de duas dezenas de livros, quer de polemica quer de ficção litteraria, como LES MORTICOLES, FANTOMES ET VIVANTS, DEVANT LA DOULEUR, etc..

Maurras, que é o pensador do partido nacionalista, conquistou, com os seus livros L'AVENIR DE L'INTELLIGENCE e a ENQUÊTE SUR LA MONARCHIE FRANÇAISE, destacada situação entre os modernos pensadores e sociologos da sua patria. Menos litterato e menos jornalista do que Léon Daudet, Maurras, para poder espalhar as suas idéas, não poude deixar de appellar para o jornal, porque este, como já o dissera muito antes delle outro grande polemista francez e catholico, Louis Veuillot, é *a verdadeira arma de precisão;* e illustre bispo allemão, monsenhor Ketteler, affirmou que *si São Paulo vivesse nos nossos dias seria jornalista.* Eu tambem creio que sim, e, mais, acredito que disso duas consequencias surgiriam: o christianismo se teria diffundido muito mais rapidamente e São Paulo teria sido degollado muito mais cêdo pelas classes conservadoras,

cujo chefe, no tempo do grande apostolo, era apenas Nero, uma flôr . . . .

Trata-se, pois, de dois grandes patriotas, cheios de talento, de cultura e de revolta contra os erros e crimes praticados pelos que o acaso da politica e da democracia burgueza ergueu até ás culminancias de onde se governam, se exploram e se desprezam os homens.

Um delles, Léon Daudet, foi amigo de Gustave Téry, mas essa amizade não impediu que ambos, por questões de principios, se desaviessem e se tornassem acirradissimos inimigos, entre os quaes têm havido processos por crime de injuria, diffamação, etc.. Basta dizer que Léon Daudet é monarchista, *camelot du Roi;* Téry, antigo redactor do *Journal*, onde mantinha uma secção diaria — *Les jours se suivent* . . . (Paulo Barreto tambem tem um livro de chronicas chamado OS DIAS PASSAM...), Téry é director do *L'Oeuvre,* jornal republicano exaltado, cujo commanditario é o deputado Hennessy, o fabricante dos conhaques, a quem Daudet chama *l'empoisonneur* . . . Hoje Daudet, quando se refere a Gustave Téry, diz sempre: *le louche Téry* . . .

Vae dahi, então, Téry, como arma de defesa, organisou, por ordem alphabetica, um catalogo de todas as notabilidades francezas que até hoje têm sido atacadas pela penna indignada de Léon Daudet. Esse catalogo, de que possuo a primeira série, chama-se LE BOTTIN DE LA DIFFAMATION. Desse BOTTIN, que

em nada deshonra a Léon Daudet, em nada, nem siquer nas contradicções apontadas por Téry, destaco aqui alguns trechos demonstrativos de que não somos nós os inventores do que se chama ahi a *imprensa amarella,* isto é, a imprensa que dá o nome aos bois...

LOUIS BARTHOU, velho deputado, ministro mais de uma vez, escriptor, presidente do Conselho, figura representativa no mundo politico e social francez. A respeito delle escreveu Léon Daudet na *Libre Parole,* em agosto de 1917:

> *Ce petit touch-à-tout*
> *De Barthou*
> *Convoite tout,*
> *Se fourre partout*
> *Comme un toutou...*

HENRY BATAILLE é *un fabricant dramatique de poulets faisandés...*

LÉON BOURGEOIS, ministro financeiro e presidente do Conselho, é *un être bête, fanatique et borné,* o que em bom brasileiro quer dizer: *um ente besta, fanatico e estreito.* (Eu diria, por causa da gradação: *um typo tacanho, fanatico e besta).*

ARISTIDES BRIAND — Um dos homens, pessoalmente, mais sympathicos da politica franceza. Deputado, Ministro da Justiça, Presidente do Conselho de Ministros. Léon Daudet refere-se a elle, dizendo: *le souteneur sanglant*

Aristide Briand (o caften sanguinolento Aristides Briand). *Souteneur avéré, connu, patenté* (caften provado, notorio, diplomado).

No numero da *Action Française* de 29 de dezembro de 1910, Léon Daudet, sob a rubrica *Nos Etrennes, (Os nossos presentes de Natal,* alguma coisa que corresponde ao nosso *Testamento do Judas)* escreve, a respeito de Briand, esta coisa enorme:

NOS ETRENNES — *Pour le souteneur Aristide Briand, agent de l'empire juif contre le syndicalisme français excité puis dupé par lui: sejour d'une heure au milieu des camelots du Roi. Retour à Saint-Nazaire avec fanfare, espadrilles et casquette. Station au pré-correctionnel, ou bouge paternel. Mise en jugement par un tribunal ouvrier, dont rélève plus particulièrement cet individu: suivant la sentence, pendaison ou pilori.*

Em bôa linguagem brasileira, quer isto dizer o seguinte: «OS NOSSOS PRESENTES — Para o caften Aristides Briand, agente do imperio judaico contra o syndicalismo francez excitado e depois tapeado por elle: passar uma hora entre os *camelots du Roi.* Volta a Saint-Nazaire com charanga, espadilhas e casquete. Estação na Colonia Correcional, no covil do pae. Julgamento por tribunal operario, classe d'onde mais particularmente sae este individuo: conforme sentença, ou fôrca ou pelourinho.»

GEORGES CLEMENCEAU — Contemporaneo de Gambetta (a este ultimo chama Léon Daudet

le grand jouisseur borgne, que quer dizer: o grande farrista caolho), deputado, ministro, e mais de uma vez presidente do Conselho, o formidavel derrubador de ministerios. É tratado por Léon Daudet como cria da Inglaterra *(le nourrisson de l'Angleterre);* caveira insculpida num calculo biliario *(tête de mort sculptée dans un calcul biliaire);* velha caveira, o Vautrin da Republica *(le vieux à la tête de mort, le Vautrin de la Republique);* tigre desdentado, mongol de borracha *(tigre édenté, le Mongol de caoutchouc).*

EMILE COMBES, deputado, ministro, presidente do Conselho, é, para Léon Daudet, *petite tête de perroquet moisi,* que quer dizer: «cabecinha de papagaio mofado».

O SR. DELCASSÉ, o ministro de Estrangeiros que preparou para a França essas allianças e amizades que hoje tanto lhe valem, é *entêté comme un pou en bronze:* «cabeçudo como um piolho de bronze».

Quanto a ARMANDO FALLIÈRES, presidente da Republica, é impossivel citar tudo quanto diz a respeito d'elle Léon Daudet. Basta dizer que, para o grande jornalista, Fallières é *l'enorme Fallières aux pieds de lard, aux bras de saindoux, au nombril couenneux:* «o enorme Fallières de pés de toucinho, braços de banha e umbigo gordo».

O nosso infinito ANATOLE FRANCE, o mais perigoso pensador que jamais surgiu na carcassa de um animal inoffensivo, é, para Léon

Daudet, *un Socrate extrêmement timidé, à qui la seule vue de la cigüe donnerait immediatement la colique:* «um Socrates extremamente timido, que, só de ver a cicuta, teria dôres de barriga.»

Impossivel citar mais. Por estes trechos se póde ver que nós, em questões de imprensa, como em algumas outras, somos muito mais humanos do que os europeus. Nunca houve aqui quem tivesse coragem de chamar caften a um ministro. Não me venham, pois, mystificar com rhetorica incapaz de convencer-me de que eu, quando digo, sem circumloquios, que um canalha é um canalha e que um cretino é um cretino, falto com as regras de cavalheirismo usadas em paizes de civilisação culta. Em paiz essencialmente pastoril, como o nosso, eu não faço mais do que dar o nome aos homens...

ARCA DE NOÉ

Chamo a attenção do deputado Mauricio de Lacerda e do sr. commendador Paulo Barreto para um facto gravissimo: chegou da Italia o sr. Fausto Ferraz!

Poderá parecer extranho que, chegando da Italia Fausto, tenha eu chamado para isso a attenção do dr. Mauricio de Lacerda e dr. João do Rio. Que relação, com effeito, poderá haver entre o dr. João do Rio — rapaz intelligente, litterato, jornalista pratico, escriptor festejado, chronista laureado, applaudido autor theatral, e os srs. Mauricio de Lacerda e Fausto Ferraz que são apenas deputados e oradores?

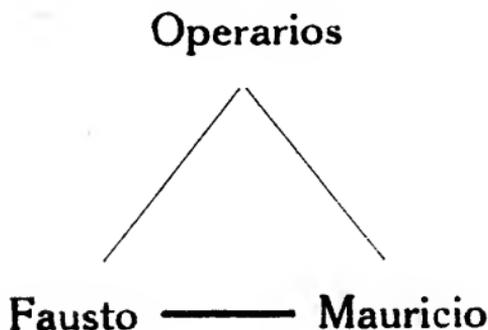
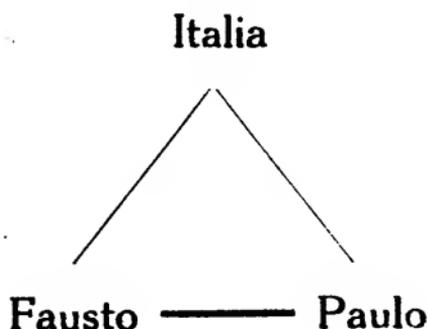
Uma grande relação, que vem a ser a seguinte: Mauricio é defensor dos operarios; Fausto tambem o é; o dr. João do Rio Vouga é amigo da Italia; Fausto tambem o é. Ha, pois, entre elles certo grau de affinidade que eu não sei si será licita, ou si será illicita, porque, em se tratando de coisas em que se

metta o commendador Paulo Barreto, já não se pode saber até onde chegarão os limites do licito e os do illicito...

Para poder aquilatar a gravidade do incidente que forçosamente se dará entre o conspicuo homem de letras Paulo e os prestigiosos politicos Fausto e Mauricio, basta dizer que, si o sr. Mauricio é o *leader* das classes proletarias dentro do nosso territorio e no territorio das paredes reivindicadoras, por seu lado o sr. Fausto é, por votação das sobreditas classes proletarias, o seu *leader* no estrangeiro, pois, como se sabe, o sr. Fausto foi o seu representante (dellas) na Conferencia do Trabalho de Washington.

Agora, encarando outra face deste magno problema: si o dr. João do Rio é o grande amigo da Italia no Brasil (e amigo desinteressado, que não percebe nada por isso), por seu lado o dr. Fausto é tambem o grande amigo da Italia, no Brasil, como se prova das entrevistas que o notavel deputado tem concedido aos jornaes. Si o commendador Paulo ganhou um banquete no Rio e uma fitinha que lhe deu o governo italiano, por outro lado o dr. Ferraz fez uma conferencia no theatro Quirino de Roma, sendo nessa conferencia apresentado ao auditorio, por certo deputado Rava, que foi ministro na Italia! E, mais ainda, por causa e como premio dessa conferencia, recebeu o titulo de *Consul Romano,* conferido pela sociedade *Corda Frates* (que abran-

ge todos os estudantes universitarios do Reino) e é portador de uma mensagem dos estudantes italianos. Segundo declarou hontem o dr. Fausto a um vespertino, pretende S. Ex. transmittir-nos essa mensagem numa formidavel sessão solemne para a qual serão opportunamente convocados todos os estudantes do Brasil. E garanto que vae ser uma festa de arromba!

Ahi está, portanto, reduzida a geometria a relação que ha entre as tres illustres personalidades, relação que se póde synthetisar neste schema:

Pelo schema se vê que entre Mauricio e Paulo não ha parentesco, mas este existe

entre Fausto e Paulo, pela linha italiana, e entre Fausto e Mauricio pela linha operaria. Donde se verifica que o pomo de discordia, nessa embrulhada toda é indubitavelmente o o dr. Fausto.

Não é necessario escrever mais para demonstrar a inevitabilidade do incidente que, mais dia, menos dia, surgirá fatalmente entre Fausto e Mauricio por amor dos operarios, entre Fausto e Paulo por amor da Italia.

Conhecem a historia da caixa de marmellada adquirida de sociedade por dois amigos? Foi o caso que dois amigos e companheiros de quarto, gostando muito de marmellada, mas tendo ambos dinheiros curtos, resolveram cotisar-se para comprar, como de facto compraram, uma caixa desse detestavel doce, com a condição, porém, de nenhum delles extrahir nenhuma fatia sem estar presente o outro, para evitar que qualquer dos dois fôsse lesado. Assim, quando um queria saborear uma fatia de marmellada, chamava o companheiro para verificar a extracção, que se fazia sempre de um lado, porque a caixa era dessas cuja tampa, corredia, se afasta, puxada á maneira de uma gavetinha. Ora, um bello dia, estando já gasta metade da marmellada e querendo um delles comer um naco, chamou o companheiro e abriu a caixa até metade. Céos! No fundo da caixa, deitadinha, estava apenas uma simples hostia de doce! Só então ficou verificado que um dos amigos, na au-

sencia do outro, infringindo o pacto de só cortar de um lado, cortava tambem do outro, motivo por que, naquelle infausto dia, ambos se encontraram no meio da caixa!

Esperem e verão que qualquer destes dias o dr. Fausto e o dr. Mauricio se encontrarão no meio da caixa de marmellada operaria, e o mesmo dr. Fausto topará com o commendador Paulo no meio da caixa de marmellada italiana...

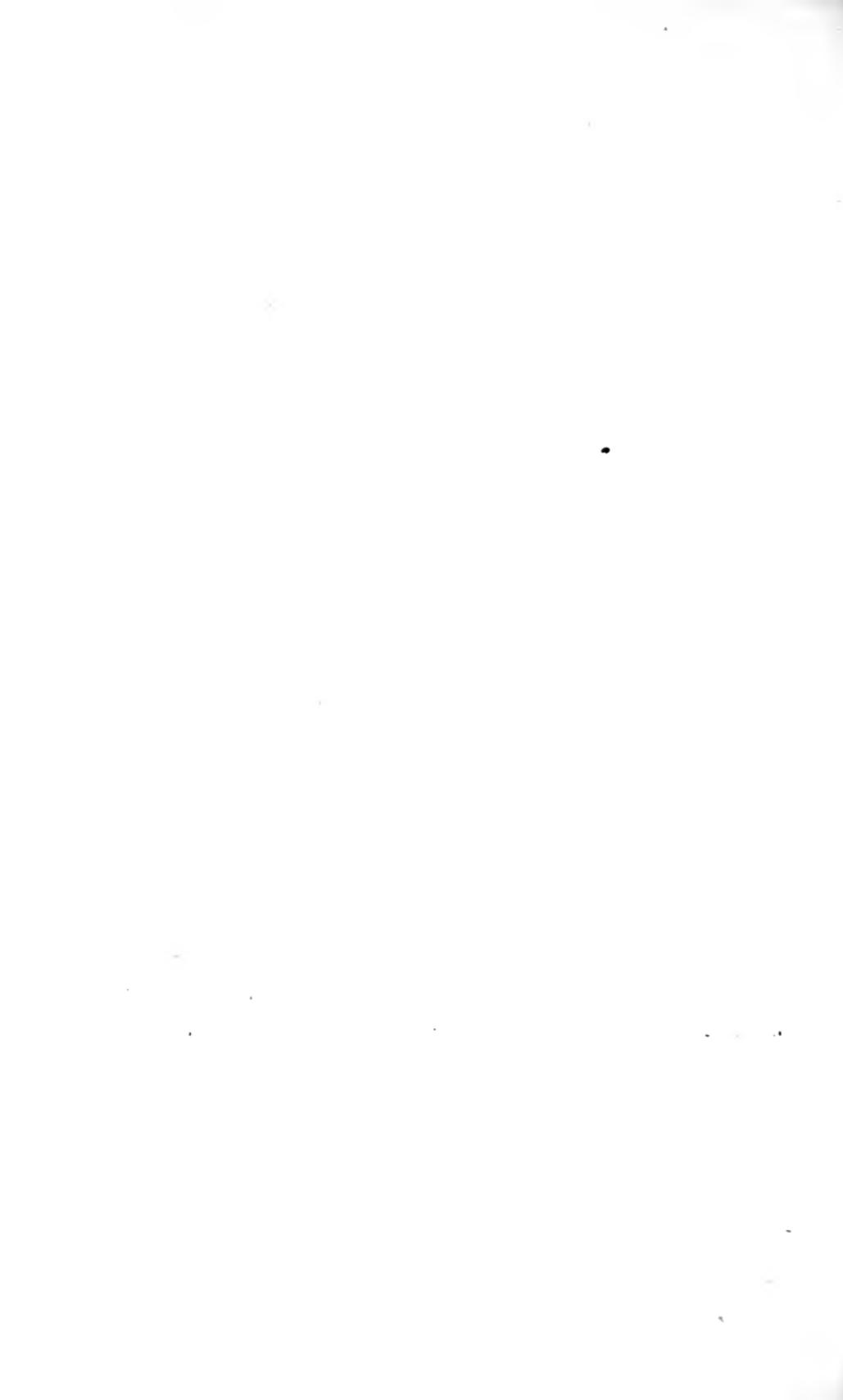
Seja porém, como fôr, quer o sr. Mauricio quer o dr. João do Rio Mondego devem tomar suas precauções com esse poderoso concorrente. Veja o dr. Mauricio que o dr. Fausto vem munido da aureola de representante dos operarios em Washington. Veja, por sua vez, o commendador Paulo que o dr. Fausto volta da Italia com o titulo de *Consul Romano* e ainda com honestas disposições de encaminhar negocios de café... Olho vivo, pois, amigos! Temos bom negocio pela prôa...

Outro ponto interessante da palestra pelo dr. Fausto concedida ao reporter é aquella em que o Consul Romano, emulo de Cicero e rival de Paulo Emilio, advoga a mudança do nosso padrão monetario. Diz s. ex. que devemos acabar com o *mil réis,* substituindo-o por uma moeda chamada *Cruzeiro,* e dividida em centesimos. «O nome — diz o reporter — é explicado com as origens nacionaes e com os astros que fulguram na *patria amada,* como diz o hymno.»

Simplesmente commovedoras estas finanças poeticas do sr. Consul Romano dos estudantes de Frascati. Mas s. ex. deve tomar tento comsigo mesmo. Quando um politico nacional começa a querer mudar o padrão da moeda, é que as coisas não lhe correm lá muito bem. Ahi está o exemplo do sr. Serzedello Corrêa e do fallecido Felisbello Freire, os quaes tanto cuidaram de finanças e moedas, que afinal acabaram nada sendo e nada valendo na politica. Outro senhor, que inventou uma moeda nacional chamada *Brasiléo,* acabou sendo tido como maniaco. Albino Mendes, que tambem se deu a interessantes estudos relativos a alterações monetarias, está na Correcção, porque o governo não concordou com certas suggestões apresentadas por elle. Affonso Coelho, que é autoridade na materia, foi atrozmente perseguido, esteve preso e afinal reconheceu que o melhor caminho a seguir na vida, era desistir de alterar á moeda, e desapparecer. Augusto Comte tambem cogitou do assumpto. Segundo as previsões do mestre da POLITICA POSITIVA, o mundo adoptaria uma moeda não em forma de disco como as actuaes, mas espherica e chamada *Carolus,* em homenagem ao incomparavel Carlos Magno, fundador da Republica Occidental. Essa moeda seria adoptada pelo mundo inteiro na éra normal, isto é, na terceira phase da transição organica, quando os governos occidentaes já tivessem irrevogavelmente sentido a necessidade politica

da supremacia religiosa da fé regeneradora, scientifica e altruista. E toda a gente sabe que, por causa dessas e outras, Augusto Comte morreu sem moeda de especie alguma e, ainda por cima, desesperado por causa de Clothilde, que não esteve por umas tantas coisas que elle queria della.... O sr. Ruy Barbosa, quando ministro da Fazenda do Governo Provisorio, de accordo com Benjamin Constant, que era adepto da liberdade financeira, resolveu o problema monetario, dando licença a toda a gente para fabricar notas amarellas, brancas, vermelhas, azues, rôxas, verdes, de todas as côres, valores, tamanhos e feitios. Resultado? Quasi nos levou á bancarrota; ainda está até hoje sem ser presidente da Republica e, si continuar pelo caminho em que vae, acabará querendo pegar passarinho de dia na avenida...

Assim sendo, o melhor é o dr. Fausto Ferraz desistir de querer mudar o padrão da nossa moeda. Isso é coisa muito complicada e quem se dá a taes experiencias quasi sempre tem mau fim...

Agora explico o titulo desta chronica: chama-se *Arca de Noé* pela grande variedade de animaes que nella entram, inclusive o autor.

OS MILHÕES DO LIVREIRO

Os milhões da Academia de Letras deram que falar esta semana.

Foi o caso que o dr. Alfredo Pujol, advogado e membro da sobredita Academia, encarregado de obter do governo paulista isenção do imposto de transmissão devido por parte da herança Alves situada em São Paulo, levou daqui um requerimento que entregou ao governador e capitão-general daquelle Estado. O governador — versão do proprio dr. Pujol — depois de ler o requerimento, pegou o advogado pela golla do casaco e lhe disse, saccudindo-o amistosamente: «Vá lá, por serdes vós quem sois...» Os governadores de S. Paulo são, como se sabe, muitissimo bons camaradas. Dizem que para momentos de aperto não os ha melhores. Emfim, o sr. Pujol, obtida a tão cubiçada isenção de impostos, enviou á Academia um memorial, no qual demonstrava que: importando os bens possuidos pela Academia

em S. Paulo em mais de 1.300 contos, elle, Pujol, tendo conseguido exoneral-a do respectivo imposto de transmissão, livrara-a de desembolsar cerca de 300 contos, visto montarem a 22 % sobre esta quantia os taes impostos; e, pois, embora em S. Paulo os advogados costumassem receber 20 % por taes serviços, elle, benignamente, se contentava com 10 %, ou sejam — 30 contos, para seu escriptorio.

Assim falou Pujol.

O espanto que tal proposta causou no seio da Academia é phenomeno que mal se conjectura mas não se descreve. O sr. Filinto d'Almeida, guarda-livros cujo volume de senso pratico só é excedido pela kilometragem dos pés, coçou o queixo e murmurou:

—Irra! Que bolada! (O sr. Filinto ainda pronuncia *vulada).* Est'homem quer levar-nos á ruina!

A esse tempo, o dr. Austregesilo, appellando para a amicicia do dr. Pujol, declarava que o memorial estava pleno de exaggerares e que conceder toda aquella pecunia seria uma infelicia para a Academia, pois o dinheiro é o antipoda dos necessitados e a abnegação é a flor virginea e pudibunda dos vergeis de Academus.

O desembargador Ataulpho, silencioso, com receio de prejulgar um feito que talvez lhe fôsse ter ás mãos, na Côrte, relia o memorial, emquanto o sr. Filinto sussurrava aos ouvidos do sr. Augusto de Lima:

— O que eu não sei é si esse papel fará fé em juizo...

Ora, nunca falta um sujeito esmiuçador numa corporação; e esse esmiuçador foi o sr. Alberto Faria. Esse senhor estava indicado pelo destino para esgaravatar todos os escaninhos da questão. Elle tem passado toda a sua vida a esgaravatar a litteratura. Dêem-lhe, por exemplo, um trecho de Virgilio, — o episodio de Marcello, supponhamos. Qualquer de nós traduz o trecho; repete algumas imagens, saboreando-as; evoca Julia, perdendo os sentidos ao ouvil-o pela primeira vez, lido pelo proprio Virgilio; inveja a sorte do poeta, que, com o dinheiro dado por ella, foi passear á Grecia... O sr. Alberto Faria, depois de ler o trecho, conta os versos; organisa a estatistica das syllabas; collecciona quantidades e incrementos por ordem alphabetica; separa os pronomes; isola as particulas; faz o recenseamento dos casos continuados; decompõe os ablativos absolutos, etc.; finalmente, conclue que o trecho original está certo; as traducções, porém, estão erradas. Pois foi este o homem, para a Academia providencial, que derrubou o castello do dr. Pujol. Tomando em mãos as contas, o memorial e mais apontamentos, estudou-os como si fossem uma lyrica anacreontica e demonstrou, segundo informaram as folhas:

1.º) — Que a Academia, para pagar em S. Paulo 300 contos, deveria possuir ali bens montantes a 1.360 contos e pico; ora ella pos-

sue lá bens avaliados apenas em 532 contos; portanto o sr. Pujol se enganara, para mais, em 828 contos.

2.º) — Não era verdade que o sr. Pujol tivesse feito para a Academia uma economia de cerca de 300 contos, porque sendo a Academia herdeira fiduciaria, teria de pagar sómente 5 1/2 % e não 22 % sobre o valor dos seus immoveis paulistas; portanto, em vez de 300 contos, teria de pagar sobre os seus 532 contos, apenas 29:260$000; donde, um accrescimo de 270:740$000 contra a Academia, no computo do sr .Pujol; portanto, si ella lhe pagasse os 30 contos requeridos, teria despendido mais do que si pagasse os proprios impostos.

3.º) — Remunerando o sr. Pujol, conforme expressa resolução sua, apenas com 10 % so-as economias feitas, tem-se por certo que a tal remuneração será de 2:926$000; donde uma differença de 27:074$000 a favor do dr. Pujol, segundo os seus calculos.

Assim fallou Faria.

O dr. Pujol, acostumado a não perder causas; habituado a ver os juizes deferir todas as suas petições, dar provimento a todos os seus aggravos, acceitar todos os seus embargos e conceder-lhe victoria em todos os seus pleitos; com a bocca ainda tão doce daquelle suavissimo — «Vá lá, por serdes vós quem sois» — do capitão-general de S. Paulo, tentou ainda defender as pretenções «do seu escriptorio»; mas, vendo que a Academia, friamente, persis-

tia em não lhe dar os 30 contos, declarou que lhe podiam dar o que entendessem, que elle fazia disso presente á Santa Casa de Misericordia...

Deus lhe pague, murmurou muito baixinho o prof. Silva Ramos. O sr. Filinto d'Almeida respirou alliviado. O desembargador Ataulpho bemdisse os fados, que o livraram de tamanha massada na Côrte de Appellação, emquanto o doutor Austregesilo louvava a felicia da Academia e os abnegares do dr. Pujol...

Passou o velho Francisco Alves cincoenta annos de sua vida no meio de alfarrabios. Pequenino e myope, a edade e o dinheiro pouco a pouco lhe transformaram a pelle num pergaminho enrugado, que de longe já dava á pituitaria a illusão de sentir cheirar a mofo. Fallava aos berros com os empregados. De manhan á noite, vendo contas, examinando facturas, sommando, multiplicando, verificando a caixa, recebia sempre como inimigo a quem quer se approximasse do seu cubiculo pulverulento. Vivendo no meio de livros durante meio seculo, morreu analphabeto; tratando, durante meio seculo, com os homens mais bem educados da capital, morreu labrego; millionario mais de uma vez e tendo-se privado de todos os prazeres durante a vida, morreu pobremente. Imperturbavel deante das transformações que soffria a cidade; impassivel deante da felicidade como deante do infortunio; indifferente ás suggestões da Belleza como a

todas as sensações amaveis da vida, este asceta espontaneo e inconsciente só era sensivel ao dinheiro. Não havia como atravessar a densa camada de poeira que dos alfarrabios lhe passou para o coração. Enthesourou quanto poude. Todos os escriptores que para elle trabalharam morreram pobres, ou, si tiveram dinheiro, este lhes veio por outros caminhos. Quanto a elle, morreu milionario; e si a vida de além tumulo é continuação desta, o velho livreiro, no fundo da sua campa, deve estar, ainda a esta hora, esbravejando contra os vermes, que lhe roubam as podridões. Houve, entretanto, na sua vida um momento de lucidez capaz de redimil-o de toda a sua avareza, da sua ingenita grosseria e do seu balzaquiano desprezo por toda sensação que não fôsse a do dinheiro bem fechado a cinco gadanhos na mão. Foi esse o momento em que, cogitando das suas ultimas disposições, resolveu legar á Academia toda a sua fortuna, para que, com o rendimento della, se impulsionasse a instrucção primaria no paiz que lhe recompensára o trabalho com a riqueza. Estava, porém, escripto que o livreiro Alves, nunca poderia pensar nobremente, porque o unico pensamento nobre da sua vida tem soffrido taes tentativas de deturpação por parte dos seus legatarios, que, não fôra o rigor das leis, e talvez o legado academico já se houvesse volatilisado: estes fallam de construir um palacio para a Academia, aquelles vão tratando de augmentar o preço da cedula de presença;

outros, embora membros da corporação, exigem honorarios descabidos por serviços não prestados — tal o caso do dr. Pujol, exigindo trinta contos em vez de dois, e dos herdeiros do sr. Inglez de Souza, que pedem grossa maquia... por não terem obtido relevação do imposto de transmissão em Minas e no Districto Federal. Emfim, isso demonstra que os homens são sempre os mesmos, e que a immortalidade do Syllogeu é insufficiente para amortecer a cubiça. A avareza do livreiro parece ter contaminado os seus herdeiros. Dizia S. Francisco de Salles que o orgulho de um peccador morre um quarto de hora depois da sua morte. Creio que a cubiça resiste mais tempo. Mas, como tratamos de herança e de avareza entre academicos, bem é que na propria Academia procuremos alguem que nos faça com exactidão a psychologia do caso; e esse alguem outro não será sinão o grande Machado de Assis, num capitulo das MEMORIAS POSTHUMAS DE BRAZ CUBAS. Escolha para si o dr. Pujol, entre essas personagens, a que melhormente lhe quadrar. Vamos porém, ao capitulo, que se intitula *A Herança*, e é o seguinte:

«Veja-nos agora o leitor, oito dias depois da morte de meu pae — minha irmã sentada num sofá: pouco adeante Cotrim, de pé, encostado a um consolo, com os braços cruzados e a morder o bigode: eu a passear de um lado para outro, com os olhos no chão. Luto pesado. Profundo silencio.

— Mas, afinal, disse Cotrim; esta casa pouco

mais póde valer de trinta contos; demos que valha trinta e cinco...

— Vale cincoenta, ponderei: Sabina sabe que custou cincoenta e oito...

— Podia custar até sessenta, tornou Cotrim; mas não se segue que os valesse, e menos ainda que os valha hoje. Você sabe que as casas, aqui ha annos, baixaram muito. Olhe, se esta vale cincoenta contos, quantos não vale a que você deseja para si, a do Campo?

— Não falle nisso, uma casa velha!

— Velha! exclamou Sabina, levantando as mãos ao tecto.

— Parece-lhe nova, aposto?

— Ora, mano, deixe-se dessas coisas, disse Sabina, erguendo-se do sofá: podemos arranjar tudo em boa amisade e com lizura. Por exemplo, Cotrim não aceita os pretos, quer só o boleeiro de papae e o Paulo...

— O boleeiro, não, acudi eu: fico com a sége e não hei de ir comprar outro.

— Bem; fico com o Paulo e o Prudencio.

— O Prudencio está livre.

— Livre?

— Ha dois annos.

— Livre? Como seu pae arranjava estas coisas cá por casa, sem dar parte a ninguem! Está direito. Quanto á prata... creio que não libertou a prata?

Tinhamos falado na prata, a velha prataria do tempo de D. José I, a porção mais grave da herança, já pelo valor, já pela vetustez, ja pela origem da propriedade; dizia meu pae que o conde da Cunha, quando vice-rei do Brasil, a déra de presente a meu bisavô Luiz Cubas.

— Quanto á prata, continuou Cotrim, eu não faria questão nenhuma se não fôsse o desejo que sua irmã tem de ficar com ella; e acho-lhe razão. Sabina é casada, e precisa de uma copa digna, apresentavel. Você é solteiro, não recebe, não...

— Mas posso casar.

— Para quê? interrompeu Sabina.

Era tão sublime esta pergunta, que por alguns instantes me fez esquecer os interesses. Sorri: peguei na mão de Sabina, bati-lhe levemente na palma, tudo isso com tão boa sombra, que o Cotrim interpretou o gesto como de acquiescencia, e agradeceu-m'o.

— Que é lá? redargui; não cedi coisa nenhuma, nem cedo.

— Nem cede?

Abanei a cabeça.

— Deixa, Cotrim, disse minha irmã ao marido; vê se elle quer ficar tambem com a nossa roupa do corpo; é só o que falta.

— Não falta mais nada. Quer a sége, quer o boleeiro, quer a prata, quer tudo. Olhe, é muito mais summario citar-nos a juizo e provar com testemunhas que Sabina não é sua irmã, que eu não sou seu cunhado e que Deus não é Deus. Faça isto e não perde nada, nem uma colherinha. Ora, meu amigo, outro officio!»

O sr. dr. Alfredo Pujol, á pag. 125 do seu livro MACHADO DE ASSIS, affirma ser esta «uma pagina realista do melhor quilate.»

É tambem a minha opinião.

JESUS E OS POSITIVISTAS

Não nos faltam typos originaes; e um delles é o sr. Venancio Neiva, positivista orthodoxo.

Sabem o que é um positivista orthodoxo? É um homem que está fazendo preparatorios para se matricular na Universidade do dr. Juliano Moreira. O orthodoxo vae todo domingo á chafarica da rua Benjamin Constant, ao *Templo da Humanidade,* como lá dizem. Tem a pachorra de ouvir de principio a fim uma prelecção massuda a respeito, por exemplo, da incorporação do proletariado á sociedade moderna. Essa prelecção era, até ha bem pouco tempo, feita pelo sr. dr. Teixeira Mendes, *seu Mendes,* como dizem os adeptos do comtismo. Seu Mendes é homem instruido e da mais perfeita integridade moral. Acerca de taes pontos, já não ha discussão. Succede, porém, que, com todas essas bellas qualidades, é o sr. Teixeira Mendes um authentico lunatico. Esse homem,

com Miguel Lemos e outros, que influiam no animo de Benjamin Constant, pensando fazer bem á Humanidade (naquelle tempo sem H), fez um mal immenso ao Brasil. Essa Constituição que ahi está, cheia de liberdades e *habeas-corpus* para todos e para tudo, é uma das obras primas do positivismo no Brasil. Dir-me-hão que ella foi feita pelo sr. Ruy Barbosa. Até certo ponto, sim. O conselheiro Ruy é o principal autor do projecto; mas o seu projecto foi alterado e emendado por individuos que, ou por convicção ou por exploração, soffriam a influencia dos positivistas, que foram soberanos durante o Governo Provisorio, no seio da Constituinte e ainda alguns annos depois...

Como eu dizia, a prelecção dominical era feita por seu Mendes. Tendo-se, porém, aposentado este papa verde, appareceu um outro: o general Bagueira Leal, medico militar e pontifice empiricamente surgido da anarchia mental e moral do Occidente. Agora é elle que aos domingos, depois de dar as palmadinhas liturgicas na testa e no alto da cabeça, para mostrar o apparelho da contemplação e a séde dos nossos melhores pendores altruisticos, mastiga durante uma hora umas coisas tremebundas a respeito de Clothilde (aquella que não quiz abrir as pernas a Augusto Comte), a respeito de Joanna d'Arc, da influencia santificadora do sexo affectivo, do liquido vivificante, etc., etc.. O orthodoxo ouve tudo isso e crê em

tudo. Crê que o incomparavel Carlos Magno é o fundador da Republica Occidental, representante maximo da civilisação catholico-feudal, depois de cuja acção ficaram indissoluvelmente ligadas as cinco principaes nações occidentaes. Crê que Constantinopla será a futura metropole universal — o que de certo dará muito prazer ao dr. João do Rio, o papa-banquetes das colonias ricas...

Pois, senhores, o Venancio, o meu Venancio, é orthodoxo. Ouve Bagueira aos domingos; lê Pedro Barretto Galvão nos *a pedidos* do *Jornal do Commercio;* venera seu Mendes; adopta o amor por principio, a ordem por base e o progresso por fim; admira S. Paulo, São Bernardo e Joanna d'Arc; e, para nada lhe faltar do que seja necessario á formação de um perfeito orthodoxo, é inimigo pessoal de Jesus-Christo...

Augusto Comte antipathisava solemnemente com Jesus-Christo. Charles de Rouvre, no seu livro L'AMOUREUSE HISTOIRE D'AUGUSTE COMTE ET CLOTHILDE DE VAUX, explica o motivo dessa antipathia. Comte queria passar por ser o verdadeiro regenerador da mulher, ou antes, o libertador, o homem que deu á mulher a mais alta situação moral na sociedade moderna; ora, Jesus-Christo já tinha feito isso mil oitocentos e cincoenta annos antes, conforme se vê dos Evangelhos. Comte não perdoava a Jesus-Christo o ter-lhe roubado essa gloria; e, para vingar-se, negava que Jesus

tivesse fundado o christianismo e attribuia todo o surto da religião christan a São Paulo. Os orthodoxos compartilham as paixões do Mestre e por isso odeiam a Jesus-Christo. O amor por principio, menos quando se tratar de Jesus.

O meu Venancio, isto é, o positivista sr. Venancio Neiva, requereu a um juiz de direito que retirasse a imagem de Christo do tribunal do Jury. O juiz mandou que o promotor dissesse a respeito. O promotor, para emittir parecer, exigiu que o requerente pagasse as custas do regimento, isto é, quatro mil e poucos réis. Aqui o positivismo do homem enguiçou. Á voz de desembolsar quatro mil réis elle sentiu arrepios na séde dos nossos melhores pendores altruisticos e mandou ao juiz novo requerimento, em que diz textualmente: *Requeiro que mandeis juntar áquelle meu requerimento a presente declaração de que, embora eu não conheça o regulamento de custas, entendo, á vista do espirito republicano da nossa Constituição politica, que não devo estar adstricto ao pagamento de quaesquer custas num caso em que apenas peço o fiel cumprimento da mesma Constituição. Como positivista, isto é, como uma pessôa que só deve desejar o bem social, baseado na conservação da ordem actual, convenientemente melhorada, — faço votos, etc., etc.*

Leram? Entenderam? O homem crê em Carlos Magno e detesta Jesus-Christo por espirito de disciplina e de solidariedade com o Mestre; quer, por isso, expulsar a Jesus-Christo

do Jury: mas, para tanto, é preciso despender quatro mil réis? Ah! então, não. Venancio desiste. Desiste e appella para a Constituição. Bemditos quatro mil réis, que desta vez salvaram o Salvador. Por trinta dinheiros foi elle vendido. Por falta de quatro mil réis continúa a ter o seu nicho no Tribunal do Jury. Para alguma coisa sempre serve a magistratura. Bemdito regimento de custas, que impediu um positivista de enxotar a Jesus-Christo de um local onde a sua imagem é o unico symbolo que lá deve figurar, mostrando, na sua mudez, aos juizes, quanto é difficil julgar com justiça. *Si quis non amat Dominum Nostrum Jesum Christum, sit anathema!*

. . . .

Moralidade da fabula. — Este facto demonstra o perigo que representa um sectario positivista, quando de posse do poder. Ideologos, visionarios e mentecaptos, vivem taes homens a appellar para o espirito republicano da Constituição, mas sempre incapazes de ver claramente a realidade das coisas. Esse homem, o sr. Venancio, queria retirar a imagem de Christo do Jury; mas, comtista, é partidario da justiça gratuita e por isso desiste de uma idéa para não pagar quatro mil réis, porque a doutrina de Comte não o permitte, etc., etc.. Imaginem que se tratasse de um caso grave e de interesse geral! A não ser que o homem haja

invocado á Constituição, não por motivo sinceramente religioso, mas apenas por achar que não vale a pena gastar quatro mil réis com Jesus-Christo. Sendo assim, já é ter desprezo por Jesus e amor ao dinheiro!...

UMA TERTULIA DE ACADEMICOS

Si a insigne Academia de Letras realisar o seu sonho burguez de possuir séde propria e consentanea com a importancia dos seus destinos, é para desejar não se esqueça de mandar erguer galerias na sua sala de sessões, como as ha na Camara, afim de que o publico possa commodamente apreciar os debates eruditos que lá se travarem. Ao mesmo tempo, segundo idéa já ha tempos afagada pelo desembargador Ataulpho, deverá haver ali tachygraphos que integralmente transmittam aos leitores de jornaes e á posteridade agradecida as discussões que os srs. academicos houverem sustentado.

A adopção dos tachygraphos tem a vantagem de crear alguns logares mais ou menos bem pagos, o que virá ajudar o governo a resolver a crise de empregos que todos querem ter, embora o Thesouro ande secco e mirrado como as têtas de uma vacca do nordeste; e o trabalho delles, caso publicado, será inte-

ressante como um romance de aventuras. Com effeito, deve ser estupefaciente um discurso do professor Austregesilo sobre *A Dor*, aparteado em estylo classico pelo professor Aloysio, ou então pelo dr. João do Rio, que falla e escreve na algaravia internacional que serve de idioma aos freguezes de transatlanticos. Debate que, acerca de orthographia, entabolassem o dr. Medeiros e Albuquerque e o dr. Silva Ramos, aquelle falando como escreve, isto é, phoneticamente, e este exprimindo-se no seu gracioso sotaque de conimbricense jubilado, seria serviço ás letras e aos chronistas, melancolicos palhaços por escripto, que têm obrigação de divertir o seu publico uma vez por semana... Si a Academia já possuisse stenographos, poderiamos, por exemplo, conhecer na integra a discussão ali travada ha poucos dias acerca de brasileirismos.

O *Jornal do Commercio*, sisudo e solemne, publicou o resumo da penultima sessão havida naquelle sarcophago. Depois do expediente, começaram a discutir uma proposta muito curiosa do sr. Mario de Alencar. Este prestante cidadão, que tem prestigio eleitoral na Republica das Letras, entende que a immortalidade póde e deve estar sujeita a certas condições. O sr. Ruy Barbosa, por causa de uma eleição, resolveu deixar de ser academico; o sr. Clovis Bevilaqua, ignora-se por que motivos, tambem renunciou ao titulo de academico; e o sr. Oliveira Lima — este é o mais criminoso dos tres

—«desligou-se dos companheiros por achar indecente que do legado Alves se subtráiam cem mil réis que ganhará cada academico por sessão a que comparecer.» Assim, os srs. Ruy Barbosa, Clovis Bevilaqua e Oliveira Lima são os tres Calypsos da Academia, isto é, malaventurados por serem immortaes: *Calypso ne pouvait pas se consoler du départ d'Ulysse. Dans sa douleur, elle se trouvait malheureuse d'être immortelle*.... É pelo menos o que garante Fénelon nas AVENTURAS DE TELEMACO. Si, pois, ha nisso qualquer laivo de mentira, corra por conta do suavissimo bispo...

Tendo-se desligado da Academia esses tres escriptores, e havendo já o precedente de José Verissimo, começou o sr. Mario de Alencar a temer que a casa de Machado de Assis se fôsse esvasiando aos poucos. Com effeito, seria lamentavel que a Academia se fechasse por falta de inquilinos; e que um bello dia, passando a gente pela praia da Lapa, visse, nas vidraças de certa ala do Syllogeu, papeis com estes dizeres: «*Alugam-se commodos a rapazes do commercio e a casaes sem filhos, para descanso. Trata-se aqui ao lado, no Instituto Historico. Chaves com o sr. Max Fleiuss.*» Para atalhar o mal em tempo, deliberou o sr. Mario de Alencar propor que a Academia acceitasse as renuncias. Seria um castigo tremendo que se comminaria contra esses rebeldes; arrancar-lhes a Immortalidade, como se arrancam as divisas a um sargento relapso. Mas, conforme

narra gravemente o *Jornal*, oppuzeram-se á medida os Immortaes, ou por pensarem que a Immortalidade academica imprime caracter, como o baptismo, ou por lhes parecer demasiado o castigo para tão pequeno delicto. O certo é que o Decano da Casa fez um pequeno discurso, cheio de ponderação, discreto como conselhos de Simão de Nantua. E tal deve ter sido o effeito dessa oração, que o *Jornal* julgou de bom aviso annunciar ao paiz: — «As palavras do Decano da Casa são ouvidas em respeitoso silencio e calam profundamente em todos os espiritos.» Fez bem o *Jornal* em nos communicar esse milagre. Nós, cá fóra, sempre pensamos que o Decano da Casa, ao pedir a palavra, via cahir sobre a sua veneranda cabeça uma chuva de canetas, tinteiros, livros e cadeiras, sem fallar nos apodos, assovios e murros com que o brindavam os seus pares, subitamente enfurecidos. Agora está restabelecida a verdade. O Decano da Academia já póde fallar sem pedir previamente antisepticos. Antigamente não era assim. Quando o Decano dizia — *Peço a palavra* — o continuo, em vez de collocar junto delle o tradiccional copo d'agua destinado aos oradores, dispunha cuidadosamente, sobre a mesa, iodo, algodão, agua boricada, pós de lycopodio e balsamo de Bengué; feito o que, postava-se estrategicamente junto ao telephone para chamar a Assistencia, porque era fatal sahir o Decano com os veneraveis ossos amassados. Agora gra-

ças a Deus, *as palavras do Decano da Casa são ouvidas em respeitoso silencio* e até—facto notavel!—*calam profundamente em todos os espiritos*. Si o *Jornal* não o tivesse affirmado, ninguem o acreditaria. Pelo que, parabens á Academia! Viva a Civilisação! Entoemos em choro o *Hymno da Paz*...

Continuando a discussão em torno da renuncia, um tanto aspera, do sr. Oliveira Lima, diz o *Jornal:* «O sr. Augusto de Lima acha que o caso é tão extraordinario, sempre na hypothese de ser verdadeiro, que não é de esperar que elle se repita, sendo assim desnecessarias providencias para cohibil-o.» Aqui está um que não prophetisa em vão. Não é de esperar que se repitam renuncias como a do sr. Oliveira Lima. O autor das CONTEMPORANEAS tem carradas de razão para achar o facto *tão extraordinario, sempre na hypothese de ser verdadeiro;* porque, realmente, não é crivel, nem comprehensivel, nem concebivel, que, nestes tempos em que consciencias se vendem e meninas se offerecem em holocausto ao dinheiro, haja homem que se recuse a receber cem mil réis por semana. Não se sabe si o sr. Oliveira Lima os terá recusado por achal-os pouco ou si por achal-os dinheiro de mais. O certo é que os recusou e a Academia se escandalisou.

Além de tudo, não contente de rejeitar a chelpa, ainda ousou referir-se nestes termos ao sr. Domicio da Gama, presidente da Aca-

demia: «A bagagem litteraria não lhe péza: e a diplomatica consiste mais que tudo em recados do Barão.» (Refere-se ao barão do Rio Branco). Recusar dinheiro; duvidar da diplomacia do Academico e não acreditar na litteratura do Embaixador — tres crimes que levariam o sr. Oliveira ao patibulo, si os tempos não fossem infensos a tal processo de extirpar a Immortalidade a um cavalheiro...

Terminada a discussão do caso Oliveira Lima, passou-se a uma coisa que o *Jornal*, mui conspicuamente, chama «a segunda phase da sessão,» durante a qual o sr. Luiz Guimarães leu grande copia de brasileirismos, colhidos, pela maioria, diz ainda a mesma folha, nos URUPÊS, do sr. Monteiro Lobato. «Os brasileirismos, refere o *Jornal*, provocam agradavel e interessante debate. O sr. presidente agradece o meritorio acto com que está enriquecendo a lingua o dilligente 2.º secretario e espera que os seus confrades o imitem.» Ora ahi está porque reclamo os stenographos. Tachygraphado acuradamente, lido seria pelo Brasil inteiro esse debate que o *Jornal* achou «agradavel e interessante!». O sr. Coelho Netto, com a sua plethora de hellenismo, provando que o brasileirismo *urucubaca* se enquadra no mytho das Parcas — Clotho, a fiandeira; Lachésis, a pythonisa; Atropos, com os decretos eternos, pairando, como uma ameaça de Nemesis, sobre o orbe; o professor Austregesilo, fallando para ninguem entender, mas jurando

por Esculapio que *coió* já foi estudado por Forel, João de Barros, Fournier, Basilio de Magalhães e Klopstock, sem fallar em Epicuro, a quem elle, numa chronica recente, ha poucos dias, chamou «o sympathico pensador greciano»; o dr. João do Rio, demonstrando, com displicente sorriso, que *cafuz*, segundo lhe disse Djavid-Pachá, numa tarde macia em que ambos comiam tamaras á beira do Bosphoro, em companhia do Papa e da Rainha da Rumania (Maria, como elle trata na intimidade a soberana), *cafuz* é apenas uma corruptela, ou antes, uma agglutinação dos vocabulos turcos *kaffah-hakaffuzzi,* que significam *branco* e *louro:* — tudo isso não seria digno de ser tachygraphicamente offerecido á posteridade?

Ha, entretanto, uma victima cujo destino eu lamento: o sr. Monteiro Lobato. O embaixador Domicio recommendou aos seus subordinados que imitassem o zelo do sr. Luiz Guimarães, isto é, arranjassem tambem alguns brasileirismos; ora, é difficil obter brasileirismos no Rio, a não ser que se recorra á giria dos *almofadinhas* que frequentam o café Lamas e o Club dos Diarios. Para obter brasileirismos novos e dos bons, dos de bom cunho, é mister viajar pelo interior, ao sol e á chuva, mal comendo e peor dormindo, expor-se ao impaludismo e ás ferroadas das mutucas, em resumo, privar com Jeca Tatú — commettimento manifestamente difficil, como se vê... De maneira que, não podendo os academicos, para não cres-

tar a pelle, viajar pelos sertões á cata de brasileirismos; sendo este o unico meio de obtel-os; e estando o sr. Monteiro Lobato nos casos de fornecel-os, outro remedio não terá elle senão resignar-se a ficar sendo o fabricante official de brasileirismos e fornecedor da Academia. Assim, não me causará especie que este nosso estimavel confrade comece, por estes dias, a receber, endereçados por academicos em apuros, telegrammas como este: «Monteiro Lobato — *Revista do Brasil* — S. Paulo. Favor enviar urgencia correio porte a pagar quinhentos brasileirismos primeira sorte. — *Goulart de Andrade*.»

E Monteiro Lobato a telegraphar de lá: «Goulart de Andrade — *Camara dos Deputados* — Rio. Impossivel. Primeira não ha mercado. Serve terceira? — *Lobato*.»

E o nosso Goulart de Andrade, afflicto, a correr, esbaforido, ao telegrapho para mandar anciosamente esta simples palavra: *Serve!*

Sendo quarenta os academicos, si se amiudarem pedidos desta especie, ou Monteiro Lobato fica rico, ou vae para Juquery. Eu lhe desejo sinceramente a primeira hypothese, posto que a segunda se me afigure mais provavel... Desventurado Monteiro!

E foi tudo quanto houve nesta sessão da Academia.

DOM MANOEL, O VENTUROSO...

A Serenissima Casa de Bragança está em crise: dom Manoel II não quer reinar em Portugal. Desde que se entendeu por gente, bem sabia o sr. dom Manoel que o throno portuguez nunca lhe pertenceria. O successor legal e natural de dom Carlos I seria dom Luiz II. O principe dom Manoel seria, na sua Casa, o substituto do sr. dom Affonso, Infante de Portugal, quero dizer, irmão d'El-Rei, cunhado da Rainha, tio do Herdeiro, general do Exercito e, provavelmente, o mais feliz dos ociosos do seu reino. Mas, um bello dia, voltando dom Carlos de Villa Viçosa, em companhia do principe dom Luiz, foi, assim como este, assassinado por um certo Buiça e por outro sujeito chamado Costa. Parece que dom Manoel tambem saiu ferido; e só não morreu como seu Augusto Pae e como seu Augusto Irmão, devido ao heroismo de sua Mãe, a Rainha dona Amelia, que o cobriu com o proprio

corpo. E foi em virtude de tão tragicos successos que dom Manoel se viu, de um dia para outro, Rei de Portugal e Algarves.

Receber por herança uma grande fortuna inesperada — palacios, tapadas, quintas, titulos de Bolsa e titulos honorificos, condecorações, joias antigas e numerosas, tudo livre de dividas e exonerado de impostos — não póde deixar de ser immensamente agradavel a um rapaz de vinte annos, que tenha bôa saude para gosar a vida. Apenas, si esse rapaz tem inclinação para a vida livre dos livres cidadãos, receber essa fortuna com a condição de reinar, principalmente em Portugal, deve ser profundamente desagradavel. Com effeito, assumpto ao throno, percorre um joven rei os seus palacios; e nesse passeio fidalgo chega a uma adega onde ha milhares de garrafas do mais fino e authentico vinho de Champanha.

— *Champagne* de primeira ordem! — diz-lhe o seu ajudante de ordens. E é todo de Vossa Majestade.

— Magnifico! Dê-me então um copo cheio.

— Saiba V. Majestade que tal não se póde fazer sem licença das Côrtes; e como estas agora estão em férias...

E El-Rei desiste de beber o seu copo de *Moët et Chandon*. Mas, examinando uns papeis de finanças, verifica haver á sua disposição alguns milhares de libras; pelo que, já de olhos accesos, pergunta ao seu veador:

— E si, com estas libritas, fossemos dar

um passeiozinho até Paris? Não acha bôa a idéa, conde?

— Não está má. Entretanto, é preciso não se esquecer V. Majestade de que esse passeio só póde ser realisado com permissão das Côrtes.

— Pois mandemos pedir licença ás Côrtes.

— Permitta-me. V. Majestade advertil-o de que não convém pedir tal licença, por causa da opposição, que póde fazer berreiro...

E El-Rey, resignado e macambuzio, desiste de andar pelo *boulevard*... Por outro lado, tem de gastar o seu dia em visitas officiaes, em inaugurações, em exames de papeladas pulverulentas, em conferencia com ministros mazorros, em leitura de cartas anonymas, inçadas de intrigas e immundicies á portugueza. Francamente, é desagradavel reinar, principalmente em Portugal...

O destino, piedosamente, livrou desses dissabores o sr. dom Manoel. Os republicanos o desthronaram e baniram de sua patria. Sua Majestade foi para Londres. Casou-se. Pertence á mais alta aristocracia de sangue do universo. Está, como diria o seu patricio Eça de Queiroz, «superiormente installado na vida». Mas alguns compatriotas seus, avidos de salvar o paiz, restaurando a monarchia constitucional, querem á fina força obrigar o principe a voltar para Lisboa. Ferozes homens! S. Majestade coça a real cabeça; imagina-se acorrentado á sem-

saboria enervante, sepulcral, do Paço das Necessidades; lembra-se do pae e do irmão assassinados; recorda-se do exemplo recente de Sidonio Paes e, desalentado, responde:

— Como é para bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que eu fico... em Londres.

Os seus partidarios, consternados, irritados, indignados, juram vingança.

É o que se deprehende do telegramma passado hontem de Lisboa e que assim reza:

«LISBOA, 3 — O jornal *A Monarchia,* respondendo á carta do ex-rei d. Manoel, accusa-o de passar vida folgada e alegre nos clubes londrinos, desprezando os seus partidarios. Commodamente installado no sumptuoso retiro de Twickenham, a sua ingratidão e desinteresse pelo bem da nação e seu procedimento emfim o destituem da autoridade de dirigir Portuguezes.

«*A Monarchia* começará amanhã a publicação do relatorio dos delegados *integralistas* enviados a Londres em setembro ultimo.

«Esta questão promette provocar grande ruido.

«A opinião publica e os jornaes apreciam jocosamente a desintelligencia com o ex-rei, agora atacado pelos antigos aulicos, affirmando que essa scisão arruina as ultimas esperanças dos novos sebastianistas.»

Muito interessante isso de dizer o jornal monarchico que Sua Majestade está destituido

«da autoridade de dirigir os Portuguezes.» El-Rey deve sorrir ao ler essas ingenuidades. Sua Majestade o que quer é exactamente isso, viver tranquillo, longe de portuguezes, frequentando o seu clube, indo ao seu theatro, lendo o seu jornal, dando o seu passeio a cavallo, caçando a sua raposa, atirando aos coelhos, matando patos bravos, fazendo a sua estação de aguas no verão e dando-se ainda a outros exercicios que, compativeis com a sua robusta mocidade, nem por isso ha necessidade de mencionar aqui — os senhores me entendem...

Ahi temos nós um rei cuja philosophia pratica é a mesma de Walther, o filho de Guilherme Tell. É no Acto III, Scena III, do *Guilherme Tell,* de Schiller, que ha um dialogo, entre pae e filho, o qual é uma das paginas mais encantadoras da litteratura allemã.

Walter e Guilherme Tell olham para as montanhas de Bannberg:

«GUILHERME TELL — Em verdade essas arvores são sagradas. Vês, ao longe, aquellas altas montanhas brancas, cujos cimos se perdem nos céos?

WALTHER — São as geleiras onde, á noite, tão grandes ruidos se ouvem e donde caem as aludes.

TELL — Sim, meu filho, e essas aludes já teriam, ha muito tempo, sepultado sob a sua massa o burgo de Altdorf, si por cima não estivesse a floresta, como guarda vigilante, para defendel-o.

WALTHER *(depois de um momento de reflexão)* — Pae, ha paizes onde não se vejam montanhas?

TELL — Quando se desce das nossas montanhas e se vae sempre mais para baixo, acompanhando os cur-

sos das aguas, chega-se a uma vasta região onde o terreno é plano, onde os rios, deixando de ser torrentes espumantes, deslisam suavemente. Ali se estende livremente a vista para todos os pontos do céo. Lá amadurecem as searas em immensas e magnificas planicies, e o paiz parece um jardim bem cultivado.

WALTHER — Então, pae, porque não desceremos logo para esse bello paiz, em vez de nos inquietarmos e nos atormentarmos aqui?

TELL — A terra é formosa e bôa como o céo, mas os que lá moram não aproveitam as searas que plantam.

WALTHER — Não vivem elles, como tu, livres na sua propria herdade?

TELL — A terra pertence ao rei e ao bispo.

WALTHER — Mas elles podem caçar livremente nas florestas?

TELL — A caça e os passaros pertencem ao senhor das terras.

WALTHER — Mas podem pescar livremente nos rios?

TELL — Os rios, o mar e o sal pertencem ao rei.

WALTHER — Quem é, pois, esse rei tão temido de todos?

TELL — É quem os protege e os sustenta.

WALTHER — Mas elles não têm bastante coragem para se protegerem a si mesmos?

TELL — Entre elles, o vizinho não póde confiar no seu vizinho.

WALTHER — Ah! meu pae, muito mal se deve viver nesse vasto paiz; prefiro morar debaixo das aludes.

TELL — Sim, meu filho, melhor é a ameaça das geleiras do que a maldade dos homens.»

Tal deve ser o modo de sentir de dom Manoel. Na opinião de Sua Majestade, os seus

correligionarios devem ter bastante coragem para se defenderem a si proprios; e os gelos elegantes de Londres são, de certo, muito mais agradaevis do que a perspectiva de uma bala no Terreiro do Paço. Demais, a Republica de Portugal deu, ultimamente, o tiro de misericordia na Monarchia: restabelecendo e distribuindo as ordens honorificas, tiraram os republicanos a El-Rey a sua unica razão de ser. Que faz um rei constitucional? Dá condecorações, faz commendadores, apenas. Ora, isso, o Presidente da Republica tambem faz. Portanto, El-Rey é inutil. Mas é, acima de tudo, altamente sympathico esse joven soberano, que, quando os seus velhos e leaes conselheiros lhe bradam — *Real! Real! Por Dom Manoel, rei de Portugal* — sorri, pede uma gardenia para florir a botoeira da sua casaca e vae jantar no seu clube, murmurando: *Je m'en fiche*...

E ahi está porque a Serenissima Casa de Bragança está em crise...

CES MESSIEURS DE L'ACADÉMIE...

C'est seulement dans un tonneau ou dans une échoppe qu'on domine les grandeurs de ce monde. C'est là seulement qu'on est vrai prince et vrai seigneur. Heureux qui n'a pas mis son espoir en l'Académie! Heureux qui vit exempt de craintes et de desirs et qui connaît le néant de toutes choses! Heureux que sait qu'il est également vain d'être académicien et de ne pas l'être! Celui là mêne sans trouble une vie obscure et cachée. La belle liberté le suit partout. Il célèbre dans l'ombre les silencieuses orgies de la sagesse et toutes les Muses lui sourient comme à leur initié...

Assim fallava meu mestre, o padre Jeronymo Coignard, a seu discipulo e meu bom amigo Jacques Tournebroche. Assim penso eu tambem; e é por isso que nunca cogitei de entrar para a Academia. Porque eu prefiro aos esplendores da recepção as silenciosas or-

gias do pensamento e a liberdade do meu tonel, na praça publica, na familiaridade alegre e innocente dos garotos. Mas a sabedoria foi feita para homens raros. Ainda os mais avisados pagam o seu tributo á frivolidade. Renan, que era um sabio, quiz entrar e entrou para a Academia Franceza, que era inferior a elle. Meu mestre, Paul-Louis Courier, tambem quiz entrar e não entrou para a Academia de Inscripções e Bellas Letras, que era inferior a elle. Ah! os sabios tambem sacrificam no altar da Vaidade; e, si assim o resolveu a Natureza, nossa mãe, quanto aos sabios, que não será dos que ainda não attingiram ás paragens onde se começam a divisar as luzes da sabedoria? Por isso o desembargador Ataulpho, que ainda não é sabio, quiz entrar para a Academia. Que lhe davam os academicos? Uma recepção, o direito de usar um fardão e alguns minutos de incenso, entre senhoras decotadas que não entendiam o que elle dizia, e senhores de casaca que o applaudiam, sorrindo para os vizinhos... Em summa — nada! Mas esse *nada* era tudo para o desembargador Ataulpho. Elle é antes de tudo uma personagem do seu tempo e do seu meio. No seu tempo e no seu meio a maior gloria que possa conquistar um homem é a de ser litterato. Mas como ser litterato? Ha duas maneiras: ou nascer litterato ou entrar para a Academia. O desembargador resolveu o seu problema pela segunda formula, isto é, entrando para a Academia. A Academia é

uma usina de glorias litterarias com capital limitado. O desembargador fez-se seu accionista e ficou sendo litterato, apezar do seu discurso de entrada...

*

* *

Mas então como terá o desembargador conseguido entrar para a *Academia de Letras?* Porque não ha porta que resista ao seu sorriso. Donde se conclue que, para fazer parte da Academia, é melhor saber sorrir do que saber escrever. Ataulpho é o Homem-Sorriso. Elle é sorriso agente e sorriso paciente; como sorriso agente elle abre para si todas as portas; como sorriso paciente elle faz tudo quanto lhe pedem. É o homem que nada recusa a ninguem; e o homem que nada recusa a ninguem tambem não soffre recusa de ninguem. O proprio pranto, nos olhos de Ataulpho, se transformaria em sorriso. É a polidez personificada. Eu não sei si Ataulpho terá chorado alguma vez; mas, si, depois de criança, lhe aconteceu esse desastre, elle deve ter pedido ás suas lagrimas muitas desculpas por incommodal-as, esmagando-as com o lenço perfumado, ao qual tambem pedirá perdão por amarfanhal-o de encontro aos olhos. Quem resistirá a tamanha gentileza? Ninguem. Eis porque o

desembargador conseguiu na Academia a consagração official da sua litteratura, que as proprias senhoras ignoram; eis tambem porque a sua recepção no Syllogeu foi um dos mais retumbantes acontecimentos mundanos deste inverno, tão risonhamente inaugurado por elle e por Pawlova.

Lá estavam, com effeito, *sous la coupole,* todos os melhores exemplares da fauna aristocratica do Rio de Janeiro, desde o representante do presidente da Republica até o representante da confeitaria Cavé; desde o representante do Cardeal-Arcebispo até o representante do Rabello, alfaiate, de cuja tesoura é Ataulpho o mais rendoso expoente. Assim, pois, a entrada do desembargador para a Academia é, como já accentuou um chronista brilhante, *a victoria das bôas maneiras;* porque Ataulpho é o homem do *sim;* de sorte que, como academico, continuará a ser o que tem sido durante toda a sua vida: bôa pessôa. *Cadet Roussel est bon enfant*... Si um amigo lhe pedir, por intermedio d'alguma senhora, a estrella Vesper, Ataulpho sorrirá, prometterá; e, si a travessia não offerecer grandes riscos, elle irá buscar a estrella Vesper... num balão captivo. Si uma senhora sorrir com graça, por debaixo das camadas successivas de creme e pó de arroz que lhe disfarçam as rugas, e lhe pedir que se vista como Luiz XV, Ataulpho apparecerá no Municipal de casaca de velludo verde, com portinholas, calções de

seda amarella, meias côr de perola, collete de lantejoulas, sapatos rasos com fivella de ouro, bofes e punhos de renda, peruca de rabicho, espadim e lunetas, como si estivesse em Versalhes. E toda a sala do Municipal, passados os primeiros momentos de espanto, acabará sorrindo e acatando Ataulpho como si fôsse o proprio duque de Choiseul que entrasse na Opera. Porque Ataulpho é tão bom, e allia á sua bondade tanta candura, que, onde quer que elle se ache, desapparece logo o sentimento ridiculo. Ninguem faz annos sem que elle mande o seu telegramma; não ha missa funebre a que elle não compareça; não ha festa, banquete, recepção ou sarau que elle, convidado, não vá ornar com o seu sorriso. Offereçam um banquete a qualquer escriptor mediocre, mas que tenha aceio (ao menos exterior), quer elle tenha vindo de Shangai, de Iquitós, do Cairo; do Hedjaz, até de Portugal, Ataulpho comparecerá, si fôr convidado; irá servir de fundo de quadro para o desconhecido, só porque a sua finalidade é essa: ser amavel, agradar a toda a gente. O peor é que nem sempre é possivel agradar a todos os grupos...

*

* *

Heureux qui vit exempt de craintes et de desirs et qui connait le néant de toutes choses!

Sim, porque esse póde dizer livremente o que pensa. Assim, que discurso brilhante poderia ter feito Ataulpho, si, em vez de elegante puro, tivesse procurado ser escriptor, ainda que impuro! O seu discurso é bom, direi até — optimo, porque sendo Ataulpho optimo cidadão, será necessariamente optimo tudo quanto elle fizer, visto que o effeito é sempre semelhante á sua causa. O seu discurso só tem para mim um defeito e este levissimo; é não ter sido feito para homens intellectivos e sim para os academicos e para o mundo elegante. Mas, que se poderá exigir de um academico sinão pensamentos e formulas academicas? O effeito é sempre semelhante á sua causa. Foi, a meu vêr, esse apêgo ás tradições que obrigou Ataulpho, espirito disciplinado, a cingir-se ás mais antigas fórmas de escrever; por isso, desde o principio do seu discurso, elle já allude *ás transcendentes regiões da Arte.*

Mais em baixo, na mesma columna: «A esse tempo o vosso augusto gremio bafejado ainda não fôra por propicios Fados.»

Mais em baixo: «... para que, sob a vossa égide, luzir viessem, em noite que inolvidavel ficou, duas refulgentes estrellas da litteratura patria.»

Mais em baixo: «O artista quiz, antes de tudo, deixar fielmente reproduzidos os *caracteres originaes e altamente respeitosos da tradição.*»

Mais em baixo, sempre na mesma colu-

mna: «Affonso Arinos, fallando em meio de religioso silencio, despertou logo particular encanto.»

Mais em baixo: «E findas que foram as duas formosas orações, espalhou-se por toda a sala, entre palmas fragorosas, que por muito reboaram, um murmurio sensacional e intenso de prazenteira expansão.»

Mais em baixo, sempre mais em baixo, na mesma primeira columna, alludindo ao legado do velho Alves, livreiro: «Com esse notavel episodio, deveras auspicioso para o vosso gremio, tenho encerrado a lembrança do sympathico acontecimento cuja indelevel impressão debalde vos tento exprimir sob a excepcional commoção que me avassala.»

Por estes poucos mas expressivos exemplos, que colhi só na primeira metade da primeira columna do discurso, facil é de ver quão grande é o respeito do desembargador Ataulpho para com as formulas consagradas pela patina dos seculos, como elle venera o que nós podemos chamar as *formulas tabelliôas da arte de escrever*. Esse respeito delicado é que tambem o impede de referir-se aos grandes nomes da Litteratura, da Historia, ou da Lenda, sem lhes collar gentilmente um adjectivo, sempre adequado. Assim, emquanto qualquer de nós diz apenas *Voltaire, Thraséas, Pygmalião,* e *Galatéa,* Ataulpho escreve: *o irreverente Voltaire, o philosopho Thraséas, o legendario Pygmalião* e *a famosa Galatéa*. E pen-

sando bem, a razão está do lado do desembargador, porque, si nós damos adjectivos a tanta gente que os não merece, porque havemos de regateal-os a vultos de tamanha grandeza? Assim, pois, o melhor é dizermos, como eu pretendo dizer d'agora por deante, *a linda Venus Anadyomene, as terriveis Erynnias, o bravo Achilles, digno filho de Peleu, majestoso Jupiter Capitolino, o genial Miguel Angelo e o virtuoso S. Francisco de Assis*. Aliás, Ataulpho já tem na propria Academia um precursor: o general Dantas Barreto, que, fazendo um discurso no Recife, quando foi conquistar as Gallias do Capeberibe, alludiu ao *legendario povo romano*. Este, sim, é estylo de gente limpa, que se préza de saber entrar num salão nobre sem atropelar os jarrões de porcellana de Sèvres, nem pisar nas caudas das senhoras, como fazem certos labregos, que aprenderam apenas a ler e a interpretar a ENEIDA, mas nunca conseguiram atar com elegancia a sua gravata. Nem para outras pessôas se inventaram as academias. Ha aqui gente discutidora e amotinada, que persiste em crer que a Academia de Letras foi feita para os escriptores. Isso nunca se fez em parte alguma. Para que foi fundada a Academia Franceza? Para purificar as regras do bem fallar entre gente fina, evitando, como diz mestre Coignard, que apparecesse novamente um Rabelais, ou um Montaigne, *tout puant la canaille, la cuistrerie et la province*. E meu mestre Paul-Louis Courier, que enten-

dia desses assumptos, tanto assim que até foi recusado pela Academia de Inscripções e Bellas Letras, meu mestre Paul-Louis dizia que um rapaz, tendo bons modos, suavidade de caracter, compostura e decencia, póde ser tudo no mundo das letras, desde que não commetta a impropriedade de estudar — *pourvu qu'il n'aille pas faire autrement que tout le monde, se distinguer, étudier.*

Bem o comprehendeu Ataulpho e por isso venceu; que a victoria pertence aos que luctam com a intelligencia no campo em que combatem e não aos que luctam sem méta nem brida, como no campo de Agramante, no qual, como disse uma vez o sr. Dom Quixote — espelho de cavalleiros — a meu bom amigo Sancho Pança—espelho de escudeiros—pelejavam uns pela espada e outros pela lança; isso nunca o fez Ataulpho, nem o fará, com a ajuda de Deus; porque os seus passos são seguros, o seu andar é firme e as suas emoções são medidas, pezadas e calculadas como as suas sentenças, afim de que nenhuma dellas produza o menor desequilibrio nas «magicas fôrças do mundo social,» para usar uma expressão do seu discurso. E por isso, dos recesos obscurissimos da minha humildade, aqui do fundo do meu tonel, eu o saudo no seu triumpho littero-social e rogo a Deus que me conceda algum dia o dom de saber dar com elegancia o laço da minha gravata, e me augmente a memoria, para que eu não me esqueça mais das missas e dos

anniversarios dos grandes, e me dê paciencia para que eu possa ir ás recepções conversar com as senhoras, afim de que algum dia o prestigio dellas me conduza á Gloria, que é ali perto do Passeio Publico...

A SUA MAJESTADE EL-REY DOS BELGAS

Senhor! — Aqui me tem V. M. a seus reaes pés, espantado do que acabo de ler num telegramma de Paris: que V. M., encantado com a pessôa do presidente Epitacio, prometteu a S. Ex. vir dentro de breves dias visitar o Brasil. O despacho dá essa noticia seccamente. Não diz si o Presidente terá dissuadido V. M. de semelhante aventura, ou si o terá animado a pratical-a. Diz apenas que V. M. quer vir. Assim sendo, si o Presidente, pessoalmente, não tirou tal idéa da augusta cabeça de V. M. tiro-lh'a eu, dizendo-lhe francamente: «Não venha! Detenha-se, ó temerario!»

De certo V. M. como quasi todos os belgas e francezes eruditos, já deve ter ouvido falar na existencia do Brasil — um paiz que Montaigne suppunha ser mais ou menos um pedaço da Atlantida de que nos fala Platão; de certo tambem V. M., como todos os belgas

e francezes eruditos, deve ter ouvido dizer que o Brasil é uma terra em cujas praias, segundo escreveu Jean Lorrain, corriam á noite manadas de zebras ariscas, por entre os coqueiraes; V. M., como todos os europeus que estudaram geographia, com certeza já teve noticia de que na capital do Brasil (Buenos-Aires) ha indios nús e passeiam tigres, leões e serpentes pelas ruas e praças ajardinadas. Então, fatigado de olhar para as dunas flamengas e para as aldeias arrazadas, pensa V. M. em descansar os seus reaes olhos na contemplação de paizagens mais pittorescas do que os nevoeiros do mar do Norte, céos mais azues e mais limpos que o céo triste de Flandres, florestas, palmeiras, feras, diamantes, ouro, toda uma serie sensacional de quadros e impressões exoticas, cuja descripção se encontra em romances inglezes, quando tratam da India...

Pois fique V. M. sabendo que está muito enganado. Si o Presidente lhe disse que por cá havia taes coisas, com certeza lh'o terá dito ao fim d'algum banquete, sob a influencia do *champagne,* passando por aquella phase de «alegria communicativa» durante a qual, como affirmava Pelletan, os estadistas já não são responsaveis pelo que dizem...

Por aqui não ha mais disso. Nem tigres nem leões: apenas algumas onças pintadas. Quanto a serpentes, poucas e bem educadas; zebras, as que possuimos não andam de noite a correr pelas praias, a não ser de automovel

e phantasiadas de academicos, professores, homens de esporte, deputados, ministros, etc., etc.. V. M., além disso, em vez de desembarcar em Buenos-Aires, passará pela surpresa de verificar que a capital do Brasil é o Rio de Janeiro; e só esta descoberta será sufficiente para que V. M. seja eleito socio benemerito de todas as sociedades de geographia do mundo, a começar pela nossa...

Mas o que V. M. ignora é o que o espera nestas plagas adustras. Pittoresco, quasi nenhum: homens de cartola, senhoras mais ou menos vastamente decotadas, algumas casacas prehistoricas e um programma de festas capaz de afugentar os mais destemidos cabos de guerra.

V. M. desembarcará ali no Arsenal de Marinha, ao som da *Brabançonne*, executada pela banda dos fusileiros navaes. Passará de automovel por entre extensas filas de tropas que se estarão desfazendo em suor, sobre o asphalto das avenidas; irá, com S. M. a Rainha, residir no antigo Palacio Izabel, hoje Palacio Guanabara, onde V. M. poderá, muito á vontade, meditar sobre o destino dos reis na actualidade, pois aquelle palacio pertenceu outrora á herdeira da corôa do Brasil... E ahi começará o augusto supplicio de V. M. Lá irá uma commissão da Associação Commercial, com os infalliveis discursos de alguns portuguezes açambarcadores, suarentos, nada cheirosos, e loucos por serem intellectuaes. Depois

— commissão da Liga pelos Alliados, tendo á frente de si proprios o professor Sá Vianna, orador, e o commendador Reis Carvalho, vice-orador, para reforço. Os bigodes do commendador republico-positivista Reis Carvalho, só por si, bastam para derrubar monarchias, mas não matam reis. Dos discursos do prof. Sá Vianna já não se póde dizer o mesmo. O prof. Vianna é, pessoalmente, catholico e innoffensivo; os seus dsicursos são, porém, homicidas e creio que a sua eloquencia não recuará nem deante da hypothese de um regicidio. V. M. não tem consciencia do perigo que correrá a dynastia belga si o seu real chefe fôr, pelas circumstancias, obrigado a ouvir um discurso do dr. Sá Vianna. Quatro annos de guerra fizeram V. M. perder a noção do perigo; só assim se explica o desejo que tem V. M. de vir ao Brasil, sabendo que aqui está o professor Sá Vianna com um discurso assestado contra o real throno da Belgica. Reflicta V. M. um pouco antes de vir; pense no futuro dos seus filhos antes de embarcar.

Saindo a *Liga dos Gatos Pingados,* receberá V. M., caso não tenha fallecido, uma delegação esportiva, cujo orador official será o sr. Coelho Netto, homem de coragem terrivel que, em pleno rosto, lhe chamará Hercules, Achilles, Charonte, Niebelung, Apollo de Delphos, Jupiter Amon, Zeus, filho da Stygia, vencedor do Acheronte, rival de Pompeu, heroe de Pharsalia; depois comparará a Au-

gusta Consorte de V. M. com Venus de Cnido Diana de Epheso, Pallas Athenéa, Eleusis, Salambô, Dido, as canephoras, estatua de Tanagra, Lysistrata, Circê, Astartê, Gorgona, Helena de Sparta, Hygia e Clytemnestra.

O resto do programma, no Rio, será como se segue.

Banquete no Itamaraty, onde o chefe do Protocollo, não por maldade, mas por simples distração, collocará o senador Raymundo de Miranda no logar de V. M. e V. M. no logar do senador Raymundo.

Artigo do sr. Teixeira Mendes (duas paginas do *Jornal do Commercio)* provando que os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos (o que é uma grandissima calumnia assacada contra os mortos) e mostrando que o incomparavel Carlos Magno é o verdadeiro e digno fundador da Republica Occidental — tudo isso sem nenhuma relação com o caso, mas de bôa fé, em homenagem a V. M.

Récita de gala no theatro Municipal. Protophonia do *Guarany* pela orchestra dos Concertos Symphonicos. Discurso do dr. Pinto da Rocha, no qual V. M. será comparado com o sorriso dos anjos nos crepusculos vesperaes, com o palpitar dos corações virgens nas tardes de primavera, lyrio do valle oriental, brilhante, estrella Vesper do pastor errante, inspiração medievica dos paladinos do Rheno, rosa de amor, rosa purpurea e bella, etc., etc.,

tudo quanto se dizia em 1830. Varios poetas dirão *cantos reaes;* variadissimas senhoras e senhoritas cantarão arias: *Vissi d'arte, Voi lo sappete, o mamma, C'era una volta un principe, O ciel di Parahyba, O mio Fernando* e outras ainda mais antigas, caso fôr possivel. Para terminar — Hymno Nacional.

Caçada da raposa na fazenda de Gericinó, onde não ha nem uma raposa, a não ser quando lá apparece o sr. general Lauro Müller...

Manhã de aviação no campo dos Affonsos.

Soneto positivista do capitão Alipio Bandeira, coisa mui digna de se ler.

Gymnastica na Brigada Policial.

Noitada de gala no High-Life-Club, com maxixe por dentro e luminarias por fóra, *coisa muito apropriada ao momento,* como diz o Paschoal.

Varias partidas de futebol e corridas de cavallos.

Para terminar, o augusto nome de V. M. será dado a uma rua em Bom-Successo ou na parada de Ramos.

Depois destes variados supplicios, partirá V. M. para S. Paulo, onde ficará, provavelmente, hospedado no *Rotisserie* que, como hotel, é um pouco melhor do que o palacio do governo, segundo dizem. Banquete no paço presidencial. Visita ás redacções dos jornaes. Pa-

rada da Força Publica no prado da Moóca, numero infallivel que é preciso elogiar, dizendo que a policia paulista é melhor do que o exercito allemão. Visita á Escola Normal: V. M. dirá que a Escola Normal de S. Paulo é melhor que a Normal Superior de Paris, e não se esqueça de evocar a memoria do sempre chorado dr. Cesario Motta. Gymnastica no Jardim da Infancia; é preciso dizer que o Jardim da Infancia de S. Paulo é superior aos seus congeneres da Suissa e dos Estados-Unidos. Finalmente, numero obrigatorio e que é o de maior successo em S. Paulo: visita ao Instituto de Butantan, onde V. M. apreciará a lucta de duas cobras, que se devorarão mutuamente, de modo que só ficarão visiveis as pontinhas das duas respectivas caudas, coisa mui para ver-se, apesar de que me parece grande desaforo fazer um rei viajar tres mil milhas pelo mar em fóra, só para assistir ao almoço de duas jararacas. As visitas ao Arcebispo e ao monumento do Ypiranga são facultativas. A visita á Faculdade de Direito é aconselhavel, apezar de perigosa, por causa dos discursos.

De S. Paulo irá V. M. a Bello-Horizonte. Em Minas o programma é, como por toda parte, pouco attrahente, mas tem a vantagem de ser simples. Além dos oculos calamitosos do senador Francisco Salles, terá V. M. de supportar apenas o seguinte: visita ao Congresso e á Faculdade de Direito; missa na

matriz de S. José; parada da Força Publica no Parque; ir a Ouro-Preto, ver a estatua de Tiradentes (é preciso elogiar Tiradentes); visitar o Arcebispo de Mariana; finalmente, o pavoroso numero de successo em Minas: descer ás galerias das minas de Morro Velho — coisa medonha! Tambem não ha mais nada felizmente...

Agora pergunto eu a V. M. si vale a pena incommodar-se um rei e sua real esposa, dama de tão alta jerarchia, para vir ao Brasil. Creia V. M. que a sua visita nos daria muito prazer, porque, desde que daqui partiu o sr. d. João VI, de adiposa memoria, nunca mais vimos um rei. Tivemos, é verdade, dois imperadores, mas imperador é uma coisa, rei é outra. Coisas parecidas, mas não eguaes. Além disso, o ultimo imperador que tivemos partiu para a Europa aos setenta annos, em viagem de recreio e de instrucção, desde 1889, e não voltou mais; de maneira que um rei seria um espectaculo inedito para nós, que só reconhecemos reis de baralhos. Entretanto, muito maior do que a nossa curiosidade de republicanos natos e forçados é o nosso apreço por V. M.; e é por isso que não queremos vel-o exposto a morrer de um discurso do professor Sá Vianna ou de uma recita de gala no theatro Municipal — sem fallar nos artigos dos jornaes no dia da real chegada de V. M.

Isso diz a V. M. este que, sem ser com-

mendador nem conselheiro intimo, pede a Deus que guarde V. M. por muitos e dilatados annos, como todos os seus vassalos hão mister.

Creado de Vossa Majestade,

ANTONIO TORRES.

NOTA — Esta carta foi publicada um anno antes de vir o rei Alberto ao Brasil e, pois, um anno antes de ser conhecido o programma dos festejos. Quasi tudo que ahi está se realisou. Com excepção da recita do *High-Life-Club*, que está fechado desde que morreu o Paschoal Segreto, de alegre memoria — os reis belgas fartaram-se de massadas no Rio, em Bello-Horizonte e em S. Paulo. Em compensação, além de valiosos presentes, dignos de rajahs hindús, levou S. Majestade o Rei no seu real bolso um credito de cem mil contos, que ao commercio belga abriu o governo brasileiro no Banco do Brasil. Disse, pois, grande verdade o rei Alberto, quando, agradecendo em telegramma a hospedagem que lhe proporcionámos, declarou que o Brasil tinha dado aos belgas *provas tangiveis* de sua amisade. Tangiveis e sonantes, deveria ter dito Sua Majestade...

PELOS CINEMAS

Toda esta semana — tão pequeno ainda é o Rio! — foi tomada pela fita cinematica *A Derrocada*, extrahida de uma novella de egual nome, da autoria do sr. dr. Teixeira Leite Filho, ex-official de gabinete do presidente estadual Nilo Peçanha, actual official de gabinete do chanceller Nilo, e provavel futuro official de gabinete do sobredito Nilo, quando o mesmo senhor voltar para o Ingá—o que todos desejamos, fazendo votos que seja breve...

Andam os jornaes cheios de espoucantes elogios a esse magno producto da industria nacional; qual a dizer que a fita é sublime a não poder mais; qual a affirmar que os artistas são inimitaveis; qual a insinuar que é falta de patriotismo não irmos todos ver essa producção ineffavel, fixada por operadores supimperrimos. Alguem houve até que affirmou poder *A Derrocada* rivalisar com qualquer fita norte-americana, como si os espectadores fossem todos cégos e, pois, incapazes de discernir

entre a indigencia omnimoda das fitas nacionaes e a riqueza polymorphica, phantastica, das fitas norte-americanas. É verdade que 90 % desses zambumbantes elogios são materia paga pela empreza; restam 10 %, metade dos quaes se deve attribuir a pedidos de amigos do autor da novella, correndo a outra metade por conta do natural desejo que tem toda a gente plumifera de agradar a joven tão amavel e mais — da privança, bastas vezes rendosas, do nosso Metternich de chocolate...

Diga-se a verdade toda, embora com algum sacrificio d'amizade: a novella do dr. Teixeira Leite, como assumpto de cinema, não é nem melhor nem peor do que qualquer novella de mediocre interesse, das muitas que apparecem por ahi nas telas, para enlevo da gente honesta e extase dos basbaques d'um e d'outro sexo. Como litteratura, muito se teria que dizer daquelle drama; como, porém, *A Derrocada* appareceu em fita, deixemol-a em paz com a consciencia do seu autor, caso essa consciencia não esteja a esta hora vesga de remorso de havel-a escripto e feito exhibir, sem ter tido o preliminar cuidado de reunir os seus futuros espectadores numa polyclinica, onde medicos sapientes examinassem o estado do seu coração (delles) e lhes verificassem a pressão arterial, a ver se estavam ou não nos casos de soffrer tantas e tão agudas quão ininterruptas emoções...

Trata-se de uma roceirinha fluminense, fi-

lha d'um peão, que é como quem diz — d'um amansador de burros chucros e potros bravos, — a qual roceirinha, industriada pela mãe, hespanhola que tem muita vocação para alcoveta, acceita os galanteios de um joven fazendeiro, com o qual foge; mas o peão, que é uma féra e não admitte desrespeitos á sagrada instituição da familia, sae ao encalço dos fugitivos, munido de um trabuco pavoroso, com que dá tiros como um damnado, até que um dos seus projectis alcança e mata a propria filha; isto ao mesmo tempo que o fazendeiro continúa a dar de esporas no pangaré, o qual vôa a toda brida com o patrão por cima — coisa mui para ver-se. Depois o peão apanha a roceirinha morta; enfarda-a na sella; esporeia o seu cavallicoque e volta para o rancho, onde deposita o cadaver; mas antes disso, para unir o pathetico ao grandioso, pega fogo á macega das proximidades da fazenda; o fogo alastra-se pelos mattagaes visinhos e vae devorando tudo até attingir o rancho do peão, onde mãe e filha são incineradas, ao mesmo passo que elle se salva e embrenha-se pela mattaria, o ladinorio...

É em de redor desta effabulação que se desenvolve a acção dramatica, em que as personagens vão dando o seu recado como podem, quer dizer, penosamente. Com effeito, sabido que nós não temos actores nem actrizes, é bem de ver que, embora *A Derrocada* fôsse uma obra prima de carpintaria theatral,

teria de por fôrça aluir desde a cumieira até os alicerces por culpa dos comediantes, e não se aproveitavam nem os andaimes. Ademais, sendo o cinema arte de mimica pura e de enscenação vertiginosa, como havemos nós de ter cinema nacional si não temos actores nem actrizes, pois as poucas que por cá vegetam nos vêm de Portugal e são horriveis; si não temos scenographos, nem aderecistas; si não temos operadores habeis, do que é prova o facto de todas as fitas nacionaes apresentarem figuras invariavelmente escuras a mover-se em campo azul-cinzento?

Vae d'ahi, como não havia actriz que fizesse a parte da matutinha, improvisou-se uma. Nada mais simples. Pois não estava ahi a exma. sra. Apachinette? Mande-se representar a Apachinette. Mas quem é Apachinette? — perguntei a um amigo que conhece bodegas nocturnas onde se joga o bacará. E elle me explicou que Apachinette era uma tal que canta em salas de tavolagem toleradas pela policia!

Ora, succede que o typo moral da roceirinha brasileira ainda não foi estudado litterariamente: não está descripto artisticamente pelos romancistas, nem fixado pelos pintores, nem dissecado pelos psychologos, e talvez nem esteja ainda definitivamente formado. Seja porém, como fôr, é typo complexo e já perfeitamente differenciado da camponeza lusitana, da camponeza franceza e de qualquer outra, quer do Velho quer do Novo Mundo. Assim sendo,

só actriz de talento verdadeiro, para não dizer —só actriz de genio—é capaz de, pela observação propria, encarnar com lucidez artistica e exactidão emocional o typo psychologico, ainda virgem, da nossa camponeza, isto para o theatro; ora, o cinema não exige a uma actriz menos talento do que o palco scenico, porque a actriz de cinema tem de reduzir toda a creação dos seus typos a gestos e modificações da mascara; e nunca chegará a fazer semelhante reducção antes de estudar muito todas as theorias geraes de theatro e, em particular, com minuciosidade escrupulosa, o typo que houver de crear. Agora pergunto eu: que poderá conhecer dos ingenuos costumes brasileiros uma pobre rapariga franceza, sem instrucção inicial nem tirocinio artistico, já com a sensibilidade embotada por pratica diurna de esbornias permanentes, habituada apenas ao ambiente d'azeiteiros e alcaiotes, devastada pela cocaina e por amores lesbios, e que de repente é retirada dessa atmosphera dissorante para encarnar, por mimica requintada, o typo, para ella desconhecido, de uma ingenua sertanejazinha?

O resultado é o que se tem visto: os sorrisos da roceirinha candida substituidos por esgares de regateira; e a gesticulação e o andar, que nas nossas camponezas é quasi desgracioso á força de espontanea castidade, substituidos por ademanes estudados de *gigollette* profissional. E' é esta falta de probidade artistica que me irrita.

Ha uma scena de banho ao ar livre que, podendo ter sido deliciosa de candura bucolica, tornou-se insupportavelmente estapafurdia. A rapariga despe-se até ficar em camisa; depois tira de cada perna duas meias, acerca do que tenho matutado á grande, sem atinar com a explicação; depois, calmamente, deita-se nas pedras que orlam o leito do poço e começa, com a maior sem cerimonia, a esfregar-se nellas com volupia, como se estivesse sobre um colchão de plumas; e nada de cair dentro d'agua (não fôsse ella franceza!); afinal, sentindo-se espreitada pelo joven fazendeiro, que casualmente, estando a caçar, acertara de passar por ali, só então cáe no poço, que é raso, atravessa-o e vae esconder-se no bosque, arisca nympha da Hellade em fraldas. E o fazendeiro? Pensam os senhores que elle, ao se lhe deparar aquella dryade tropical, embora um tanto anemica e desnalgada, estremece, fusilando-lhe os olhos de surpresa, inflando-se-lhe as narinas de puro caprinismo, sentindo nas veias a ardente circulação da vida livre? Qual! O homem fica a olhar para aquella visão, aparvalhado, com os mesmos olhos de carneiro philosopho, e, ao que parece, sem saber, com sufficiente certeza, si aquillo será uma mulher ou si será um coelho.

Que pobreza a scena do amansamento de *potros bravios*, como diz a legenda! Pobres potrancas de beira-mar, mansissimas, bem educadas, ia eu a dizer — evangelicas — e eviden-

temente afflictas por que aquelles senhores da cidade as deixassem triturar em paz o seu capim! Nunca viram potrancas bravias...

Concluindo, convenhamos nisto: talentos não nos faltam para a arte cinematica, como para qualquer outra arte, mas carecem de ser educados; o que nos falta é dinheiro, muito dinheiro, immensamente dinheiro para mandar vir dos Estados-Unidos operadores, scenographos, directores de scena, actores e actrizes, emfim, uma missão cinematographica capaz de instruir os nossos patricios que se quizerem dar a essa arte. O cinema é arte de norte-americanos; e quem tencionar aprendel-a tem de tomal-os para mestres, si quizer apresentar trabalhos decentes e de molde a educar o bom gosto do publico.

SI O CINEMA É UTIL

O sr. Mario Bhering, director da revista cinematographica *Para Todos*, pediu-me lhe mandasse, em quinze linhas, para o seu interessante periodico, a minha opinião sobre o cinema, isto é, si, a meu ver, o cinema é util ou si será antes pernicioso. Como, em quinze linhas, é impossivel dizer o que se deve a respeito de assumpto de tamanho alcance, pareceu-me mais acertado tratar disso na minha columna semanal.

O cinema em si nem é bom nem mau. Ir ao cinema, em si, constitue o que os theologos chamam *actos indifferentes*. A meu modo de entender, quanto maior uma cidade, menor será a influencia do cinema; quanto menor o povoado, maior será o seu raio de acção. Em Paris, por exemplo, onde sobram diversões educativas — taes a Opera Lyrica, a alta comedia, os museus, os monumentos publicos, os bellos templos, as galerias de pintura e

de estatuaria, as bibliothecas e conferencias populares, os concertos musicaes ao alcance de todas as bolsas — em Paris, é o cinema genero de diversão muito secundaria. Ainda assim, em certos centros menos inclinados a divertimentos mais elevados, a acção dos maus cinemas se faz sentir tão fortemente, que os magistrados, sociologos e criminalistas já se impressionam com o numero de criminosos, principalmente de menor edade, imitadores de personagens cinematographicas, que figuram nas estatisticas. Entre nós tambem já tem apparecido casos de menores criminosos influenciados por fitas de cinema. Ainda ha pouco tempo, no Rio G. do Sul, dois pirralhos de dez a doze annos, filhos de familias honradas, suggestionados por historias de salteadores por elles vistas em cinemas, resolveram viver como bandidos; para o que, roubaram cavallos arreados, pistolas e munições a seus respectivos paes e foram-se para o campo, onde, durante muitos dias e noites, commetteram toda a sorte de tropelias, furtos e desatinos. Não chegaram a matar ninguem; mas roubavam, extorquiam dinheiro a quem passava pelas estradas vizinhas donde elles se achavam. Presos finalmente e restituidos a seus paes, em poder dos dois rapazes encontrou-se para mais de um conto de réis, dinheiro a que a sua edade ainda não sabia dar applicação...

No Rio de Janeiro, o cinema é altamente prejudicial. Só de raro em raro apparece al-

guma fita capaz de instruir e de edificar o publico.

Nas fitas francezas, gira sempre o entrecho em torno do adulterio, thema estafado por varios seculos de uso.

Nas fitas italianas ha os dramas de paixão: um eterno esculptor casado, que abandona uma mulher muito santa por causa de uma prostituta espaventosa e muito fazedora de posições plasticas, em que se lhe destaquem os seios e as ancas. Essas paixões italianas terminam quasi sempre num suicidio. Bella escola, portanto, para rapazes e raparigas pertencentes ás melhores familias da capital de um paiz que, exactamente por ser novo, deve defender-se rigorosamente contra tudo quanto concorrer para a dissolução dos seus costumes...

Quanto ás fitas norte-americanas, essas me parecem ainda peores do que as francezas e as italianas. Com effeito, ha nesses innumeros *Paramount-Films* e *Fox-Films* os mesmos adulterios francezes, as mesmas dramaticas paixões italianas e mais uns elementos que raramente se deparam nas producções européas: a brutalidade selvatica dos vaqueiros, as correrias doidas por montes e matagaes, o egoismo metallico dos banqueiros, todo um conjuncto complexo de qualidades de onde se extrahe, como se isola na retorta um alcaloide, falta de elegancia mental, ausencia de sentimentos cavalheirescos e muita semsaboria mazorra.

Além disso, taes producções cinematographicas são vehiculos de propaganda *yankee*, desnacionalisadoras por conseguinte. Depois, são fabricadas com tal realismo, em certas scenas, que eu nem sei si nos Estados-Unidos será permittido exhibil-as ou si, pelo contrario, taes productos não se destinam exclusivamente á exportação para a America do Sul. Verdade é que, segundo dizem, os norte-americanos não têm, a certos respeitos, os nossos escrupulos meridionaes, e costumam dizer, em Nova York, que, no dia em que passar uma virgem por debaixo da ponte de Brooklyn, virá a ponte abaixo...

Nós, porém, que temos outras tradições, devemos fazer o possivel por conserval-as. Refiro-me á reserva com que, até pouco tempo, eram educadas as meninas, nas proprias cidades de beiramar, e que hoje se vae perdendo. Quem quizer aquilatar a influencia do cinema no Rio, basta-lhe deter-se meia hora numa avenida e ver passar as moças: com poucas excepções, o vestuario e o andar são evidentemente copiados das actrizes e meretrizes dos cinemas. Antigamente se distinguiam damas de familia e damas da alegre vida, quando não pelo vestuario — modesto nas primeiras, espaventoso nas segundas — ao menos por certo saracoteado d'ancas muito caracteristico nas ultimas e que altamente escandalisava as senhoras honestas. Já agora é difficil distinguil-as, porque o vestuario de todas é semelhante, sendo

tambem egual em todas a gelatinosa trepidação das garupas.

Estes, entretanto, são os aspectos exteriores do problema. Alludi, linhas acima, ao realismo de certas scenas exhibidas nas salas de projecções cinematographicas. Taes scenas são geralmente a negação de toda a moral indispensavel ás sociedades: reuniões de bohemios e prostitutas que se embriagam, estas assentadas sobre os joelhos daquelles; beijos chuchurreados e espasmos de volupia; roubos, furtos, assassinatos, emfim, toda uma altissima escola de crimes e prostituição, por meio de exemplos. Muitas vezes taes scenas são simples minucias dum drama que, em conjuncto e no desfecho, não deixa de ter certo alcance moral; mas, pelo trabalho posterior de imaginação, principalmente nos rapazes e raparigas, que mal acabam de entrar na puberdade, a moralidade de uma fita desapparece por completo, emquanto a phantasia dos menores continúa a trabalhar na reconstituição de scenas eroticas que se lhes gravaram na memoria tão bem, tão fortemente e com tanta nitidez como estavam impressas na pellicula que lhes exhibiu o operador. As desordens que taes espectaculos determinam no systema nervoso, e, por via delle, no psychismo dessas victimas (que outro nome não merecem), são incalculaveis; e as suas consequencias moraes são faceis de prever para quem costuma visionar taes contingencias, um pouco d'alto. Ora, que me conste

ainda nenhum povo forte se formou, levando os paes a seus filhos e filhas a certas casas onde se lhes ensine, por meio de quadros animados, o melhor processo de que dispõe um homem para arrombar cofres fortes, e a maneira mais agradavel que tenha uma rapariga para se pendurar aos beiços do seu amante.

De maneira que, numa cidade como o Rio de Janeiro (e o que se diz desta cidade entenda-se a respeito de todas as demais cidades do Brasil), numa cidade como o Rio de Janeiro, onde o unico divertimento é o cinema; onde não ha monumentos, nem galerias de quadros, nem estatuas, nem bellos templos, nem museus, nem passeios campestres, ou excursões maritimas dotadas de certas condições de conforto e de segurança individual, nem suggestões de especie alguma a altos pensamentos, o problema da moral cinematographica me parece fóra de qualquer solução que não seja a suppressão completa dos cinemas — o que é impossivel. Pelo que, o melhor que podemos fazer ainda é cruzar os braços e ir acompanhando, phase por phase, como curiosos, como sociologos, ou como adeptos de tal esporte, o instructivo phenomeno da putrefacção geral. Si bem pensarmos, veremos que a humanidade, antes e depois do cinema, é sempre a mesma. Como diz o meu mestre Montaigne nos seus ENSAIOS, o homem é, em tudo e por toda a parte, feito de remendos e sarrafos. Dahi, é bem possivel que a razão esteja com os amigos do cinema e

correlatos descabellamentos; e, si o meu amigo sr. Mario Bhering não estiver de accôrdo, póde, declarando aos leitores da sua revista que estas considerações estão erradas, atirar tudo isto á conta da mysanthropia do autor. E olhe que talvez acerte...

AGUA CORRENTE...

Eis ahi um bonito livro de versos, que acaba de me enviar o poeta Olegario Marianno. Dizem-me, e eu o creio, que o exito desse livro tem sido extraordinario. A mim não me admira. Cada livro de versos que o sr. Olegario Marianno lança no mercado representa uma victoria para o editor, que é sempre elle proprio, no que faz muito bem, porque só assim póde fiscalisar a tiragem e a venda dos seus poemas...

Quanto ao exito dos livros do sr. Olegario Marianno, explica-se pela grande aceitação que têm os seus versos no mundo feminino, principalmente entre as raparigas casadoiras. Será então o sr. Olegario Marianno o nosso Alfred de Musset? Não. Está muito longe disso. Musset amava, chorava e cantava, mas pensava tambem, contra a vontade, diga-se, mas pensava. *Malgré moi l'Infini me tourmente,* dizia elle. O sr. Olegario Marianno ama e canta

apenas. Nem chora nem pensa. Quanto a não chorar, faz bem. É ridiculo o homem que chora, a não ser de raiva ou quando lhe morra a Mãe! Chorar por motivo de amor, como o finado Casimiro de Abreu, excede os limites das coisas licitas, principalmente quando o individuo já transpoz a casa dos vinte annos. Depois dessa edade, ou elle se casa, enterrando-se de uma vez na cinzenta monotonia do lar, ou não se casa e então viverá colhendo amores aqui e ali, conforme a elasticidade da sua bolsa. Em qualquer destas hypotheses, o amor, depois dos vinte annos, deve deixar de ser assumpto de versos, a não ser de versos gigantescos. Ha já trinta annos, com effeito, que Augusto de Lima, nas CONTEMPORANEAS, mettia a ridiculo

O amor franzino e meigo, o amor da Decadencia,
Que anda nos camarins dos theatros, de luneta,
Cheio de pó de arroz e a rescender a essencia
Dos extractos subtis da fina violeta...

O leão da moda, o *chic,* o amor das flôres bellas,
Que do piano aos sons nas salas esvoaça,
E, ora alegre, ora triste, encosta-se ás janellas,
Fita o travesso olhar na rua a ver quem passa.

. . . .

Eu canto o grande Amor, a eterna lei dynamica,
Que imprime movimento ás fôrças da materia,
E, como o Mahomet, na velha lenda islamica,
Os seres arrebata á immensidade etherea.

Elle desce subtil nas azas da tormenta,
Nos pingos de crystal das chuvas abundantes,
A fecundar da terra a entranha poeirenta
E a raiz secular das arvores gigantes.

. . . .

Sacrosanto, profundo, immaculado, eterno,
Ora, é como os heroes — robusto, estoico, enorme;
Ora meigo e singelo — é como o olhar materno,
Fitando o doce berço onde a criança dorme.

. . . .

O amor sereno e bom, o grande democrata,
Que nivela a cabana e o paço da realeza,
Liga num laço d'oiro os seios côr de prata
E os seios côr de sangue — o heroismo e a belleza...

. . . .

O sr. Olegario Marianno é o poeta do bom tom. Seus versos são elegantes, sobrios, delicados e superficiaes como a sociedade a que se destinam. Não se enquadram felizmente em nenhuma escola. Ha nelles vestigios vagos de mysticismo, de symbolismo e de animismo; mas são antes de tudo lyricos, muito subjectivos e pintam amores fluidos a meias-tintas. Com pequenas excepções, são sempre as mulheres que os inspiram.

Cinzas. Recordação perpetua, infinda,
Do que fui, do que foste, ideal sonhado.
Vejo-te cada vez mais triste e linda,
Eu cada vez mais triste e desgraçado,
Mais desgraçado, porque te amo ainda.

Ou então:

Nesse torneio de galanteria,
Quem vencerá? Sou eu? És tu talvez?
A verve, o paradoxo, a ironia
São meu elmo, meu gladio e meu arnez.
Pela mão delicada que me acena,
Pelo olhar de volupía e de altivez,
Por minha Fé, quero rolar na arena!
Senhora! Batei palmas! Um! dois! tres!

E assim por deante. Vê-se que a sua lyra é monocordia. A corda é que, embora seja sempre a mesma, é tão doce e faz tão pouco ruido que não chega a aborrecer. É pena que a vida mundana do poeta não lhe deixe tempo para estudar e pensar. Dotado de sensibilidade, podia, si estudasse e meditasse, tirar da sua inspiração effeitos ineditos. O proprio amor póde suggerir a temperamentos de eleição imagens novas e altissimas; e só assim, atravez de imagens cheias de espiritualidade, é que elle póde apparecer em livros de versos; porque é acepipe tão commum, tão quotidiano e tão millenar, que só podemos tragal-o quando vem condimentado com genio. Albert Samain, por exemplo, o grande poeta belga bastante querido da nossa alta sociedade (duvido muito de que o comprehendam) tem no CHARIOT D'OR muitas poesias de amor. Mas a altitude a que remontam os seus remigios, quando vibram nos vôos que suggere Venus, difficilmente po-

derá ser attingida, quanto mais excedida. Samain espiritualisa todas as sensações. Não é, portanto, um sensacionista puro, mas um typo raro de sensibilidade. Nelle é possivel distinguir duas entidades: o poeta e o homem; mas este não sente sem que aquelle generalise e espiritualise a sensação, expungindo-a de todas apparencias animaes, para transforma-la em expressões aereas, crystallinas, espirituaes como o pensamento puro. Assim fazia tambem Shelley. Veja-se, por exemplo, este soneto de Samain, que vem na parte *Interieur*, do CHARIOT D'OR:

Ce soir, ta chair malade a des langueurs inertes;
Entre tes doigts fievreux meurent tes beaux glaieuls;
Ce soir, l'orage couve, et l'odeur des tilleuls
Fait pâllir par instants tes lèvres entr'ouvertes.

Les yeux plongeant au fond des campagnes désertes,
Nous sentons croitre en nous, sous la nue en linceuls,
Cette solennité tragique d'être seuls;
Et nos voix d'un mystère anxieux sont couvertes.

Parfois brille, livide, un eclair de chaleur;
Et sa clarté subite, inondant ta páleur,
Te donne la beauté fatale des sibyles.

L'ombre devient plus chaude et plus sinistre encor;
Et, brulant dans l'air noir, nos âmes immobiles
Sont comme deux flambeaux qui veilleraient un mort.

Ó grande Baudelaire, deus viciado e mau! Tu terias assignado este soneto. Que coisas immensas palpitam nestes quatorze versos dramaticos! Essa creatura, em cujos dedos febris fenecem lyrios roxos; e que, quando se incuba a tempestade, sente empallidecer, com o aroma das tilias, os labios entreabertos, não é a flôr melindrosa da Civilisação? Quando os olhos dos dois amantes se mergulham no fundo das campinas desertas, elles sentem crescer em si, sob os lençóes das nuvens, a solemnidade tragica da solidão; e as vozes de ambos são veladas por ancioso mysterio. Ha no ambiente lividos clarões de fogo; e essa claridade de relampagos, inundando a pallidez da bem amada, lhe dá a belleza das sibyllas, que, á bocca das cavernas temidas dos guerreiros, proclamavam oraculos homicidas. A sombra crepuscular, que envolve os amantes, torna-se cada vez mais calida e sinistra; e, queimando-se no ar negro, as suas duas almas, immoveis de amor e de espanto, são como dois cirios funerarios que ardem juntos do cadaver da Illusão...

Eis como canta, eis em que Epiphania se manifesta o amor grande, que se ala a pincaros desconhecidos, asphyxiado de luz e subjugado pelo mysterio circumdante. Esse é o amor susceptivel de desnortear os homens, porque, antes de deslumbrar os outros, elle mesmo se assombrou com o drama em que se debate o seu proprio ser.

O sr. Olegario Marianno, que é alguem, que é *elle mesmo,* que tem feição individual, deve cultivar o seu homem interior pelo estudo e pela meditação. Não se contente com os sorrisos faceis das meninas carminadas dos salões. Ellas se extasiam com os seus versos, mas, no fundo, os seus cerebrosinhos limitados não distinguem com sufficiente clareza um poeta de um fulbéque. Para ellas, o poeta que escreve bons sonetos e o homem que dá chutes mathematicos numa partida de futebol são individuos que ellas admiram por fazerem piruetas de que ellas se sentem incapazes; mas, si as interrogarmos, si lhes exigirmos a prova analytica do seu enthusiasmo, sorrirão (tanto quanto lhes permittirem as espessas camadas de creme e pó de arroz que lhes cobrirem as rugas precoces); olharão para um e outro lado; ajustarão as luvas e... não saberão discernir um poeta de um gól. Este, o grande perigo que ameaça o meu querido Olegario Marianno. Escrever para moças póde ser muito doce, mas é permanente ameaça contra a immortalidade do escriptor; porque, si as mulheres lisojeiam a vaidade de um poeta, somos nós, os homens, que formamos a opinião que julga, que glorifica e que condemna... Realmente, as mulheres se contentam com muito pouco, ao passo que a posteridade exige muito. Si o sr. Olegario Marianno quer sobreviver a seus livros, o que é natural, não se contente só com applausos femininos; si, porém, não faz

questão de que os seus versos sejam tão ephemeros quanto os seus amores e as suas musas, nesse caso póde e deve continuar por onde vae, porque conviver com as mulheres é suave como sugar o mel dos favos ainda orvalhados pelo rocio da manhan...

O HYMNO DA PAZ E OUTROS HYMNOS

Morando perto de uma escola primaria, accordo toda manhã ao som de hymnos mais ou menos patrioticos, entoados pela pequenada. Ás vezes sorrio, ao pensar nas poeticas parvoices que o governo mette na bocca das crianças, parvoices das quaes tambem eu cantei algumas na escola primaria. O *Hymno da Republica,* por exemplo, tive de cantal-o muitas vezes. Data, pois, da minha infancia e ogeriza que me inspira toda a litteratura do sr. Medeiros e Albuquerque. Sempre me dei mal com ella. Já prestaram attenção ao *Hymno da Republica?* Leiam lá:

Seja um pallio de luz desdobrado
Sob a vasta amplidão destes céos
Este canto revel que o passado
Vem remir dos mais torpes labéos.

Ha pouco tempo, pedindo-me um amigo que o substituisse, como professor, durante alguns dias, numa aula de portuguez, veiu-me a idéa de mandar analysar pelos alumnos (rapazes entre quatorze e dezeseis annos de edade) o primeiro periodo do hymno republicano. Mandei que um delles escrevesse no quadro negro a primeira estrophe e comecei a pedir-lhes apenas a significação de cada palavra. Nenhum sabia o que fôsse *pallio* nem *amplidão,* nem *revel,* nem *remir,* nem *torpes,* nem *labéos.* Tive de explicar-lhes em primeiro logar o que fôsse um *pallio,* para depois inicial-os nos tremendos mysterios da metaphora *pallio de luz.* Estavam todos na mesma situação mental em que eu, no tempo da escola primaria. Desta estrophe, naquelle tempo, eu só sabia a significação de *pallio,* e isso mesmo, porque, nascido e educado numa cidade archiepiscopal, via muitas vezes, nas procissões, o sr. Arcebispo, que ia — explicavam-me — *debaixo do pallio,* tendo nas mãos o Santo Lenho; e os varaes de prata do pallio eram levados pelos srs. vereadores da Illustrissima Camara Municipal — costume antigo... Só depois de homem é que pude atinar com o que fôsse ou quizesse ser um *pallio de luz*...

Como o *Hymno da Republica* são quasi todos os hymnos e canções que usamos, a começar pelo nosso exdruxulo hymno nacional (o *nó suino,* como querem outros) no qual ha aquelle trechozinho famoso:

Ó Patria amada!
Idolatrada!
Salvo seja...

Neste famoso hymno nacional, de que só se salva a musica barbara, mas expressiva, de Francisco Manoel, ha expressões que as crianças não podem comprehender. Exemplos: *placidas, fulgidas, vivido, limpido, garrido, symbolo, flammula, clava, flanco,* etc., etc.. Muitas professoras haverá que não serão capazes de dar immediatamente, sem prestanejar, o significado de algumas dessas palavras. Quanto mais as crianças! E' é possivel encontrar litteratos, alguns até membros da Academia, que não conheçam com bastante clareza a accepção e o emprêgo desses vocabulos no discurso...

Agora está sendo cantado nas escolas primarias o *Hymno da Paz,* musica do maestro Alberto Nepomuceno, versos do sr dr. Felix Pacheco, membro da Academia de Letras. Ouço sempre esse hymno pela manhan. Não quero que se pense ser eu inimigo nem detractor de mestre Nepomuceno, artista possuidor de tão grande talento quanto de sciencia musical; mas a musica do seu hymno é tristonha e, como tal, impropria ao fim a que se destina. Parece que o illustre compositor, tão versado na alta musica da escola alleman, quiz dar ao seu hymno um *tonus* religioso e solemne; mas, fugindo-lhe este effeito, saiu a sua composição excessivamente melancolica, ecclesiastica e funebre.

O autor dos versos, sr. Felix Pacheco, escreveu outr'ora alguns bonitos sonetos e poemetos symbolistas; mas a sua inspiração acabou cedo, embotando-se-lhe o estro na bigorna do jornalismo diario e da politica partidaria. Assim, o seu hymno ninguem o entende. Sem fallar numa serie de palavras que ha nelle e que não estão ao alcance de intelligencias infantis, taes, entre outras, — *pandemonio, infrenes, corcel, albatroz, liça, arrebol, fragor, prelio,* etc., é preciso dizer, por amor á justiça e á verdade, embora correndo o risco de magoar homem tão poderoso como o redactor-chefe do *Jornal do Commercio,* é preciso dizer que o seu hymno, enviado, sem assignatura, a qualquer revisteca de estudantes, seria recusado. Si não, vejamos:

> Tudo era morte ha bem pouco;
> A Europa inteira, um vulcão;
> E no pandemonio louco
> Só se escutava o canhão.
>
> Mas volta o riso e começa,
> Por obra e favor da Cruz.
> Bemdicta a paz que regressa,
> Abrindo as azas de luz!

Para que dizer *pandemonio louco?* Haverá pandemonio sensato? *Mas volta o riso e começa!* Começa quê? E a fazer quê? *Por obra e favor da Cruz!* Que cruz? Então a paz foi assignada por influencia da cruz de Chris-

to? Todo poeta tem licença para mentir, mas só até certo ponto; não se deve mentir tanto ás pobres crianças, que, coitadinhas, ignoram as influencias complexas que fizeram terminar por algum tempo a guerra. Como se vê, os versos citados estão sem sentido. Formam apenas um amontoado de palavras cadenciadas e rimadas, mas destituidas de significação. Si eu não tivesse a consideração que tenho pelo sr. Felix Pacheco, proporia outro estribilho. Este, por exemplo:

Mas volta o riso e começa
A morar em Santa Cruz.
Bendicta a paz que regressa,
Vinda da estação da Luz.

Ou então:

E o Bastos Tigre começa,
Com o juiz Eurico Cruz,
A dizer que a paz regressa
Nas barbas do Fabio Luz!

Mais adiante, diz o illustre poeta:

As grandes torres solemnes
Das antigas cathedraes
Soffreram golpes infrenes,
Desmoronando-se em ais!

Assim, pois, os canhões tudescos arremessavam balas contra as torres da cathedral de Rheims, por exemplo; pensam os senhores que

as paredes do templo se desmoronavam em caliça, pedras e pedaços de argamassa? Não: desmoronavam-se em ais! Naturalmente, a primeira obrigação de um poeta é não ter bom senso, quando faz versos; mas não até ao ponto de dizer que egrejas, quando caem, dão ais. Virgilio falla de cavernas que gemeram: *gemitumque dedêre cavernæ*; mas descrevendo toda a destruição de Troya, nunca lhe inspiraram as Camenas dizer que o palacio de Priamo, ao cair, gemia: *Eheu! Heu mihi! Ai de mim!*

Isso que ahi fica citado é bem pouca coisa em comparação da seguinte quadra:

> No proprio espaço distante
> Galopa o corcel feroz,
> Levando o terror adeante,
> Montado sobre o albatroz.

Mas que albatroz? Si estivesse escripto — *num albatroz,* ainda bem; mas o artigo *o* parece determinar um albatroz a que anteriormente já se houvesse feito referencia. E *montado sobre!* Diz alguem que vae *montar a* cavallo ou *num* cavallo. É verdade que quem monta *num cavallo* fica *sobre esse cavallo,* si não cair do outro lado; mas, usualmente, ninguem diz: *Montei sobre aquelle alazão. Criança, eu montava sobre cavallos de pau.* O que se diz é: *Já montei naquelle alazão. Criança, eu montava em cavallos de pau.* Demais, quem

haverá ahi capaz de imaginar um cavallo montado num albatroz?

. . . .

Galopa o corcel feroz,
Levando o terror adeante,
Montado sobre o albatroz.

O corcel, montado no albatroz, leva o terror deante de si, no arção da sella? Ou será que o terror, montado no albatroz, é levado por deante pelo corcel feroz a patadas, relinchos e dentadas? Não se póde conceber essa visão macabra. Eu tenho aqui em casa uma bella edição do *Orlando Furioso* maravilhosamente illustrada por Gustave Doré. Costumo ficar alguns momentos, na solitude do meu pobre quarto de solteirão sem methodo na vida, mergulhado naquelle estranho mundo de Armidas e Rhedomantes, a contemplar todos aquelles gryphos, dragões e hippogryphos, gerados pela phantasia formidavel de Doré; mas, francamente, nunca pensei num cavallo montado num albatroz; o contrario ainda se poderia conceber, com algum esfôrço; isso, porém, não. Mas a respeito de cavallos basta. Passemos adiante.

Quantos ceguinhos chorando
A claridade do sol!
Quanto amor se estraçalhando,
A esperar este arrebol!

O poeta quiz evocar a imagem de muitos amores que definhavam, á espera de que o horizonte começasse a enrubescer-se com as primeiras claridades do arrebol da paz; fel-o, entretanto, com a maior impropriedade; porque ninguem concebe amores a estraçalhar-se, quando se encontram; não consta que o façam.

> Abel não morreu nem morre;
> Um dia o Bem chega emfim;
> E Deus, que aos justos soccorre,
> Amaldiçôa a Caim.

Isto nada significa. Abel não morreu nem morre! Como não? Morreu, sim, senhor! É dos livros. Abel já falleceu ha muitos annos. Devidamente autorisado, posso affirmar que sim. E, si não tivesse morrido — por signal que de morte lamentavel — Deus não poderia amaldiçoar a Caim. Uma coisa depende da outra. Uma vez que o poeta nega a morte de Abel, tem de negar tambem a condemnação de Caim. E si não, veja os quesitos:

1.º Quesito: — Abel morreu assassinado por Caim?

Resposta: — Não.

2.º — Caim deve ser amaldiçoado?

Resposta — Prejudicado.

Queira o dr. Felix Pacheco desculpar-nos este desabafo. *Amicus Cicero, amicus Plato, sed magis amica veritas.* Peor do que esse *Hymno da Paz* só conheço uma ignobil canta-

rola patriotica que anda por ahi, com o nome de *Canção do Soldado Paulista,* musica melancolica, amollengada e frouxa, versos pernibambos e caxingós.

Nós somos da patria a guarda,
Fieis soldados,
Por ella amados.
Nas côres da nossa farda,
Rebrilha a gloria,
Fulge a victoria.

Em nosso valor se encerra
Toda a esperança
Que um povo alcança;
No peito em que ella impera
Rebrilha a gloria,
Fulge a victoria.
A paz queremos com fervor,
A guerra só nos causa dor.
Porém como a patria amada,
Foi agora ultrajada,
Luctemos com valor.

Como é sublime
Saber amar.
Com a alma adorar
A terra onde se nasce.
Amor febril
Pelo Brasil
No coração não ha quem passe.

Como é que se permitte á mocidade cantar semelhante borracheira?

Mas, conforme eu disse, o sr. Felix Pacheco ha de desculpar-me esse desabafo. Quero muito bem a S. Exa., mas quero muito mais bem ás creanças das escolas; e quando, pela manhã, ouço as da escola vizinha ao meu tugurio entoar esses versos do *Hymno á Paz,* versos immusicaveis por falta de uniformidade e de symetria das tonicas, sem tonalidades lyricas, incomprehensiveis e incongruentes, tenho pena da pequenada.

Já que não temos hymnos nem canções modernas dignas da infancia, recorramos nesse caso aos hymnos antigos, do tempo da Independencia, como o

> Já podeis, da Patria filhos,
> Ver contente a mãe gentil.
> Já raiou a Liberdade
> No horizonte do Brasil.

Caso não prefiram est'outra quadrinha, contemporanea da Maioridade, creio eu:

> Atirei um limão n'agua;
> De pezado foi ao fundo;
> Os peixes todos gritaram:
> Viva Dom Pedro Segundo!

Isto ao menos se entende. A primeira qualidade dos hymnos patrioticos deve ser a facilidade de serem comprehendidos, logo de pri-

meira vista, por todas as intelligencias no paiz a que se destinam. *Allons, enfants de la Patrie!* Não ha camponio francez que não entenda este incitamento, cujo simples enunciado já é um começo de marcha triumphante para a frente. O allemão vae ao fim do mundo com esta simples e grandiosa phrase: *Deutschland über alles in der Welt!* O inglez domina o mundo com esta coisa clarissima: *Rule, Britannia!* O *Hymno de Garibaldi* é e ha de ser sempre o melhor excitante para o italiano combater:

Si scuopron le tombe!
Si levano i morti!
I figli d'Italia
Son tutti rissorti!

Não ha engraxate napolitano, por analphabeto que seja, que não comprehenda estes versos limpidos, bem accentuados, symetricos e musicaes. As nossas crianças cantam com indifferença, porque não sabem o que estão dizendo. Que miseria intellectual, santo Deus!

A EGUALDADE DOS DEUSES

> Segundo noticiaram todos os jornaes, ás duas horas da madrugada de terça-feira, foram presos na casa da rua da Passagem n. 175, quando resavam uma missa ao deus *Xangô*, dezoito pessôas d'ambos os sexos, que foram logo conduzidas para o xadrez do 7.º districto pelo commissario Barcellos.
>
> Rosa Ribeiro, a dona do *candomblê*, foi posta em liberdade juntamente com as outras mulheres, por se haver provado serem todas empregadas como criadas de servir em casas de familias das redondezas. Os homens foram recolhidos ao xadrez.

Eis ahi, sr. Presidente da Republica, um caso que merece a vossa attenção, ao menos nas horas vagas. Atrevo-me a perguntar-vos si é licito á vossa policia prender cidadãos por motivos religiosos. Sim, por motivos religiosos, porque, quando Barcellos feroz bateu á porta do 175 da rua da Passagem e entrou na sala, viu, reunidos em torno de uma mesa,

alguns homens e mulheres que rendiam culto a certo deus desconhecido, apenas com um rito um tanto ruidoso. Barcellos, o Intransigente, entrou, brandiu o bengalão policial, como na *Madame Angot,* e decretou:

— Está tudo preso! Tudo preso á ordem do Chefe de Policia!

— Mas, seu commissario, respondeu timidamente um dos crentes, estavamos apenas celebrando uma missa em louvor do deus Xangô...

— Missa a esta hora não admitto! Já todos para o xadrez! A dois de fundo!

Os crentes não tiveram coragem para discutir nem protestar: submetteram-se e foram para a delegacia, que tal é a sorte dos fundadores de religião; mas as mulheres, como provassem que eram criadas de gente bôa, foram postas em liberdade. Ahi tendes, sr. Presidente, a que está reduzida a liberdade dos cidadãos sob a vossa feliz Regencia. Qualquer commissario de policia penetra em casa particular ás duas horas da madrugada; não encontra nella vestigios de crime; mas prende os circumstantes por adorarem Xangô! Quanto ás mulheres, por serem criadas de pequenos burguezes e funccionarios publicos, têm logo alvará de soltura. Os homens são criminosos e vão para a enxovia; as mulheres, posto encontradas de parceria com elles, em flagrante do mesmo delicto, essas, não! Erro sobre erro, arbitrariedade sobre arbitrariedade, crime sobre crime! Barcellos, sózinho, é delegado, é

juiz e é codigo. Barcellos prende, Barcellos julga; Barcellos condemna; Barcellos absolve. Para isso traz elle na dextra nobilissima a vara da Justiça, symbolisada pelo triumphante pau policial com que faz entrar os recalcitrantes nos emperrados eixos da machina democratica. Depois, contente e feliz, Barcellos tem uma idéa: manda chamar a reportagem e os photographos. Estes fazem estourar o magnesio no xadrez; aquelles copiam do livro de partes os nomes dos formidaveis criminosos; trabalham os gravadores; trabalham linotypistas, revisores e mecanicos; rodam prelos modernissimos; e na manhã seguinte, Barcellos, ainda na cama, depois de saborear o cafézinho matinal, lê, encantado, nos jornaes do dia: «O commissario Barcellos fez hontem uma importante diligencia. Rondava essa zelosa autoridade pela rua da Passagem, quando... etc..» Ora, francamente, não valia a pena ter Guttemberg inventado a imprensa para que esta noticiasse assim, tão simplesmente, sem o menor protesto, a prisão de alguns cavalheiros accusados do unico crime de adorarem um deus differente do que adopta o Presidente da Republica, isto num tempo em que a humanidade está farta de saber que todos os deuses são eguaes perante o seu proprio e eterno nada...

Em que paiz estamos? Em que época vivemos? Pois então descobre-se a machina a vapor; descobre-se a electricidade; proclamam-se os direitos do homem na Revolução Fran-

ceza; faz-se subir a Sciencia a páramos taes, que de tão altos são vertiginosos; descobre-se a imprensa; promulgam-se leis cuja estructura repousa numa base formada pela liberdade de consciencia; decreta-se a mais ampla liberdade de cultos; e uma bella madrugada, notavel senhor policial manda abrir a porta de uma casa em que uns pobresinhos adoram um deus ignoto e, só por isso, leva-os para o xadrez! E a imprensa, que foi feita para combater todas as modalidades da tyrannia, noticia o facto, documenta-o com a photographia das victimas e não se insurge, não se revolta, contra essa prepotencia da Inquisição republicana em plena America do seculo XX! Demonstra isso que, si temos estradas de ferro, palacios, submarinos e machinas rotativas, em materia de liberdade de consciencia não nos distanciamos ainda muito dos tempos de Thomé de Souza. Assim procediam naquelles tempos contra os que eram apanhados em delicto de feitiçaria, bruxedos, sortilegios e outros nefandos peccados contra a Fé. Depois de interrogados e processados, eram os réos entregues ao braço secular. Geralmente acabavam queimados vivos, mui solemnemente, emquanto os dominicanos, em volta da fogueira, psalmodiavam devotamente o *Miserere*... Agora já não se queimam vivos os que são presos por adorarem Xangô. As autoridades contentam-se de prendel-os. Pouco importa, entretanto, que esses illuminados não sejam condemnados á

fogueira como outr'ora; o acto de prepotencia praticado por Barcellos é, pelo seu alcance moral e pela sua projecção humana, identico ao que praticavam o cardeal de Torquemada e S. Pedro Arbues. Ainda Torquemada tinha a seu favor os argumentos hauridos na Fé; mas Barcellos? Barcellos não tem justificativa, porque Barcellos é autoridade de uma Republica em que todos os cultos são permittidos, todos os ritos autorisados, desde que não perturbem a ordem, todos os deuses, emfim, amplamente tolerados, desde que se não constituam em franco antagonismo com o Estado. Portanto, sr. Presidente, tanto direito tem de existir pacificamente entre nós Xangô como Jesus-Christo, pois todas as divindades, como todos os cidadãos, são eguaes perante a lei. Vós adoraes Jesus-Christo em espirito e verdade, como quer o Evangelho? Estais no vosso direito. Bernardino da Conceição, mais nacionalista, prefere Xangô? Está no seu direito. De mim, devo dizer que respeito Xangô, Jesus-Christo, Budha, Jupiter Capitolino, Jupiter Ammon, Zeus, Tupan, todos os deuses antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros. Moysés, segundo ensina o Pentateuco, recommendava a seus compatriotas que não acceitassem deuses estrangeiros — *Non habebitis deos alienos;* mas Moysés, como todos os libertadores e patriotas, era, e nem podia deixar de ser, naturalmente jacobino. Hoje que estamos mais adiantados e, pois, sabemos mais do que Moysés, podemos

admittir perfeitamente entre nós deuses estrangeiros; não vejo nisso perigo algum, porque uma das mais encantadoras qualidades pessoaes dos deuses é serem inoffensivos. O que não podemos tolerar é que Barcellos tenha preferencias em questões divinas. Direis, sr. Presidente, em estylo das vossas mensagens, que Xangô é um deus «ainda não sufficientemente estudado,» um deus desconhecido; mas, exmo. sr., qual é neste mundo, o deus conhecido, far-me-heis o favor de dizer-me? Sabeis o que é Deus? Não. Nem eu. Ninguem o sabe. Nunca houve quem o soubesse. Assim sendo, o mais prudente ainda é decretar neutralidade perante os theologos e não perseguir a ninguem por questões espirituaes. Espero, pois, que vós, sr. Presidente, fazendo um pequeno esfôrço sobre a vossa consciencia catholico-feudal, mandareis dizer a Barcellos que, sendo permittidos todos os cultos no Brasil, ninguem póde ser preso só porque adora Xangô.

A RESPEITO DE NAMORO...

Eu tinha promettido a mim mesmo, e sem suggestão de quem quer que fôsse, não usar mais da minha penna contra o professor Austregesilo, a cuja litteratura dei as honras de um capitulo em livro que escrevi de collaboração com Adoasto de Godoy — Da CORRESPONDENCIA DE JOÃO EPISCOPO — leitura pouco aconselhavel, principalmente ás damas, por demasiado succulenta e substancial. A não ser em ligeiras e raras referencias aqui ou ali, desde 1915, não me occupo com a personalidade litteraria do illustre clinico, não só por não valer a pena estar a perder tempo com litteratura de chefes de clinica, como tambem por haver deante de mim assumptos de mais importancia geral. A politica, a administração publica, os problemas operarios, a questão social, a guerra e outras que taes me parecem ter mais importancia do que as bellas letras do genial escriptor da *Alma do Serrote*.

Não sei si os leitores têm notado que ha

já muito tempo que eu não trato de litteratura. Si o notaram, muito bem; si não o notaram, tambem não lhes faz isso mal nenhum, nem a elles nem a mim e muito menos ainda á posteridade. Seja como fôr, sendo rarissimo apparecer livro que preste no Brasil, não tem a gente plumitiva outro remedio sinão chafurdar-se até as ventas nos atascadeiros da politicagem e commentar — triste destino! — os discursos do deputado Bressane e as arengas do senador Raymundo.

Os livros que apparecem entre nós são geralmente tão despidos de interesse, tão desprovidos de idéas geraes, tão rachiticos, tão cacheticos, que depois de percorrel-os, o mais que se deseja é offerecer aos autores uma grammatica da lingua nacional e um vidro de oleo de figado de bacalhau, além de algumas chicotadas no lombo para desaggravar o bom senso. Assim, pois, não me occupando de litteratura, eu tinha promettido a mim mesmo e ao meu glorioso patrono, o bemaventurado padre Santo Antonio de Lisbôa, não incommodar o dr. Antonio Austregesilo. E de facto, os senhores têm visto: este homem sinistro, malfeitor da lingua, assassino da grammatica, estripador do bom senso, hebdomadario e contumaz dynamitador da Esthetica, este homem, cuja simples existencia á superficie do planeta é um permanente insulto atirado á face da Belleza, ha já alguns mezes se arvorou em chronista e, semanalmente, lá vem pelas co-

lumnas do seu jornal a dizer aos leitores que «a dôr é o diamante negro engastado no coração humano», e outras parvoices que jornal de certa respeitabilidade não publicaria, a não ser que quizesse, de caso pensado, faltar com o respeito devido a seus leitores.

Admitto que se publique tudo — moral, amoral e immoral — contanto que seja bem escripto. Creio ter sido Oscar Wilde que disse não haver livros moraes nem livros immoraes, mas apenas livros mal escriptos e livros bem escriptos. Póde parecer que eu esteja aqui a arvorar-me em palmatoria do mundo, a ponto de querer dictar regras em casa alheia. Não. O jornal que publica os artigos do sr. Austregesilo e de outros academicos, alguns dos quaes litterariamente parecidos com elle, está no seu direito; mas, como no nosso paiz ainda não ha publico mentalmente bem educado e que possa, por si mesmo, seleccionar, com autonomia intelectual e critica bem orientada, os valores litterarios que se lhe apresentarem, cuido que é dever de todas as consciencias limpas chamar a attenção dos ingenuos para triumphadores como o dr. Austregesilo e dizer-lhes: «Amigos, este homem é medico da mais alta roda do Rio de Janeiro; é professor na Faculdade de Medicina; é membro da Academia Nacional de Medicina e da Academia Brasileira de Letras; mas todas essas posições elle as conquistou em virtude de um conjuncto de circumstancias que lhe foram favo-

raveis, e por ter sabido, desde a mocidade, acatar os seus superiores, inclinar-se deante dos medalhões, venerar os seus mestres, embora muitos delles não passassem de respeitaveis cavalgaduras, sorrir aos ministros, dizer vacuidades assucaradas ás damas e nunca se esquecer de tirar o chapéo a jornalistas...

«Sabei, amigos, que este homem nunca se revoltou contra ninguem; nunca abriu nem aceitou luta com os que estavam de cima; nunca provocou a quem quer que fôsse: nunca foi irreverente para com summidade alguma. Por isso venceu! O que se premiou nelle não foi a fulguração do talento nem a envergadura do combatente, mas apenas a submissão do bom rapaz que queria fazer o seu caminho sem acotovellar a ninguem. Nem sempre, pois, o bom exito na vida, significa merecimento e denota valor.»

Pensava eu estas coisas, depois de ler a ultima chronica do professor Austregesilo, sob o titulo: *Psychologia miúda do flirt*. Olhem-me para este titulo: psychologia miúda! É realmente complicada a machina cerebral deste academico, porque, si elle distingue uma *psychologia miúda*, com certeza ha de conhecer tambem uma *psychologia graúda*. Mas vamos por deante.

Começando, diz elle: «Que é o *Flirt?* Não ha definição, nem traducção desta diabolica palavra. Os diccionarios inglezes explanam-na como galantaria, garridice, e os puristas do

vernaculo chamam-lhe namoro ou namorico, qualquer inclinação amorosa de pequena dura, aligera, volatil.»

Já houve aqui quem dissesse que o *flirt* usava «meias de lã e sapatos de velludo», calçado pavoroso em climas tropicaes; faltava o dr. Austregesilo para nos dizer que o *flirt* é «inclinação amorosa de pequena dura, aligera, volatil!»

Querem saber os autores que lê este academico? Diz elle: «Livro cheio de ensinamentos graciosos é As SEMI-VIRGENS, de Marcel Prevost.» Dá vontade de chorar! Como é que um lente de escola superior, membro de varias sociedades sabias e litterarias, cheio de responsabilidades profissionaes e sociaes, não se peja de citar, como digno de marca, um romancista de fancaria, de quinta classe, como esse engenheiro Marcel Prevost! E dar como livro «cheio de ensinamentos graciosos» esse LES DEMI-VIERGES, que é uma novella imbecil, sem o menor encanto intellectual, sem amplitude mental, sem alcance humano, sem vida, sem belleza, incapaz de interessar a intelligencias habituadas a respirar no ambiente das idéas! Além de Prevost, cita o sr. Austregesilo Maupassant (respeitemos este, que é grande) Bourget, o nosso ineffavel psychologo para costureiras, Henrique de Vasconcellos (quem será este?) Julio Dantas e Gyp, até madame Gyp! Uma vez que se tratava de psychologia amorosa, embora miúda, era natural que o profes-

sor nos désse a sua opinião em linguagem clara, simples e, tanto quanto possivel, elegante; e, querendo recheiar o seu artigo de citações autorisadas, segundo os habitos universitarios, de que autores se soccorreria o sr. academico, si tivesse pratica desta difficil arte de escrever e da arte de ler, que talvez ainda seja mais difficil? Evidentemente, o sr. academico teria recorrido a Balzac, a Stendhal, que é classico nesse assumpto e de quem o proprio Balzac dizia ser «o homem mais notavel do seu tempo», a Schopenhauer, a Madame Akermann, a Chamfort, que tanta influencia exerceu no espirito de Schopenhauer, e a outros ainda, incluindo-se nesse numero Pascal, de quem existem pensamentos profundos a respeito do amor. Ao envez disso, eis como prelecciona este professor: «A sociedade moderna é um jardim florido em que de todos os rincões se exhala o perfume do *flirt,* e a arte, a intellectualidade, as modas, a galanice, os aromas, as conversas, os finos ademanes, as dansas selvagens-civilisadas constituem a atmosphera, o adubo, o ambiente para a floração fecunda de tão esquisito e bizarro jardim. São tantos os pretextos para o *flirt*... passeios ao campo em dias riquissimos de luz, palestras intimas em horas sombrias e chuvarentas, nos recantos mestos dos salões; theatros, festinhas familiares, altas recepções... tudo tudo estimula á conjugação do verbo *flirtar.*»

. . . . .

A sociedade moderna é um jardim florido! Recantos mestos dos salões! Realmente, o sr. Austregesilo é uma flôr. Mas será preciso ainda extrahir mais trechos da chronica do notavel academico? Creio que não. As amostras que ahi ficam bastam para demonstrar até que ponto tem baixado o nosso nivel intellectual e a que paroxysmos póde attingir a inconsciencia de um cidadão vaidoso, que, tendo nascido para applicar sondas e receitar emplastros, contrahiu, não se sabe como, essa estranha doença que consiste em querer ser escriptor sem ter nascido para isso. Professor, academico, chefe de clinica, medico rico, cavalheiro estimado, coisas são estas que um homem pode ser, comtanto que se mova no mundo com certa prudencia e habilidade; mas saber escrever, ter o dom de escolher com sabedoria os seus livros, ter autonomia mental, fazer da penna um instrumento capaz de interpretar as coisas bellas, isso é que não se consegue nem por decretos de ministros nem por votação de academias. Por isso, o sr. Austregesilo, si tivesse bom senso, certo se daria por satisfeito com o rotulo de escriptor que lhe collaram quando o fizeram academico; contentar-se-hia com o rotulo e deixaria de escrever, ou, pelo menos, não se atreveria a escrever chronicas litterarias; faria como o marechal Dantas Barreto, o general Lauro Müller, o desembargador Ataulpho e outros que, satisfeitos com a sua

tão merecida gloria litteraria e tendo certeza da propria immortalidade, não caem na tolice de expor-se ás chacotas do publico, escrevendo chatices capazes de indignar até a alma de um serrote!

EM DEFESA DOS ANIMAES...

(CARTA AO PROFESSOR AUSTREGESILO)

Exmo. Sr. — Batrachio, como tão graciosamente me qualificou V. Ex. no seu ultimo artigo, eis-me aqui no meu charco, coaxando humildemente para a estrella, como tão bem se qualificou V. Ex. a si proprio. Estrella é o que sempre V. Ex. foi: estrella de primeira grandeza na medicina, na Faculdade, na Acamia; estrella na alta sociedade, estrella no *bridge,* estrella em tudo: mas escriptor, não. Nunca lhe contestei os seus fulgores de estrella; e, si não fôsse o seu cavanhaque, eu era bem capaz de recommendal-o a um empresario amigo para que fizesse de V. Ex. uma estrella de companhia de operetas. Só lhe contestei qualidades de escriptor. Quero crer que, ainda como estrella de opereta, V. Ex. podia triumphar, raspando a barbicha; dar-nos-hia uma bôa *Viuva Alegre* e talvez fôsse delicioso no papel de Solange, na *Madame Angot;* eu mes-

mo, que, como batrachio rabiscador, não posso admirar o seu estylo, eu, que nunca fui coió de actiz nenhuma, talvez fôsse o mais ardente dos seus coiós, no dia em que V. Ex. fôsse estrella ali no Lyrico ou no Palace-Theatre. Porque V. Ex. é, sem tirar nem pôr, uma estrella em todas as accepções do vocabulo; escriptor, não.

Mas o melhor é citar na integra o trecho em que V. Ex. espontaneamente se metamorphoseou em estrella: «É por isto que, para os trancas litteratos, representamos papeis de victimas, onde elles exercitam as flechas envenenadas em tropos maledicentes e indigestas más-intenções. Deus foi infinitamente bom, sabio e justo quando creou as estrellas e os batrachios, os luares e o ladrido dos mastins, os leões e as serpentes, o canto das aves e o rebusno das zebras, o Bem e o Mal, os triumphadores e os malédicos...»

Assim que, além de estrella, é luar, leão, canto de ave, Bem e triumphador, quero dizer, é V. Ex. simultaneamente astro, animal carnivoro, musica dos bosques, e uma abstracção. Eu — ai de mim! — sou batrachio, mastin, serpente, zebra, o Mal! Muito mais do que tudo isso: eu sou o Tinhoso, o Sujo, o Pé de Pato. Senhor, eu sou o Anti-Christo! Emfim, aqui vou eu, arrastando o fardo de tantas entidades diversas que se accumulam e se entrechocam na intimidade tragica do meu ser. Batrachio, o meu instincto me leva

direitinho ao charco, onde caio e, morto de fome, ponho-me a comer a bicharia miúda que se cria no lodo; mas logo uma fôrça desconhecida me obriga a vir para terra firme e eis-me a crescer, a crescer, a crescer, até que, de repente, transformado em mastin, lá me vou pelo campo a fóra, aos zigs-zags, ladrando, agitando a cauda, ganindo, farejando, de focinho ao vento, procurando debalde o meu dono; desesperançado e faminto, assento-me á beira da estrada e começo a uivar, perseguido pelas moscas. Mas, sem saber como, eis-me a adelgaçar-me; afino-me; torno-me afilado e frio: é uma nova metamorphose — sou uma serpente. Saio, pois, a collear flexuosamente pelos carrascaes em busca de alimento; mas, de improviso, ao entrar numa clareira, surge-me pela frente um camponio; enrosco-me logo, armando o bote; o homem levanta o bordão, disposto a esmagar-me a cabeça; antes que elle me vibre a bordoada certeira e mortal, desfaço a minha espiral e parto contra elle, venenoso e terrivel; mas — ó prodigio! — o meu salto me transmuda em outro animal: já não sou reptil; tenho orelhas grandes, tenho cascos, como os solipedes; o meu corpo esbelto está cheio de listas brancas e escuras, de um lado e d'outro, acompanhando a direcção das minhas costellas; sou arisco; dilatam-se-me as narinas; e eu saio a correr, a galopear pela campina: sou zebra! Campeadores, montados em cavallicoques ve-

lozes, procuram apanhar-me a laço. Ouço-lhes os gritos: *Cérca! Cérca!*. Continúo o meu galope; mas de uma quebrada me surge pela frente um sertanejo, maneando o laço; estaco um instante, de orelhas fitas, e retrocedo; tópo outros, ameaçadores; então, desorientado e rapido, desembesto pela varzea além; e os homens voam atraz de mim, num galope doido, maneando os laços por cima das cabeças; cansado e arquejante, encontro um atoleiro; como zebra não reflecte, metto-me por elle a dentro e — céos piedosos! — eis-me novamente batrachio, no meu charco, junto de outros batrachios. A noite vem caindo. Lá no alto já scintilla uma estrella: é o professor Austregesilo. Então, humilde e obscuro, no silencio do meu pantano, contemplo-a e ahi estou eu a coaxar, melancolicamente, até pela madrugada... Dahi começam de novo para mim as infindas series das minhas infindaveis metamorphoses animaes.

Eis a que me reduziu V. Ex. desde o seu ultimo artigo: um animal complicado, ser complexo, ao mesmo tempo reptil e mamifero, amphibio, herbivoro e carnivoro, misera victima de seus instinctos multiplos e desencontrados. Venho, pois, pedir piedade; venho implorar misericordia a V. Ex.. Não posso continuar a ser simultaneamente batrachio, serpente, mastim e zebra; e tanto confio na sua magnanimidade, que até me atrevo a pedir licença para escolher o que eu quero ser.

Batrachio, não. É desagradavel estar a vida inteira num charco, coaxando para as estrellas.

Serpente, tambem não. Isto de andar a gente a arrastar-se pela terra, sujeito á bordoada do primeiro alarve que nos encontra, não é posição que offereça grande segurança. E si fôsse só isso! Como serpente, fico exposto ao perigo de ser um bello dia apanhado por algum roceiro, com auxilio de uma forquilha, e vendido ao dr. Vital Brasil, que me collocará no seu Instituto, com centenas de outras cobras, e virá de tempos a tempos raspar-me a bocca com uma espatula para me roubar o meu veneno. Não me convem, pois, o logar de serpente.

Lá quanto a ser mastim, não me desagradaria muito, si infelizmente os mastins não fossem tão escravisados; os seus donos os prendem na corrente; batem nelles com chicote; mandam-nos avançar contra este e contra aquelle, e, finalmente, para lhes recompensar os serviços, dão-lhes ossos a roer; ora, não tendo eu muita confiança nos meus dentes, claro está que não posso aspirar á honra de ser um bom mastim. Conseguintemente, dos quatro animaes cujo titulo e vida V. Ex. me offereceu, escolho a zebra. Como zebra fico muito bem.

É a zebra animal de luxo, carissimo e precioso. Quem possue uma zebra, trata-a regiamente a bom feno, ou então com a mais fresca,

a mais mimosa e tenra graminea dos campos. Serei mostrado a visitantes illustres e entendidos; á tarde pucharei a *charrette* da filha do meu dono; e já sinto a môça, ao chegar á casa, depois do seu passeio, saltar do carrinho e, agradecida, bater carinhosamente com a sua nivea mão no meu solido pescoço e nas minhas lustrosas ancas, dizendo: «Minha zebrazinha, tão mansinha...» E — ó delicia! — de certo recommendará logo, alli, ao tratador que me dê uma bôa ração de grama. Essa vida me convém. Depois... quem sabe lá as voltas que dá o mundo? Como zebra, bem pode ser que me elejam membro da Academia de Letras na vaga de V. Ex., de quem rebusnarei um elogio em tudo digno do meu immortal antecessor...

Não quero terminar esta carta cheia de frivolidades sem lhe declarar que, si eu quizesse insultal-o como V. Ex. insultou os que lhe não supportam a litteratura de chefe de clinica, poderia chamar-lhe nomes muito mais feios do que os que nos chamou V. Excia. Ha muitos animaes no planeta. Si ha batrachios, ha tambem chelonios; si ha reptis, ha tambem felinos; si ha solipedes, ha tambem cetaceos. Figure-se agora o espectaculo que seria V. Ex. ahi das janellas do seu vespertino, e eu aqui das sacadas do meu matutino, ambos dizendo insultos um ao outro em pleno largo da Carioca.

V. Ex., de bisturi em punho, ameaçando-me o figado, diria de lá:

— Batrachio!

E eu, indignado com tamanho insulto, de punhos cerrados, coaxava-lhe daqui:

— Chelonio!

— Mastim!—exclamava V. Ex., apopletico.

E eu, mostrando as presas, ladrava-lhe de cá:

— Fox-terrier!

Mas V. Ex., longe de se dar por vencido, bradava-me, de cavanhaque ao léo:

— Serpente!

E eu, enroscando-me todo de raiva, silvava, por entre salpicos venenosos:

— Tubarão!

Finalmente V. Ex., perdendo as estribeiras, urrava para meu lado:

— Zebra!

E eu, escoceando com enthusiasmo, rebusnava contra V. Ex.:

— Antílope!

O espectaculo seria tão interessante, que até poderiamos, com licença do municipio, erguer archibancadas no largo da Carioca, para que o publico mais a seu commodo nos applaudisse, mediante entradas pagas, mais caro á sombra, mais barato ao sol; e dividiriamos o producto da venda, o que me faria muito bom arranjo, isto no caso em que V. Ex., como homem rico, não quizesse generosamente deixar todo o producto para mim, que tenho a honra de ser, e a coragem de me proclamar,

um dos homens mais illustremente sem pecunia da minha patria.

Mas para que, ó professor amigo, havemos nós de abusar dos nomes dos animaes, nossos irmãos, para nos injuriarmos reciprocamente? É mal feito tomar os nomes dos bichos para insultar os homens, não por causa dos homens, mas em attenção aos bichos. Não sei porque havemos, por exemplo, de tomar a zebra para symbolo de estupidez. A zebra nunca foi estupida: é apenas zebra, conhece o seu logar e não pretende ser mais nada. Estupida seria ella si se mettesse a escrever chronicas, sem ter nascido para isso; mas, uma vez que ella coma com appetite o seu capim, e puxe com elegancia o seu carrinho, porque havemos nós de injurial-a, chamando-lhe estupida, só porque ella não aprendeu a escrever para ser cabotina? Respeitemos, pois, a zebra, que é um animal bello e honesto, o que se póde chamar — um bicho de bem. Creio que V. Ex. não ficaria contente si, passando alguma vez por perto de dois cães que estivessem a brigar por amor de um osso, ouvisse um delles rosnar para o outro — *Medico!* — e o outro ganir, raivoso — *Medico és tu, grandissimo academico!* Pois então sejamos justos para com elles: são nossos irmãos.

E agora que defendi os animaes dos insultos de que foram victimas por terem sido injustamente comparados commigo, vou fazer

ponto. Mas antes quero lardear este artigo de alguma erudição facil e rançosa.

Considera-se V. Ex. um triumphador e tem carradas de razão para isso. Eu tambem o considero um grande triumphador, pouco menor do que Paulo Emilio; mas quero contar-lhe uma anecdota. Houve em Athenas um poeta excellente, que se chamava Menandro. Não sei si V. Ex. já terá ouvido fallar nelle. Consulte, como eu, o Larousse. Ora, pois, um dia em que os athenienses applaudiram com vehemencia uma comedia idiota de um poetastro chamado Philemon, procurou-o Menandro e lhe perguntou:

— Não te envergonhas dos teus triumphos?

E com esta pergunta innocente e historica, tenho a honra de despedir-me de V. Ex., como

Muito seu admirador,

ANTONIO TORRES.

OS BELCHIORES DA RUA DA CARIOCA

Estando a almoçar, pedi ao criado o *Jornal do Commercio,* o que, em chronistas, é symptoma grave de falta de espirito e, portanto, de assumpto. O criado me trouxe o *Jornal,* aberto exactamente na secção *A pedidos,* onde li o seguinte:

> «Os negociantes da rua Presidente Wilson pedem aos dignos membros do Conselho Municipal que estudem e approvem urgentemente uma lei que mande eliminar da ex-rua da Carioca a escandalisadora permanencia das casas de belchiores, nada menos de 14!
>
> Quando o ex-prefeito resolveu dar a essa rua o nome universalmente bemquisto do Presidente Wilson, devia, para fazer serviço limpo, providenciar naquelle sentido, de modo que a homenagem ao grande obreiro da Paz e defensor do Direito não fôsse, como se viu, objecto de ridiculo. Uma lei municipal

deve, quanto antes, obrigar a saída desses negocios repugnantes de uma rua que deshonra o nome a que quiz honrar. Os referidos negociantes podem, sem prejuizo, procurar outras casas em ruas mais compativeis com o seu ramo de negocio, não podendo allegar que têm contractos a respeitar, porque não falta quem os compre e por bom dinheiro.»

A rua Presidente Wilson é a nossa querida rua da Carioca, cujo nome a prefeitura mudou mas o povo, com muito bom senso e commodismo, conservou. Lendo esse a *pedido*, comecei a pensar no que eu diria, si fôsse digno membro do Conselho Municipal e no caso em que alguem propuzesse expulsar da rua da Carioca os belchiores, isto é, os homens que compram velharias por baixo preço para vendel-as a preço mais alto. Desde que o grande Bernard Shaw foi intendente municipal em Londres, eu perdi a repugnancia em ser algum dia intendente municipal, mesmo no Rio de Janeiro, cuja patifaria só é inferior á de Londres em quantidade. Comecei, pois, a pensar no que diria aos meus collegas do Conselho e vi que seria capaz de fazer o seguinte discurso:

ORADOR — Sr. Presidente *(movimento geral de attenção)*, o nosso collega, sr. Picareta da Rocha, acaba de apresentar ao Conselho um projecto, em virtude do qual serão obri-

gados a mudar da rua da Carioca os belchiores que alli commerciam. Acho, sr. Presidente, que esse projecto...

Um sr. Intendente — ... é inconstitucional!

Orador — Não é esse o caso, si me permitte o nobre collega. Eu não venho perguntar si o projecto é inconstitucional, ou não. O que eu venho perguntar é si os belchiores, que compram roupas velhas para vendel-as mais caro, são mais censuraveis do que os negociantes de assucar, por exemplo, que compram esse producto por quatro tostões o kilo e o vendem depois a 1$200. Eu penso, sr. Presidente, que beneficiar um terno velho é tão difficil e dispendioso como beneficiar canna de assucar; apenas, emquanto o assucar é genero de primeira necessidade, uma casaca é genero de ultima.

Um Intendente — Não apoiado. Maupassant, no Bel-Ami, declara que em Paris é preferivel não ter colchão para dormir a não ter casaca para vestir.

Orador — Mas nem todo o mundo é Bel-Ami. Eu encaro apenas a questão economica. Um terno de casaca, depois de ter affrontado as intempéries de vinte temporadas lyricas, segundo o costume dos nossos mais refinados elegantes, equivale a vinte feixes de canna de assucar ou a vinte paioes de milho não debulhado. Renoval-o, sr. Presidente, é problema que exige extraordinarios conhecimentos de mecanica, de chimica industrial e de eco-

nomia politica. Pelo que tenho lido nos mais notaveis tratadistas, um terno velho é uma coisa séria.

UM INTENDENTE SUBURBANO — V. Ex. tem toda a razão.

ORADOR — Eis porque, sr. Presidente, não posso comprehender a animosidade dos outros negociantes da rua da Carioca contra os seus collegas belchiores. Uns e outros são commerciantes: uns e outros ganham; estes — mais; aquelles — menos: todos pagam imposPostos; todos gozam da mesma consideração perante a sociedade. Que mais querem? É verdade que os reclamantes protestam contra «a escandalisadora permanencia das casas de belchiores» na rua da Carioca. Escandalisadora porque? Na rua da Carioca, como em tantas outras ruas da nossa bella capital, ha, por exemplo, casas de chapéos que são de belchiores e casas de chapéo que não o são. Que differença ha entre umas e outras? A meu ver, sr. Presidente, tanto vale vender chapéos velhos como vender chapéos novos. Quem nos diz que o chapéo comprado como novo em uma casa da moda não seja algum chapéo com pratica de belchiores? Ah! sr. Presidente! Nada mais difficil do que estabelecer a Verdade...

VOZES — Muito bem!

ORADOR — ... principalmente a respeito de chapéos servidos...

VARIOS INTENDENTES — V. Ex. falla como

oraculo de todos nós, que temos experiencia do caso...

Orador — ... e de chapéos velhos. *(Sussurros)*. Como eu vinha dizendo, sr. Presidente, não ha differença entre os belchiores e os outros negociantes, a não serem as differenças dictadas pela maior ou menor somma de capital.

Uma voz — Mas então V. Ex. acha que um homem que compra colchões velhos para revender...

Orador — É exactamente egual ao homem que compra toneladas de feijão para revender. *(Continúa o sussurro)*. O que distingue uns e outros é que o homem das toneladas de feijão tem mais dinheiro do que o homem dos colchões velhos. Quanto ao resto, são todos eguaes. A mesma alma, o mesmo organismo, a mesma incultura, identicas aspirações. Si mudarmos os nomes, a cabeça, o carimbo emfim, não distinguiremos um belchior de um capitalista. O belchior é um capitalista em projecto: o capitalista é um belchior triumphante.

Uma voz — V. Ex. me permittirá a liberdade de discordar das suas idéas neste ponto...

Orador — Neste ponto e em todos os outros que V. Ex entender. Eu permitto todas as liberdades, desde que sejam inoffensivas. Ha apenas uma liberdade que eu combato, sr. Presidente: é a que entrega o fraco e faminto ás garras do forte que tem por si a omnipotencia do capital. E é em defesa desses fra-

cos que eu estou aqui nesta tribuna. O Conselho não póde approvar o projecto que está em discussão, porque elle não é mais que a protecção das ambições dos mais ricos que perseguem os mais pobres.

Uma voz — Então V. Ex. é defensor dos pobres?

Orador — Não. Eu não sou defensor dos pobres nem dos ricos; sou apenas humilde amigo da verdade. Na sociedade, como está organisada, tendo por base o capital, não ha negocios licitos nem negocios illicitos, negocios moraes e negocios immoraes. Só ha negocios que dão lucros e negocios que não dão lucros. Uma vez que os negocios dêem lucros, são legitimos; uma vez que não dêem lucros, são condemnaveis. Os unicos negocios immoraes são os que trazem prejuizos. Quando um homem, de accordo com a nossa organisação social, abre uma taberna, o seu unico dever é ganhar dinheiro; para isso elle tem direito de fazer contrabando, de matar, de envenenar, de incendiar, de tudo, comtanto que se enriqueça. *(Sensação).* Si elle não se enriquecer, passará por cretino e por fallido; póde ser mettido na cadeia, si não pagar em tempo aos credores que lhe tiverem endossado, ou aceitado, letras promissorias. Si elle tiver envenenado duzentas familias, sem cair nas garras da policia, mas tiver pago em dia as suas dividas; si tiver, como se diz em giria commercial, «saldado os seus compromissos», é ho-

mem de bem; mas si, não querendo envenenar duzentas familias, não tiver podido resgatar as suas letras, será um fallido e poderá ser mandado até para a cadeia por meio de um simples requerimento, devidamente sellado com estampilha federal. É que a sociedade, sr. Presidente, não está fundada em sentimentos humanos mas apenas sobre o CAPITAL... O nosso deus é o Capital. É elle que nos governa; é elle que merece a nossa adoração. Pois adoremol-o! Mas não admittamos differenças entre os que o adoram de um modo e os que o adoram de outro. Dentro do nosso regimen social e perante as aspirações capitalisticas, todas as profissões são licitas, uma vez que sejam rendosas e desde que não offendam as aspirações geraes do Capital. Eis porque, sr. Presidente, eu acho tão legitima a profissão dos belchiores como a dos fabricantes de assucar; tão digna a profissão dos proprietarios de usinas como a dos exploradores de casas de tolerancia!

VOZES — Não apoiado! Não apoiado! Protesto! V. Ex. é um immoral! Anarchista! Fóra! Fóra! *(O sr. Presidente pede attenção e faz soar os tympanos).*

O SR. PRESIDENTE — Attenção! Attenção! Ha um orador na tribuna! As galerias não podem manifestar-se!

ORADOR — Sinto, sr. Presidente, que este tumulto não me permitta concluir a minha explanação e provar que não ha differença moral

entre o homem que explora dez mulheres num prostibulo e o outro que explora seiscentas numa fabrica. *(Grande tumulto).* O proxeneta que explora dez mulheres no lupanar é menos criminoso do que o industrial que explora seiscentas mães nos seus teares!...

VOZES — O Conselho não póde admittir essas doutrinas subversivas! *(Apoiado! Não apoiado!)*

ORADOR — Sr. Presidente, eu peço a V. Ex. que me garanta a liberdade de concluir...

O SR. PRESIDENTE — Attenção! Quem está com a palavra é o orador!

ORADOR — Concluo, sr. Presidente, e concluo dizendo que o Conselho não póde perseguir os belchiores sem perseguir os outros negociantes. Tão bons como tão bons. A obrigação de uns e outros é ganhar dinheiro. Apenas isso. Todos são eguaes perante o Capital. *(Palmas e applausos nas galerias. Protestos violentos no recinto.* O orador não é felicitado.)

A FORÇA DE SANSÃO

> Lætantesque per convivia, sumptis jam epulis, præceperunt ut vocaretur Samson et ante eos luderet. Qui adductus de carcere, ludebat ante eos, feceruntque eum stare inter duas columnas.
>
> . . . . ,
>
> E apprehendens ambas columnas, quibus innitebatur domus, alteramque earum dextera, et alteram læva tenens,
>
> ait: Moriatur anima mea cum Philisthiim. Concussisque fortiter columnis, cecidit domus super omnes principes et cæteram multitudinem quæ ibi erat: multosque plures interfecit moriens, quam ante vivus occiderat.
>
> (JUIZES, XVI, 25, 29 e 30).

Trahido por Dalila, foi Sansão preso pelos philistheus, que lhe arrancaram os olhos e o aferrolharam num carcere em Gaza. Ordenaram depois um grande banquete em honra do seu deus Dagon, ao qual immolaram magnificas victimas; e elles e todo o povo conclamavam entre o perfume dos vinhos e o fumo

das resinas aromaticas do Oriente: «Eis que o nosso Deus fez cair nas nossas mãos o nosso inimigo Sansão, que destruiu as nossas searas e a tantos dentre nós matou!» E estando já alegres no seu banquete, depois de bem comer e melhor beber *(lætantes per convivia, sumptis jam epulis)* mandaram vir Sansão para que dansasse deante delles. Veiu, trazido da sua masmorra, e os divertia collocado, por ordem delles, entre duas columnas. E elles comiam e bebiam e se riam e zombavam do pobre heroe judeu, que trazia o craneo raspado, os olhos vasados, algemas nos pulsos, grilhões nos tornozellos, consumido de fome, calcinado de sêde, elle, para quem Deus fizera outrora brotar agua da queixada de um jumento e mel nas carcassas dos leões. Então disse elle ao menino que lhe guiava os passos: «Deixa que eu toque as columnas que sustentam a casa toda; quero encostar-me a ellas para descansar um tantinho *(Et recliner super eas et paululum requiescam)*. A casa estava repleta de homens e mulheres; lá estavam todos os principaes dos philisteus *(et erant ibi omnes principes Philistinorum)*; e nas galerias, em cima, cêrca de tres mil pessôas d'ambos os sexos, as quaes gozavam o espectaculo de Sansão cego e a dansar. Elle porém, invocando o Senhor, disse: «Ó Senhor Deus, lembra-te de mim e restitue-me agora a minha antiga fôrça, ó Deus meu, para que eu me vingue dos meus inimigos e, pela perda dos meus

dois olhos, tire um desforço unico!» E abraçando-se ás duas columnas em que repousava o edificio, tomando uma com a mão direita e outra com a esquerda, clamou: «Morra eu com os philisteus!» E, abaladas fortemente as columnas, ruiu a casa sobre os principaes e a restante multidão que lá se achava; e muito mais matou elle morrendo, do que antes matara emquanto vivo.

O povo allemão é hoje o Sansão internacional. Vencedores os alliados, justo era que impozessem aos vencidos a obrigação de restituir o que houvessem usurpado, de reparar o que houvessem destruido, de indemnisar os vencedores dos damnos que lhes houvessem causado. Taes são as leis da guerra. Invadiu a Allemanha injustamente a Belgica? Talou os seus campos? Destruiu as suas fabricas? Reduziu a ruinas as suas aldeias? Levou de vencida mulheres, velhos e creanças? Pois pague agora os prejuizos; dê dinheiro para que o lavrador faça de novo brotar as searas nos campos; reconstrúa as fabricas que destruiu; torne a levantar as aldeias que se despersaram ao sopro do tufão dos seus exercitos; entregue os fundos que sequestrou, para que com elles se concedam pensões ás victimas da catastrophe. Fez saltar as pontes de França? Obstruiu as minas? Arrebentou os canaes? Pois então reconstrúa tudo isso. Os seus submarinos afundaram navios mercantes e fizeram perecer passageiros inoffensivos? Seja então a Alle-

manha obrigada a reparar todos esses damnos, pagando não só os prejuizos materiaes como tambem as vidas que injustamente exterminou. Taes são as leis da guerra — que o vencido pague as custas ao vencedor; e taes leis a Allemanha as teria executado com implacavel rigor, si a Justiça — que, em certos casos, é apenas um conjuncto de circumstancias favoraveis ao vencedor — não estivesse do lado dos alliados. Ainda ha pouco tempo, entrevistado por um jornalista que lhe perguntou si não achava exaggeradas as exigencias dos alliados, limitou-se o marechal von Ludendorff a responder simplesmente: «Oh! ao vencedor tudo é permittido...» Estamos, pois, todos de accôrdo nisto — que a Allemanha deve pagar, em capital e juros, os prejuizos que causou com uma guerra que, si não foi querida por ella só, foi em grande parte preparada, desejada e provocada pelo partido militar que a dominava em 1914.

Mas os victoriosos estão procedendo para com a Allemanha como os principes philisteus para com Sansão. Reduziram-na, pelas armas e pela fome, a supplicar a paz; vendem-lhe, entretanto, bem caro essa paz, que não fará bem sómente aos allemães mas ao mundo inteiro.

A Allemanha tem fome e pede viveres?

— Entregue-nos os seus navios mercantes, respondem-lhe os alliados.

A Allemanha relucta, reclama, refuga, mas acaba entregando.

— Quero as minhas colonias, diz a Allemanha aos alliados.

— Ah! isso, não! respondem elles; fica para depois. *Hodie mihi, cras tibi*...

Que faz a Allemanha nesse caso? Ameaça o mundo, não já com o poder dos seus canhões, mas com o paroxismo do seu desespero. Pelo que dizem os jornaes de Berlim, vê-se bem que a palavra de ordem no antigo Imperio é hoje esta: «Ou os alliados nos dão uma paz segundo os principios wilsonianos, ou então cairemos no regimen do mais extremado socialismo.» Que fazem os alliados? Dispõem-se a humanisar-se um pouco? Não. Vão mandar exercitos para combater os maximalistas, «essa lepra do mundo», como disse ha poucos dias na Camara Franceza o sr. Pichon, com vivos applausos do sr. Clémenceau e mais burguezes reunidos.

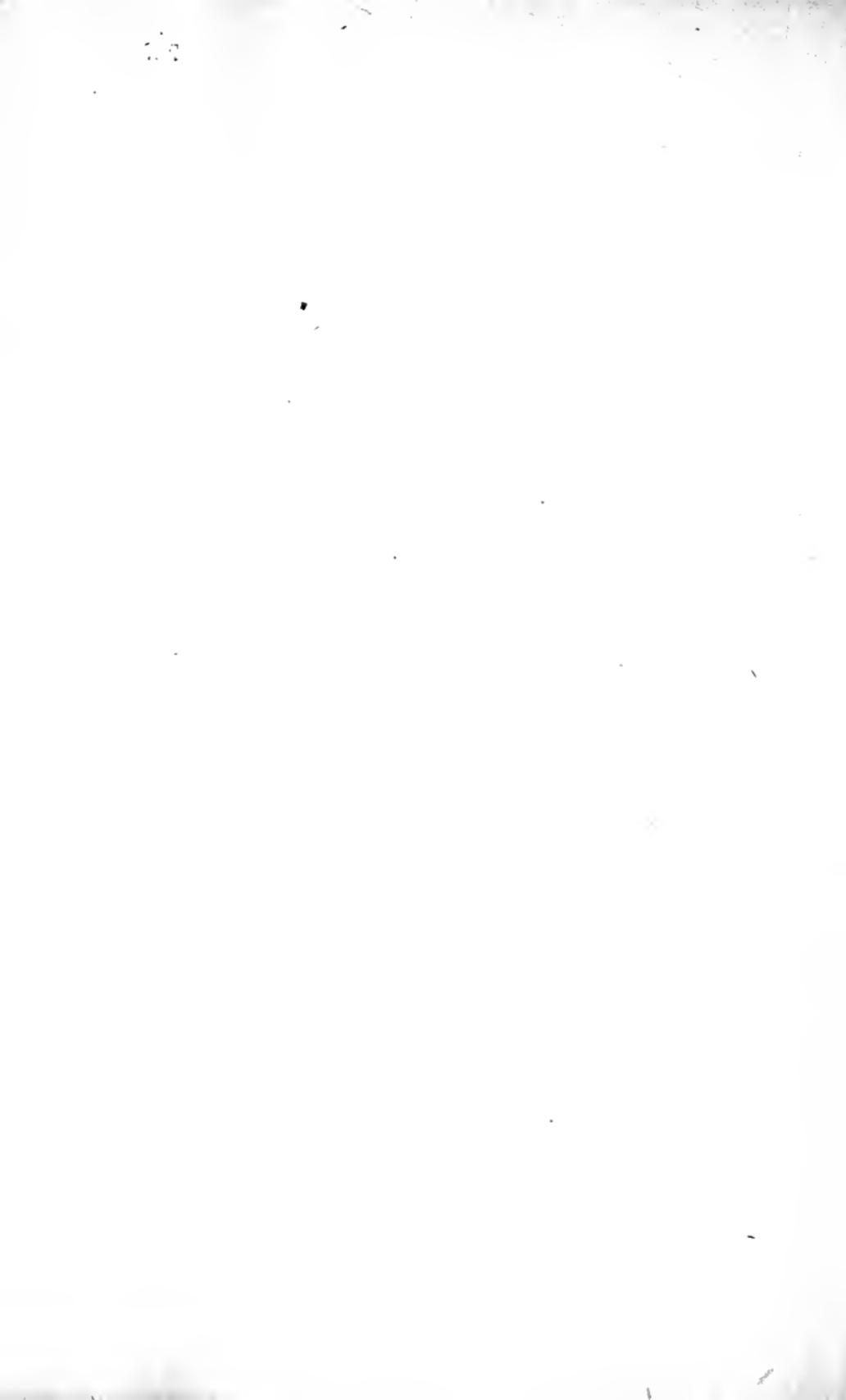
Eis ahi um francez, o sr. Pichon, que parece esquecido de um certo movimento que houve na sua patria e que é conhecido sob o nome de *Revolução Franceza*. A Europa inteira colligou-se contra a França revolucionaria; mas a generosidade e a bravura das esfarrapadas tropas da Primeira Republica puderam mais do que os exercitos regulares do Duque de Brunswick; e os ultimos representantes do feudalismo no Occidente foram para sempre destroçados em Valmy! Dizem que o

marechal Foch vae dar caça aos maximalistas; póde ser que o marechal os vença, isto no caso em que consiga fazer marchar as tropas socialistas francezas contra socialistas russos e allemães já vencidos; mas, reflectindo um pouco, quando penso que agora não se vão combater exercitos mas povos que luctam para realisar justas aspirações tenho cá meus receios de que o marechal Foch encontre lá algum Dumouriez e algum Kellerman moderno, que o faça topar na Europa central com alguma coisa semelhante áquelle Valmy que amargou o resto da vida militar de Brunswick... Porque a verdade é esta: emquanto a França combatia a Allemanha de Guilherme II, era sympathica, por tender a completar de certo modo a obra da Revolução Franceza, derrubando uma casta militar, cujos principios eram incompativeis com as aspirações modernas da humanidade e infensos á paz do mundo. Mas agora, não; os seus soldados, si a Republica burgueza conseguir que elles marchem, irão contrapor-se a idéas que já são em grande parte vencedoras em todas as intelligencias emancipadas de preconceitos e em todos os corações desinteressados. Naturalmente, nem tudo quanto querem os maximalistas é, por emquanto, praticavel; mas as idéas geraes do anarchismo sobre a distribuição da riqueza, a divisão do trabalho e a remodelação da sociedade, estão de pé e não caem mais. O que tem de cair

e já vem caindo aos pedaços, de tão podre que está e roida pelo caruncho, é a velha organisação social. Atravessamos um momento em que a Historia está gravida de problemas e esses problemas estão maduros para nascer. Nascerão. A humanidade vae dar agora mais um passo na senda do seu aperfeiçoamento moral, de accordo com os principios proclamados por essa mesma Revolução, cujas consequencias logicas a França não póde repudiar e muito menos impedir que desabrochem. É inutil appellar para o sentimentalismo dos povos que a Censura dos alliados não deixa ser clara e lealmente informados acêrca do que se passa na Russia e na Hungria. Como dizia ainda ha pouco o sr. José Ingenieros na sua conferencia sobre *A significação historica do maximalismo,* não é crivel que os revolucionarios russos tenham praticado e continuem a praticar todos os crimes que lhes attribue o telegrapho, que está sob a immediata fiscalização da Inglaterra conservadora, monarchica e plutocratica. Afinal, pergunta o sr. Ingenieros, a que se reduzem esses tão celebrados crimes de Lenine? Ao exterminio, responde elle mesmo, de uma familia de autocratas, de duas duzias de chefes militares solidarios com a autocracia e de algumas dezenas de burguezes, argentarios e burocratas que procuravam contracarregar sobre os que combatiam pela libertação de milhões de homens que nada mais queriam do que viver como

homens livres e não como escravos de grãos-duques e de militares. Mas ninguem se lembra dos milhares de operarios, camponezes, estudantes e intellectuaes que a tyrannia dos tzares assassinou a frio nas minas da Siberia; e ainda agora parece que os republicanos francezes se esquecem de que o povo allemão viveu durante todo o seculo XIX e até no principio deste seculo sob o dominio brutalisante dos quarteis, de onde sairam as hordas allucinadas que, sob uma disciplina de ferro, tentaram retalhar-lhes a patria. Não é de hoje que ha na Allemanha revolta latente contra o antigo regimen e principalmente contra a casta militar. A tal respeito ha paginas interessantes no livro MEUS QUATRO ANNOS NA ALLEMANHA, do sr. James Gerard, antigo embaixador dos Estados-Unidos em Berlim. Eis porque me parece inefficaz, para não dizer contraproducente, qualquer campanha que se emprehenda contra a actual revolução. Não se trata de um simples motim de famintos que protestam contra a carestia da vida; trata-se de uma revolução por ideaes mais altos e humanos. Os revolucionarios não odeiam nem querem atacar apenas os ricos, *os que têm que perder;* não, senhores; o que elles combatem de armas em punho, preferindo a morte á tyrannia do capital, é a propria organisação social que priva o maior numero de uma parte legitima da riqueza publica e decreta que a palma da victoria, no terreno das emoluções

sinceras e elevadas, só póde ser conquistada pelo exercicio de capacidades anti-sociaes. Todo o velho edificio, cujas columnas já vacillam entre os biceps de Sansão, tem de ruir deante da fôrça dos oppprimidos e revoltados; e dos seus destroços, que esmagarão os principes dos philistheus, outro edificio novo e bello se erguerá. *Concussisque fortiter columnis, cecidit domus super omnes principes...*

Bemdicta guerra, que faz a humanidade dar mais um passo na senda ascensional da Liberdade! Bemdita victoria, que obriga a Allemanha vencida, mas redimida do seu despotismo imperialista, a ajudar o resto do Occidente a libertar-se do despotismo financeiro e industrial...

O QUE SE VÊ NUMA TAÇA DE CHAMPANHA...

Il faut être toujours ivre. Tout est lá; c'est l'unique question. Pour ne pas sentir l'horrible fardeau du Temps qui brise vos épaules et vous penche vers la terre, il faut vous enivrer sans trêve. Mais de quoi? De vin, de poésie, ou de vertu, à votre guise. Mais enivrez-vous.

BAUDELAIRE — *Petits Poêmes en Prose* — XXXIII.

Certo amigo meu, muito mundano, muito delicado e muito magro, especie de Mephistopheles talhado em caniço, que tem a mania singular de convencer-me de que eu estou apaixonado por todas as mulheres *(risum teneatis, amici!)*, encontrando-me no ultimo dia de dezembro á noite, perguntou-me donde iria eu por acaso assistir á passagem do anno. Respondi-lhe que, sendo sózinho e Deus, iria assistir á passagem do anno em

qualquer parte, como si se tratasse de qualquer dia. Provavelmente iria andar pelas ruas menos ruidosas, meditando bagatellas, segundo um costume que nos parece muito moderno, mas que já vem do tempo de Horacio. Então elle me convidou para ir ao Assyrio, onde havia uma coisa chamada *reveillon*, que eu só conhecia pelos diccionarios; e como, ao lado de meu amigo, estava uma senhora que lhe reforçava o convite com um sorriso em que cantavam primaveras andaluzas, accedi. E lá nos fomos os tres, muito pimpões, para o Assyrio.

Os senhores conhecem o Assyrio, não? É uma empada architectonica em que domina, como motivo ornamental, o chifre. Chifres por todos os lados! Quem ali entra, deve andar com cuidado para não se espetar nalguma ponta... Touros e vaccas em todas as columnas e columnelos! É alli tal a quantidade de aspas, que o salão parece uma pagina do sr. Helio Lobo. Foi o que mais impressionou Izadora Duncan, quando por aqui esteve. A primeira vez que a grande dansarina entrou no Assyrio, perguntou si alli iam senhoras e môças de familia. Responderam-lhe que sim; e como alguem lhe perguntasse pelo motivo do seu espanto, respondeu no seu francez hesitante de californiana:

— *C'est que... enfin ... tout de même... il y a ici trop de vaches, n'est-ce pas?*

O restaurante estava repleto: grãos-senhores e grandes damas, norte-americanas e pro-

xenetas, rapazes da moda e cortezans, como se dizia no tempo do sempre chorado Casimiro de Abreu. Tangos e maxixes pela orchestra. Á meia-noite, em ponto, hymno nacional e outros hymnos. Havia na sala um rapaz que sabia a letra do nosso hymno e o cantou sózinho, com uma inconsciencia heroica! Devia de estar meio bebado... Os norte-americanos presentes cantaram o seu hymno, que tambem só elles conheciam. A sala inteira cantou a *Marselheza*, que todo o mundo sabe de cór. A *Portugueza* passou inteiramente despercebida, graças a Deus. Outros hymnos se ouviram que ninguem sabe de onde são. Terminada esta parte official e internacional — batalha de lança-perfumes, gritos, toques de cornetas de papelão, um barulho formidavel. Os norte-americanos revelaram-se os melhores corneteiros do mundo. Basta, aliás, ouvir um trecho de musica norte-americana para ver logo que o seu compositor devia ser fatalmente corneteiro. Eu já admirava os Estados-Unidos; mas, depois que ouvi os norte-americanos soprar, como possessos, cornetas de papelão no Assyrio, cresceu a minha admiração pelos discursos do presidente Wilson, o corneteiro universal e biblico do direito das gentes. Sopra, ó grande Wilson, sopra a tua corneta juridica aos ouvidos das scepticas nações européas. Lloyd George e Clémenceau te ouvirão; talvez até te applaudam, sob a influencia do vinho de Champanha, «na alegria communicativa dos

banquetes», como dizia Pelletan: mas, passada a embriaguez e curada a ressaca, elles se lembrarão tanto das tuas idéas como eu me lembro das cornetadas e do berreiro dos teus patricios no Assyrio em noite de festa, isto é, barulho muito grande, muito poderoso, mas tão sem consequencias, que a propria policia o tolerou...

Chama-se tudo isso divertir-se. Ouvir guinchos de cornetas de papelão, asperas como inubias de tamoyos; aspirar o ether dos lança-perfumes; ver as cortezans (ó Alvares de Azevedo!) atirar confetes e bolas de celluloide para as mesas das senhoras, que lhes correspondem gentilmente, apanhando as sobreditas bolas do chão e jogando-as ás caras dos cavalheiros, todos elles e todas ellas na mais bella e encantadora fraternidade: eis o que é divertir-se. Delicioso mundo! Estupenda época! Mansissima gente!

A uma mesa proxima da minha, estão alguns cidadãos entre os quaes um financeiro portuguez, baixote, gordo, atarracado, apopletico, de pés de toucinho, papada suina, toutiço hypopotamico, conjuncto pachydermico do maior pezo na praça do Rio, massa monumental e encardida que attrahia para si adjectivos exdruxulos na razão directa da sua espessura mental. Que phenomeno mysterioso é um homem de finanças! Aquelle ente, que dirige no seu banco milhões de libras, não revelava, na physionomia embotada por degenerescen-

cias tranquillas, o menor vestigio de intelligencia. Apenas, nos olhinhos, ora piscos ora mortos, certa esperteza, puramente instinctiva, de amphibio apto a respirar em todos os ambientes.

Mais adiante, outro argentario, italiano este, alto, branco, meio calvo e vesgo, physionomia obliqua e bestial. Não se tivesse enriquecido á sombra do regimen capitalista e talvez fôsse um heróe de estrada e bacamarte. Rosto commum nos gabinetes de policia scientifica. Em todo caso, forte, habil, digamos até, intelligente. A' sua vontade arma e movimenta navios tão facilmente como se move esta penna — fragil canniçozinho com que um homem, em momento favoravel, póde fazer naufragar esquadras. Tudo depende das circumstancias...

Esse homem levantou a sua esguia taça cheia de champanha; outra taça foi levantada por uma mulher alta, loira, presente magnifico dado por algum deus em momento de bom humor; e, quando as duas taças se tocaram, quantas coisas a meus olhos surgiram da espuma d'ambas! Nunca pensei que lagrimas fossem tão deliciosas. Com este meu desgraçado cerebro, onde, por decreto do Destino, ha de haver sempre alguma loucura a verrumar, comecei a medir de longe a capacidade daquella taça. Era immensa. Nella cabia o mar. Cabiam alli fabricas, dynamos gemedores, engrenagens traiçoeiras, caldeiras que ameaçam

arrebentar, turbinas, milhares de homens, navios carregados, tormentas, revoltas, fomes, desastres incommensuraveis. Cabia naquella taça o Irreparavel. Num instante kaleidoscopico vi ondear dentro della naus de todas as fórmas: umas pequeninas, leves e ageis, que podiam navegar em rios; outras enormes, pesadas, movidas por machinismos exactos como a Algebra, os quaes eram guiados por braços de homens suarentos e resignados, que só não se revoltavam contra a sua escravidão, porque todo o seu instincto animal os forçava á defesa pura e simples de sua vida contra o perigo immediato e fatal de uma distracção nos dominios infernaes da Mechanica. Os navios iam e viam: iam carregados de mercadorias; vinham carregados de ouro. Um ou outro naufragava; mas elle, o armador, engulia os naufragos. A sua garganta era maior do que os profundos abysmos, onde ha monstros cegos por ausencia de luz. E todos aquelles, navios eram delle; e todas as quilhas, homens, machinas, lemes, caldeiras e fornalhas que andam, gemem e estouram nos quatro pontos do mundo, tudo era delle, tudo estava preso por fios invisiveis á sua taça tentacular, em que o esforço humano, o cansaço, o suor, que gotteja da fronte calcinada dos trabalhadores, e a propria espuma das ondas de todos os climas se confundiam na espuma do vinho de Champanha. Só o teu genio, ó Verhaeren, sabe descrever esses paineis sinistros! Elle conti-

nuava a beber com indifferença; ella continuava a beber com divina gula, tranquilla, flôr de maravilha, toda transformada num sorriso cujo explendor sinistro me fazia pensar na candura mysteriosa com que as mulheres bellas engolem catastrophes diluidas em champanha. Mas, Deus meu, que pesadello estupido! Meditar no Assyrio! Era positivamente ridiculo querer ser uma pagina viva do ECLESIASTES no meio de uma orgia, que ia crescendo proporcionalmente á embriaguez geral pelo ether dos lança-perfumes e pelo alcool das garrafas, sem fallar nas cornetas com que os norte-americanos, segundo os seus habitos internacionaes, enlouqueciam a assistencia, inclusive os archaicos e pacificos touros das columnas. A minha vista turva mal distinguia vultos que bailavam; zumbiam-me os ouvidos; e, por entre o delirio dyonisíaco que me cercava, percebi ser eu o unico homem que ainda não estava louco. Achei que o meu estado de sensatez burgueza e melancolica podia escandalisar a sociedade alli tão dignamente representada. Então decidi-me a imital-a. E a imitei com denodo e a acompanhei com bravura; entretanto, no fundo do meu copo avêsso a etiquetas e hostil a protocollos, não distingui nem esquadras nem dynamos, mas apenas um ou outro poeta indignado que eu enguli — ó milagre! — sem repugnancia...

AO SR. PROFESSOR KRAUSE

Exm. Sr. — Si, por serdes um sabio, mereceis a nossa veneração, por serdes allemão fazeis jus á nossa sympathhia.

Sei, exmo. sr., que sois homem affeito a abrir craneos e a concertar cerebros. Segundo já tenho ouvido dizer, costumais com isso dar bom senso a quem não o tem, e restituir juizo e discernimento a quem o perdeu. Sois, portanto, o homem de quem precisavamos, o ente a cuja procura andavam, de lanterna em punho, todos os Diogenes indigenas.

Não podeis imaginar, sr. professor, a falta que nos fazia o homem por Deus destinado a concertar cabeças arruinadas. Temos aqui o professor Juliano Moreira, a quem deveis conhecer. O dr. Juliano entende do assumpto. Estudou na Allemanha e é homem calmo. O habito de lidar com loucos deu-lhe grande espirito de tolerancia para com os seus semelhantes, delle e dos outros loucos. Donde se infere que o manicomio é excellente escola de

virtude. O cardeal de Torquemada, educado em conventos, deu-lhe para queimar gente viva, em defesa da fé catholica. O mesmo se pode dizer de S. Pedro Arbues, o qual de tanto mandar queimar inimigos da Fé, foi por elles assassinado, com grande satisfação para os herejes, que se libertaram de um verdugo, e gloria para a Egreja, que lucrou um martyr. Si esses e outros santos, incineradores de hereticos e de infieis, em vez de estudar nos mosteiros, tivessem estudado nos manicomios, provavelmente não seriam martyres e santos, como Pedro Arbues e S. Domingos, nem teriam dado desgostos a tantas familias de sarracenos, judeus, albigenses, hussitas, lutheranos, calvinistas e outras pragas de homens, bolchevistas da Edade-Media e da Renascença, que exigiam liberdade de pensamento, sem fallar em outros absurdos. Si os santos, dizia eu, tivessem estudado nos manicomios, provavelmente não seriam santos, mas seriam grandes homens, como o dr. Juliano, (que, a poder de certo regimen, cura a demencia, a loucura em todas as suas variedades e modalidades) e como vós tambem, que sabeis até concertar cerebros, caso maravilhoso de se dizer!

Maravilhoso, disse eu, exmo. sr., porque não sei de outra palavra que melhor do que esta possa exprimir a admiração em que fico deante de tal prodigio; no qual, quando penso, enche-se-me o peito de esperanças, e a

minha mente se povôa de projectos, e o meu coração já não tem logar onde se mettam mais desejos de fazer bem ao meu proximo. Por isso me decidi a escrever-vos esta carta, devotamente, como se accende um cirio aos pés de um santo, para vos supplicar que, fazendo mais empenho na felicidade dos homens do que no ganho, concerteis o mais que puderdes de cerebros nesta cidade.

Senhor, si quizerdes ir á Camara dos Deputados, ao Senado, á Academia e á Faculdade de Medicina, á Academia de Letras, aos theatros, aos cinemas, ás redacções dos jornaes, aos quarteis, aos navios de guerra, aos ministerios, á Policia, ás egrejas, aos collegios, ás estradas de ferro, a qualquer parte que desejardes, ficareis assombrado da quantidade de cerebros desarranjados que encontrareis.

Vereis aqui deputados que querem ser ministros e presidentes, quando não teriam, em paiz mediocremente organisado, competencia para ser porteiros da Camara. Vereis ali senadores que, accusados publicamente de furto e falsificação, recusam-se a submetter-se a um tribunal de honra e continuam tranquillamente a ir ao Senado; de outro lado, vereis os seus accusadores quietos, tranquillos, pacatos e serenos, assentados a seu lado, odiando os accusados mas sem coragem sufficiente para apostrophal-os num *quousque tandem* á romana, como Cicero fez a Catilina.

Vereis entre os srs. medicos uns cava-

lheiros que de medicina pouco entendem, mas são litteratos, posto que de litteratura saibam ainda menos do que da arte de curar. Cuidado, pois, sr., cuidado com os vossos collegas brasileiros! No pateo da Faculdade de Medicina encontrareis a estatua de um clinico do qual não criticarei a sciencia, mas de cuja litteratura posso dizer que era estapafurdia: chamava-se Francisco de Castro. É seu filho o dr. Aloysio, director da Faculdade de Medicina. Foi esse sobredito dr. Francisco de Castro o introductor, entre nós, da mania em que vivem os medicos, de escrever em estylo archaico. Era esse dr. Francisco que se gabava de ler diariamente sermões do padre Vieira. Vieira, sr., foi um padre jesuita do seculo XVII, que escrevia ordinariamente em estylo plethorico e redundante. Tem no Brasil do seculo XX um grande imitador, que é o sr. Ruy Barbosa. Este eminente cidadão, durante a guerra, fulminava contra a Allemanha raios de rhetorica em estylo seiscentista. Emquanto por toda parte só se ouvia a linguagem do interesse nacional e do egoismo internacional, o sr. Ruy, que, não sei si sabeis, é «o genio da nossa raça» e «o maior dos brasileiros vivos», dizia coisas tremendas a respeito da barbaria dos allemães e da *Victoire* e da *Gloire de la France immortelle, de l'éternelle France,* coisa mui para ver-se; mas, como todas essas objurgatorias eram expellidas em expectorações classicas, não offendiam a nin-

guem, porque toda gente via logo que tudo aquillo era litteratura muito ao sabor dos bahianos e em geral dos nortistas, que dão a vida por fallar bonito e discretear pernostico. Verdade seja que toda essa litteratura, dizem, costuma ser bem paga, o que, por muito humano, facilmente se explica, porque, emfim, nem só de tropos vive o homem e sua familia; e por mais violenta que seja uma metaphora, por mais viva que seja uma enargueia, por mais gracioso que seja um epiphonema, nunca dará para pagar ao padeiro e desfranzir o sobrolho á custureira... Pois foi tambem o referido Ruy quem, com a autoridade dos seus muitos diccionarios e dos seus assiduos estudos, incutiu no animo do dr. Francisco de Castro a convicção de que elle, Castro, era escriptor de marca. Castro o acreditou, como aliás toda a gente. Os jovens medicos seus discipulos, avidos de exito na clinica e de dinheiro, attribuiram o prestigio scientifico de Castro ao seu muito saber grammatical. Vêde bem, exmo. sr., o paradoxo em que nos debatemos: si um clinico, receitando bismutho, cura uma diarrhéa, os seus collegas e seus discipulos dizem logo: «Elle curou o doente, porque leu os sermões de Vieira». E põem-se todos a ler Vieira, João de Barros, Manoel Bernardes, Jacyntho Freire, e outros denominados classicos, que são de ordinario individuos tão ignorantes e escriptores tão mazor-

ros, que de certo entrariam para a Academia de Letras, si vivessem hoje.

Si vos approuver continuar na peregrinação, entrae na Academia de Letras e lá encontrareis medicos; ide á Academia de Medicina e lá encontrareis litteratos; ali vereis um ou outro medico, mas o que predomina naquelle gremio é o elemento litterario; e quem ali não discute a litteratura dos arcades, esse ou trata de politica, ou falla da vida alheia; e si um medico affirma haver febre amarella na Bahia, outro medico diz o contrario e faz a apologia do governador; e si este mostra haver morphéa em S. Paulo, aquelle o nega e faz tambem a apologia do governador; e si alguem disser que ha ancylostomose em Pernambuco, seja anathema, porque o governador, esse illustre republicano que tanto honra o Estado em que nasceu, etc.... Tal é a Academia Nacional de Medicina. Chamo por conseguinte a vossa attenção para os respeitaveis cerebros dos membros componentes das duas doutissimas aggremiações littero-scientificas. Uma intervenção opportuna do vosso serrote e do vosso bituri; um exame cuidadoso do encephalo desses veneraveis senhores talvez seja de muito proveito para a nossa sciencia, para o bom senso e para as nossas letras...

Senhor, ha ainda outra especie de doença que dá na cabeça dos homens, não por dentro mas por fóra, e está produzindo considera-

veis damnos nesta cidade. Essa enfermidade, rara no interior do paiz, mas vulgarissima no littoral, faz ampliar-se de tal sorte a cabeça de um cidadão e crescer nella taes, tão numerosas e tão grandes protuberancias, que por fim elle se vê impedido de poder cobrir a cabeça, mesmo com o chapéo do seu visinho. É doença extranha essa, que só persegue os homens casados e cujo agente transmissor parece ser a propria mulher. A medicina empirica attribue a sua propagação á proximidade em que nos achamos do tropico do Capricornio; eu, porém, não acredito nisso, partidario que sou da sciencia experimental, e porque tal doença existe até em cidades proximas dos polos. Seja como fôr, venha disto ou provenha daquillo, tropical ou polar, o certo é que a enfermidade se alastra com violencia; e os individuos della contaminados tornam-se singulares, entre apathicos e contentes, apezar de adquirirem certa semelhança com uns animaes que, em certos dias festivos, costumam apparecer nos curros de Sevilha, com as aspas enfeitadas de guizos e fitas multicores; com a differença que os animaes sevilhanos arremettem furiosos contra os bandarilheiros, ao passo que os nossos são em geral mansos, trajam casaca, vão ao Municipal cochilar ouvindo Wagner, tomam chá no Assyrio, onde não deveis confundil-os com aquelles outros que se vêem pregados nas columnas, os quaes são de marmore e nada

têm que ver com os que estão em baixo, bebendo, fumando e olhando sem ver...

Além dessa, ha outra enfermidade, a que chamarei *aerocephalia* e que consiste na gradativa diminuição do encephalo, até seu completo desapparecimento, de maneira que o craneo da victima se torna inteiramente vasio, e poderieis, si o quizesseis, com o auxilio de uma bomba pneumatica, estabelecer o vacuo dentro delle. As victimas dessa extraordinaria doença, embora, apparentemente, raciocinem como os individuos normaes, tornam-se gozadoras e amoraes, por tal fórma que não distinguem o bem do mal, o licito do illicito, o pudor do despudor. A enfermidade ataca as mulheres em geral, mas de preferencia as meninas que attingem á puberdade, sendo de notar que as mais sujeitas a contrahir o morbus são as filhas cujos paes soffrem a doenca de que tratei acima (a *bucephalia*), pois as cabecinhas dellas se esvasiam na mesma proporção em que se ampliam as cabeças paternas; e assim fica adquirido para a sciencia que as filhas de bucephalos são ordinariamente aerocephalas, com excepções que, pelas estatisticas, não attingem a 5 %.

Eis ahi, pois, exmo. sr., vasto campo em que fartas messes de observações originaes poderá colher a vossa experiencia de clinico e de cirurgião. Eu tenho a maior confiança na sciencia alleman. É possivel que ella já tenha descoberto recursos cirurgicos para fa-

zer voltar ao estado normal cabeças masculinas deformadas por certas protuberancias, para restituir o bom senso aos medicos que descobrem substancias therapeuticas nos sermões de Vieira, e finalmente para encher de massa encephalica artificial as caixas craneanas das meninas aerocephalas. Recommendo, portanto, todas essas victimas ao vosso civilisado bisturi. Crede que, si vos iniciardes nessa especialidade, podereis ficar mais rico do que foi Carlos V, e é o que sinceramente vos deseja o vosso admirador,

ANTONIO TORRES.

INDICE

INDICE

CATALOGO DAS EDIÇÕES DA LIVRARIA CASTILHO

CATALOGO DAS EDIÇÕES DA LIVRARIA CASTILHO

CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE — *Sertão em Flor.* 1 vol. . . . . 3$000

XAVIER MARQUES — *A Bôa Madrasta.* 1 vol. . . . . , 3$000

DR. ANNNIBAL PEREIRA — *Um novo tratamento da blenorrhagia do homem*, 1 vol. enc. . . . . 7$000

A. CARNEIRO LEÃO — *Problemas de Educação.* 1 vol. . . . . 4$000

A. CARNEIRO LEÃO — *O Brasil e a Educação Popular.* 1 vol. . . . . 4$000

DA COSTA E SILVA — *Pandora.* 1 vol. . 4$000

P. LEONARDO MASCELLO — *A Esthetica do Silencio.* 1 vol. . . . . 4$000

ANTONIO TORRES — *Verdades Indiscretas.* (3.ª ed.). 1 vol. . . . . 4$000

ALCIDES FLAVIO — *Velaturas* (contos) 1 vol. . . . . 4$000

SOUZA BANDEIRA — (J. C.) *Evocações e Outros Escriptos.* (Introducção de Mario de Alencar). 1 vol. . . . . . . 4$000

D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO — *Apologos Dialogaes* (edição critica). Reproducção fiel da 1.ª edição de 1721. 1 vol. . . . . 12$000

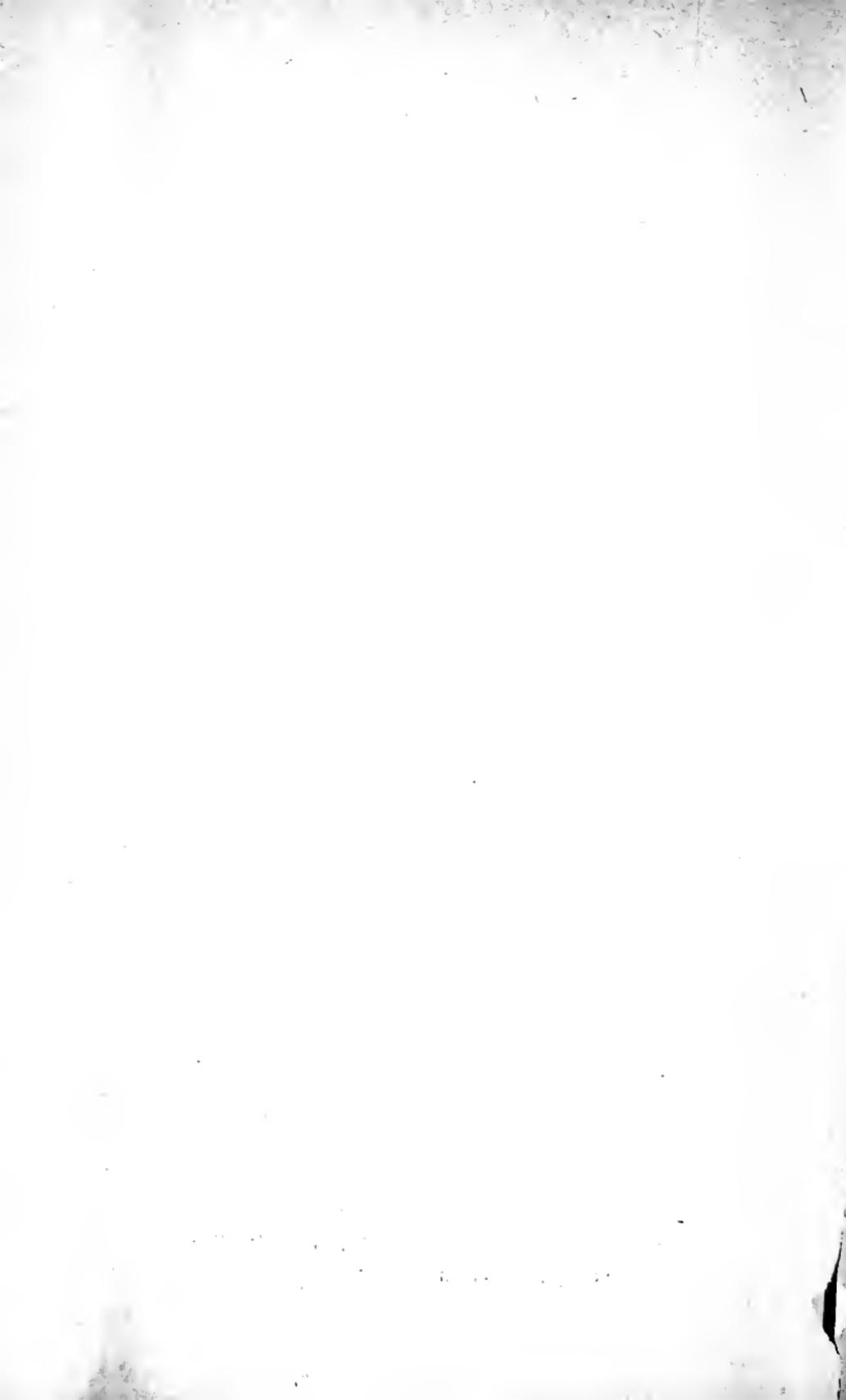
Traducções de FERNÃO NEVES:

PAULO BOURGET — *Lazarina*. 1 vol. . . . 3$000
PAULO BOURGET — *O Sentimento da Morte*. 1 vol. . . . . 3$000
TH. DOSTOIEVSKY — *Recordações da Casa dos Mortos*. 1 vol. . . . . 3$000
M. DELLY — *Escrava... ou Rainha?* 1 vol. 3$000
M. DELLY — *Entre Duas Almas*. 1 vol. . 3$000
H. ARDEL — *A Dor de Amar*. 1 vol. . . . 3$000
H. BORDEAUX — *O Descerrar dos Olhos*. 1 vol . . . . 3$000
M. DELLY — *A Freirinha*. 1 vol. . . . . 3$000
H. ARDEL — *Sósinha*. (No prelo) . . . .
AMIZADE AMOROSA. (No prelo) . . . .

RUY BARBOSA

O Art. 6.º da Constituição e a Intervenção Federal na Bahia, em 1920. 1 vol. . . 25$000
Campanhas Jornalisticas. Tomo I. Queda do Imperio. Edição revista pelo autor . . 15$000
Tomo II — Queda do Imperio. Edição revista pelo autor . . . . 15$000

NO PRELO

DR. FERNANDO NERY — *Lições de Direito Criminal*. 2.ª ed.
RUY BARBOSA — *Cartas de Inglaterra*
FELICIO DOS SANTOS — *Memorias do Districto Diamantino*
DA COSTA E SILVA — *Sangue-Zodiaco*. Edição definitiva
LUIZ CARLOS — *Encruzilhada*. (prosa)
VIRIATO CORREIA — *Arca de Noé* (Contos infantis). Edição illustrada com magnificas gravuras a cores

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL,
(ALMANAK LAEMMERT)
R. D. MANOEL, 62 — RIO DE JANEIRO
AOS 16 DE JUNHO DE 1922